XENOGLOSSIA

ERNESTO BOZZANO

Introdução

O termo "xenoglossia" foi o professor Richet quem o propôs, com o intuito de distinguir, de modo preciso, a mediunidade poliglota propriamente dita, pela qual os médiuns falam ou escrevem em línguas que eles ignoram totalmente e, às vezes, ignorados de todos os presentes, dos casos afins, mas radicalmente diversos, de "glossolalia", nos quais os pacientes sonambúlicos falam ou escrevem em pseudolínguas inexistentes, elaboradas nos recessos de suas subconsciências, pseudolínguas que não raro se revelam orgânicas, pelo serem conformes às regras gramaticais.

Não é aqui ocasião de nos ocuparmos com estes últimos fenômenos, que são de ordem sonambúlico-hipnótica e nada têm de comum com a "mediunidade poliglota", como nada de comum apresentam coro as manifestações metapsíquicas deste gênero, se bem aconteça que incidentes de "glossolalia" se intercalem em genuínas manifestações supranormais, o que não é de causai surpresa, dado que não se poderão evitar as interferências subconscientes em qualquer ramo da metapsíquica, até que estejam mais bem conhecidas as leis psicofísicas que diferenciam os estados mediúnicos dos estados sonambúlicos.

Do ponto de vista teórico, a "mediunidade poliglota" se mostra uma das mais importantes manifestações da fenomenologia metapsíquica, pois, por ela, se eliminam de um só golpe todas as hipóteses de que disponha quem queira tentar explicá-las, sem se afastar dos poderes supranormais inerentes à subconsciência humana, porquanto a interpretação dos fatos, no sentido espiritualista, se impõe aqui de forma racionalmente inevitável. Quer isto dizer que, graças aos fenômenos de "xenoglossia", se deve considerar provado que, nas experiências mediúnicas, intervêm entidades espirituais extrínsecas ao médium e aos presentes.

Não ignoro que os propugnadores, a todo custo, da origem subconsciente de toda a fenomenologia metapsíquica, não chegando a explicar as manifestações em apreço, por meio das hipóteses de que dispõem, formulou timidamente uma outra, que se denomina "memória ancestral", segundo a qual os médiuns seriam aptos a conversar numa língua inteiramente desconhecida deles, desde que algum de seus antepassados houvesse pertencido ao povo cuja língua eles falam. Nesse caso fora de presumir-se que as condições

Acervo Virtual Espírita

mediúnicas fazem brotar, das estratificações de uma hipotética memória ancestral subconsciente, o conhecimento pleno do idioma falado pelo ascendente do médium.

A bem da história, importa lembrar que a hipótese da "memória ancestral" foi sugerida originariamente pela doutora russa Maria Manaceine, porém com o intuito muito limitado de explicar um outro fenômeno mnemônico bastante discutido: o da emersão de lembranças de acontecimentos que na realidade nunca se deram na vida daquele que os recorda, fenômeno que Manaceine, depois de Letourneau, procurou explicar, estendendo a influência da lei de hereditariedade também aos da memória, mas unicamente sob a forma da emergência fragmentária de fatos sucedidos aos antepassados.

Como se vê, a concepção originária da doutora eslava, se bem que audaz, era legítima e podia discutir-se. Outro tanto, certamente, já não ocorre com a extensão absurda e fantástica que agora se quer imprimir à mesma hipótese. A insólita circunspeção, porém, com que tal extensão foi alvitrada por si só demonstra que quem a sugeriu, visando apenas livrar-se, a qualquer preço, da invasão intempestiva da hipótese espirítica, tinha plena consciência de que aventava uma outra de todo impossível. Assim sendo, não parece caso de tomá-la a sério. Todavia, observarei que ela igualmente não afrontaria os recentíssimos exemplos de médiuns que, até este momento, já conversaram numa dúzia de línguas diversas, o que leva a presumir que, com o prosseguimento das experiências e com a manifestação de novas personalidades de defuntos que pertenceram a outras raças, os médiuns em questão ainda darão prova de ulteriores conhecimentos lingüísticos.

O professor Richet considera "verdadeiro milagre" o fenômeno de falar em línguas ignoradas e não tenta diminuir a imensa importância teórica do fato, em sentido espiritualista. Entretanto, acha que a existência dos fenômenos de "xenoglossia" longe ainda de ficar provada e, com estas judiciosas considerações, conclui uma breve enumeração de episódios do gênero:

Resumindo: nenhum dos casos expostos apresenta suficiente valor probante... Segue-se que não é possível se lhes conceda direito de cidadania no vasto domínio da metapsíquica subjetiva. Seja, porém, como for, inclino-me a crer que um dia, talvez não distante, se terá de reconhecer autentico algum caso de tal natureza. Nessa expectativa, cumpre se apresentem exemplos melhores, que venham relatados de forma menos fragmentária, menos imperfeita do que a que se nota nos até agora conhecidos... (Tratado de Metapsíquica, pág. 280 da primeira edição.)

Acervo Virtual Espírita

Não se pode negar que o Professor Richet tenha razão de exprimir-se assim, com relação a quase todos os casos por ele citados, os quais, todavia, apenas representam pequeníssima parte dos que existem no gênero de que tratamos. Infelizmente, o acervo deles se acha disperso um pouco por toda parte, em livros, opúsculos, revistas, em condições, pois, de não serem facilmente encontráveis pelos estudiosos. Estando as coisas neste pé, segue-se que àquele que quiser que os fenômenos de "xenoglossia" adquiram "direito de cidadania no vasto domínio da metapsíquica", indispensável se torna que comece por reunir e pôr em ordem um certo número deles, obedecendo a uma especial classificação. Foi o que me propus fazer, com a presente monografia. Mas, é inegável que, quando se empreende formar uma coleção de casos do gênero com que nos ocupamos, verifica-se que a observação do Professor Richet pode estender-se muito além dos que ele considerou, por isso que, se é certo que os fenômenos de xenoglossia se mostraram sempre relativamente freqüentes no conjunto dos da metapsíquica e se multiplicaram nestes últimos tempos, contudo, quando se começa a reunir e analisar os ditos fenômenos, nota-se que eles se apresentam muito amiúde relatados de forma puramente anedótica, com tal parcimônia de pormenores circunstanciais, que não chegam a ser utilizável com escopo científico, o que tanto mais deplorável se faz, quanto as mais das vezes são episódios não só muito importantes, como patentemente genuínos. Daí decorre que a messe dos fatos que me abalanço a enumerar parece bem pouca coisa, em confronto com o imponente material recolhido. Como quer que seja, por felicidade, entre os casos aqui apreciados, bom número se conta dos que vêm referidos de maneira cientificamente apropriada, além de serem de data recente ou recentíssima.

Devo também assinalar outro embaraço sério que encontrei ao organizar a presente classificação. Deparou-se-me ele na circunstância de que certos casos clássicos de xenoglossia se revelam familiares a quem quer que seja versado em metapsíquica e eu mesmo já tive ocasião de os citar e comentar em outros trabalhos. Como proceder nessa conjuntura? Suprimi-los não parecia aconselhável, uma vez que, assim, a classificação - a primeira pelo que concerne aos casos em exame - sairia muito lacunosa. Tirei-me, então, da dificuldade, adotando uma "meia medida": a de os acolher, mas para relatá-los em breves, se bem que adequados resumos.

Do ponto de vista da classificação dos casos, observo que os fenômenos de "xenoglossia" se produzem nas seguintes modalidades várias de características extrínsecas: com o "automatismo falante" (possessão mediúnica); com a "mediunidade audiente" (clariaudiência), caso em que o médium repete foneticamente as palavras que subjetivamente percebe; com o "automatismo escrevente" (psicografia e tiptologia) ; com a "voz direta" ; com

Acervo Virtual Espírita

a "escrita direta". Neste último caso, trata-se, quase sempre, de mãos materializadas, visíveis ou invisíveis, que escrevem diretamente as suas mensagens. Cumpre se lhes juntem, finalmente, os poucos casos de fantasmas materializados, que escreveram ou falaram em línguas ignoradas do médium.

Dada esta explicação, entro sem mais demora no assunto.

CATEGORIA I

Casos de xenoglossia obtidos com o "automatismo falante" e a mediunidade audiente.

Estas duas modalidades de características extrínsecas dos fenômenos que examinamos, conquanto notavelmente diversas entre si, resultam afins, porquanto derivam ambas de um fenômeno mais ou menos avançado de "possessão mediúnica" e algumas vezes se desenvolvem entrecruzadas. Daí decorre que não podem separar-se, ao serem classificadas.

Caso I - Começo tomando em consideração um caso clássico por excelência: o da filha do juiz Edmonds, caso importante e incontestavelmente autêntico, mas, como é familiar a todos os que se dão a metapsíquica, atenho-me ao que já anteriormente disse e limito-me a relatá-lo resumidamente.

Nada melhor então do que me reportar ao resumo que dele fez o Professor Richet no seu "Tratado de Metapsíquica" (pág. 272), onde escreveu:

O caso mais impressionante é o de Laura Edmonds, filha do juiz Edmonds, personagem de elevada inteligência e lealdade perfeita, que foi presidente do Senado e membro da Suprema Corte de Justiça de Nova York. Laura, sua filha, era católica fervorosa, muito praticante e piedosa. Falava exclusivamente o inglês e aprendera na escola um pouco de francês. A isto se limitavam seus conhecimentos de línguas estrangeiras.

Ora, acontece que um dia (em 1859) , o juiz Ed monda recebeu a visita de um Grego notável, o Senhor Evangelides, que pode conversar em grego moderno com sua filha Laura. No curso dessa conversação a que assistiam diversas pessoas (cujos nomes são citados no texto), o Senhor Evangelides chorou, por lhe ter a médium participado a morte do filho (ocorrida por aquele meio tempo na Grécia). Ao que parece, Laura encarnava a personalidade de um amigo íntimo de Evangelides, um tal Botzari, morto na Grécia e irmão do conhecido patriota. Segundo o juiz Edmonds, se sua filha, Laura conversou em grego moderno com Evangelides e se lhe participou a morte do filho, isso só se poderia explicar admitindo-se que o defunto Botzari fosse realmente o outro interlocutor, na conversação.

E Edmonds acrescenta: Negar isto, de que fui testemunha, impossível; o fato é de tal modo claro e eloqüente que, negá-lo, equivaleria, logicamente, a

Acervo Virtual Espírita

negar que o Sol nos ilumina. Nem poderei, certamente, considerar o fato uma simples ilusão, visto que ele em nada difere de todas as outras realidades com que deparamos em qualquer período da nossa existência. Acresce que tudo se passou na presença de oito ou dez pessoas cultas e inteligentes. Nenhuma delas vira jamais o Senhor Evangelides, que me fora apresentado por um amigo naquela mesma noite. Como, pois, há podido Laura participar-lhe a morte do filho? Como se explica, que haja falado e compreendido o grego moderno, língua que nunca ouvira falar?" (Tratado de Metapsíquica, pág. 272.)

Assim se exprimiu o juiz Edmonds e devemos convir em que, transcorridos setenta anos desde aquele dia e mal grado aos enormes progressos realizados no campo das pesquisas metapsíquicas, ninguém estará apto a responder a essas interrogações, dando uma explicação diversa da que ele apresentou e segundo a qual o fenômeno produzido implicava necessariamente a intervenção do defunto amigo do consultante.

Cumpre, por fim, se complete o resumo do prol. Richet, ponderando que, se o incidente de Evangelides é o mais notável de quantos se deram com a mesma médium, em grande conta precisa levar-se que esta, noutras circunstâncias, conversou em oito ou dez línguas diversas. Informa o juiz Edmonds:

Minha filha apenas conhece o inglês e um pouco de francês. Tem, no entanto, conversado em francês, grego, latim, italiano, português, polonês, húngaro, assim como em vários dialetos indianos. Freqüentemente não compreende o que diz, mas o consulente lhe compreende sempre as palavras. (Letters and Tracts, página 198.)

A ninguém escapará o alto significado que se encontra implícito no fato de a médium não compreender, quando em vigília, a significação das palavras que seus lábios automaticamente proferiam, fato que demonstra positivamente achar-se ela, nessas ocasiões, em fase parcial de "possessão mediúnica", durante a qual uma entidade espiritual extrínseca se servia de sua faringe, para exprimir-se. Esta a única solução racional do enigma, visto que a hipótese das "personificações subconscientes", combinada com a da "criptomnésia", não resiste de frente à circunstância de o médium não compreender a língua em que conversava.

Poderiam objetar-me que, quando a "criptomnésia" provoca: a emersão de frases em línguas ignoradas, ouvidas ou lidas distraidamente pelo sensitivo, também aí este não compreende as frases que pronuncia ou escreve. E' exato ; mas, trata-se de fragmentos de frases incoerentes, destituídas de qualquer relação com situações do momento, o que nada tem de comum com o fato de o sensitivo conversar racionalmente, numa língua que não compreende.

Acervo Virtual Espírita

Voltando ao assunto, observarei que, se relativamente a uma parte apenas dos episódios de xenoglossia ocorria à circunstância de a médium Laura Edmonds não compreender as palavras que lhe saíam dos lábios, então se deve inferir que isto acontecia achando-se ela em estado de vigília e que, ao contrário, quando compreendia, se encontrava em estado de "transe", caso em que naturalmente não era ela quem compreendia, mas a personalidade mediúnica que se comunicava.

Finalmente, resultará instrutivo comparar-se o caso de Laura Edmonds com outros análogos narrados por antigos magnetólogos, que não sabiam explicar o fato extraordinário dos seus sonâmbulos, quando em transe, interrogados em latim, grego e hebraico, tudo compreenderem e responderem corretamente, ao passo que, além de não se mostrarem aptos a formular uma resposta nas línguas em questão, também não conheciam o significado dos vocábulos empregados nas perguntas a que tinham respondido. Essa aparente contradição, que tanto embaraçava o critério dos magnetólogos, hoje se explica, considerando-se que, se os sonâmbulos eram capazes de responder corretamente, se bem ignorassem a língua em que se lhes faziam as perguntas, isso se dava quando liam o conteúdo da interrogação na mentalidade do consultante.

No caso de Laura Edmonds sucedia o fenômeno oposto: ela era apta a falar automaticamente em dez línguas diversas, que totalmente ignorava, sem compreender, ao demais, o significado do que ela mesma dizia. Daí ressalta claramente a diferença que há entre os estados sonambúlicos e as condições de possessão mediúnicas. Quer dizer também que, no primeiro caso, a faculdade supranormal da "leitura do pensamento" tornava apto o sonâmbulo a compreender perguntas formuladas em línguas que desconhecia, mas que não existia na sua subconsciência nenhuma faculdade capaz de fazê-lo conhecer o que nunca aprendera, decorrendo daí que não podiam exprimir-se em línguas que ignoravam. Contrariamente, no caso de Laura Edmonds, o aparente milagre se produzia por ser ela médium em condições de possessão mediúnica, o que significa que na realidade quem falava por seu intermédio não era a sua personalidade e sim uma entidade espiritual que se apossava momentaneamente de sua laringe.

Quanto à fantástica hipótese da "memória ancestral", repito que não me parece deva discuti-la, como se tratasse de uma hipótese legítima, sustentável, verossímil. Como quer que seja, porém, ponderarei que no caso aqui considerado achamo-nos em presença de uma médium que falava em dez línguas que desconhecia, inclusive diferentes dialetos indianos. Assim, se alguém se achasse disposto a tomar a sério à hipótese a que me refiro, teria que admitir que nas veias da senhorita Edmonds corria sangue de

Acervo Virtual Espírita

antepassados pertencentes a dez povos, entre os quais diversos representantes da tribo norte-americana dos "pele-vermelha". Quem se sentiria com bastante coragem moral para sustentá-lo ?

Caso II - Outro caso clássico, digno de ser lembrado em resumo, embora não tenha o valor teórico do precedente, é o de Ninfa Filiberto, relatado amplamente pelo Doutor Nicolau Cervelo, de Palermo, num opúsculo intitulado: "História de um caso de histerismo com sonhos espontâneos" (Palermo, 1853). Uma embora inglesa, muito culta, residente em Palermo, Mrs. Whitaker, traduziu para o inglês o opúsculo, a fim de ser publicado, como foi, no "Journal of the Society for Psychical Research" (Dezembro de 1900) e, depois, nos "Annales des Sciences Psychiques" (1901).

Tratava-se de uma jovem de dezesseis anos, que em 1849 foi presa de graves acessos de crises histéricas, com fases de sonambulismo. Narra o Doutor Cervelo:

A 13 de Setembro, numa das aludidas crises sonambúlicas, Ninfa Filiberto se pos a falar uma língua para nós incompreensível e o fez com tal desembaraço que se diria ser aquela á sua língua materna. Supusemos que falasse em grego moderno, porque, noutra fase de sono, dissera: "Estive em Atenas. Vi essa querida cidade, onde a gente fala como eu"...

No dia 14, não compreendia nem o italiano, nem o grego, mas falava e compreendia exclusivamente o francês (língua que conhecia de modo elementar)... Ao ser-lhe dito que no dia anterior falara em grego, ela ai pôs a rir e respondeu que jamais aprendera o grego, nem conhecera outra língua senão a própria; que era uma parisiense residente em Palermo. Zombava de nós pela maneira por que pronunciávamos o francês...

No dia 15, falou em inglês, língua que lhe era inteiramente desconhecida, e conversou por muito tempo nesse idioma com dois ingleses - os Srs. Wright e Frederic Olway. A este propósito, observa o Doutor Cervelo:

Nessa ocasião, sempre a falar em excelente inglês, admirou-se de que ainda lhe não houvessem trazido o chá da manhã (Mrs. Whitaker faz notar que, de fato, em Palermo não ai usa tomar chá pela manhã). A essa altura, o Senhor Olway travou uma conversação cerrada, que ela sustentou admiravelmente... Mais tarde, tornou-se completamente afônica, e, então, para fazer-se compreender, recorreu a um artifício engenhoso: pediu um livro inglês e, tendo-o aberto nas mãos, indicava com o dedo os vocábulos que lhe ocorriam para formar a praxe que queda enunciar.

No dia 16, declarou ter nascido em Siena e descreveu minuciosamente as obras de arte existentes nessa cidade. Não sei se os outros pensaram como eu, porém, pelo que me diz respeito, afirma que esse seu falar em puríssimo toscano se me afigurou ainda mais maravilhoso do que o usar ela do inglês. E

Acervo Virtual Espírita

impossível a quem quer que seja exprimir-se com as suaves modulações desta língua harmoniosa, se não nasceu na Toscana... Assim esteve até ao dia 18... Ela predissera que a sua paralisia desapareceria inteiramente nesse dia e o fato se verificou; porém, o que de meie curioso há no caso é que, no período em que a paralisia ai dissipava, a enferma, que até aquele momento continuava a falar em puríssimo toscano, passou brusCamente, em meio de uma frase, ao seu dialeto siciliano. A partir daí, não mais se recordou absolutamente das línguas em que falara...

O Doutor F. Hahn, referindo o caso por extenso nos "Annales des Sciences Psychiques" (1901, página 158), comenta-o nestes termos:

Parece evidente que os Fatos expostos darão lugar a interpretações diversas, em virtude do caráter insólito e da complexidade deles, bem como da escola a que pertença, o pesquisador. Os neurologistas, fundando-se na multiplicidade dos acessos convulsivos, nos fenômenos de movimento e sensoriais e nas alternativas proteiformes desses fenômenos, diagnosticarão uma forma anormal, aberrante, de histerismo, muito embora convenham em que grande é a dificuldade para incluir o caso no quadro clássico da histeria... Os ocultistas, médicos ou não, em face da dificuldade para meter todos os fatos observados a categoria dos fenômenos histéricos, procurarão outra explicação; mas, nem com o "automatismo psicológico", nem com a "consciência subliminal", nem com a exteriorização da sensibilidade, nem com o "desdobramento fluídico" chegarão a explicar a maravilhosa faculdade que tinha a enferma de falar e compreender línguas que jamais aprendera, nem ouvira falar. Nessas condições, o ocultista será levado, bom ou mau grado seu, a recorrer à intervenção de entidades espirituais, que teriam momentaneamente encarnado na paciente sonambúlica. Com efeito, devendo-se absolutamente excluir qualquer espécie de fraude e de simulação, tanto da parte da enferma, quanto das pessoas que a cercavam, fica por interpretar-se o fato extraordinário de Ninfa Filiberto substituir improvisadamente o próprio dialeto materno por uma língua estrangeira, que ela nunca ouviu falar e que fala desembaraçadamente, com inata espontaneidade, com absoluta correção, como ai fosse a sua própria língua, sem nunca incorrer em erro de construção gramatical, sem sombra de acento estrangeiro e com todas as modulações e acentuações peculiares à mesma língua...

Assim se pronunciou o Doutor Hahn, a cuja opinião me associo. Quanto ao crítico inglês do "Journal of the S. P. R.", esse acha, ao contrário, que o fato de a sonâmbula haver falado explicadamente a língua inglesa não é cientificamente conclusivo, à falta de particularidades, visto que não foram registradas as dialogações da sonâmbula em inglês. Sem dúvida, se houvessem pensado em fazer intervir um estenógrafo conhecedor da língua inglesa, o caso

Acervo Virtual Espírita

teria assumido outro valor teórico. Parece-me, entretanto, que, mesmo como está, resulta concludente, desde que se tenha em conta os testemunhos dos dois senhores ingleses que conversaram longamente com a Filiberto e os dos outros seis senhores de Palermo, que foram convidados a assistir à experiência, porque conheciam e falavam a língua inglesa. (Note-se que destes últimos a sonâmbula escarneceu pela acentuação esdrúxula com que falavam esse idioma.) Tenho para mim, pois que, testemunhando oito pessoas, unanimemente, haver a sonâmbula conversado longo tempo com elas, exprimindo-se em excelente inglês, forçoso se torna concordar em que tal fato não admite dubiedades e, conseguintemente, que o caso Ninfa Filiberto é bastante conclusivo, mesmo do ponto de vista científico.

Caso III - No interessante relato do Doutor ,Van Eeden acerca das experiências a que procedeu com a célebre médium Mrs. Thompson ("Proceedings of the S. P. R.", vol. XVII, pág. 75-115), que foi quem conduziu Myers às suas convicções espíritas, um episódio se contém de xenoglossia, consistente apenas em poucas palavras proferidas em língua holandesa pela entidade que se comunicava, palavras essas, porém, que se combinam com o fato de a aludida entidade haver sempre compreendido aa perguntas que o Doutor Van Eeden lhe dirigia naquela língua. De todo modo, o episódio parece altamente sugestivo de outro ponto de vista, o de algumas circunstâncias concomitantes, que tenderiam a provar a genuinidade do estado de "possessão mediúnica" e, por conseguinte, a presença real do defunto que se manifestava.

Apresentara-se um amigo do Doutor Van Eeden, que tentara suicidai-se golpeando profundamente o pescoço. Socorrido a tempo, foi-lhe posto na ferida um tampão de gaze embebida em "iodofórmio" e ele se curou. Desde aquele dia, porém, sua voz conservou-se rouca e alterada e uma tosse característica o afligia constantemente. Ora, aconteceu que, quando, nas experiências com Mrs. Thompson, ele tentou falar diretamente ao amigo apossando-se da laringe da médium, em vez de servir-se do "espírito-guia" Nelly, para transmitir seus pensamentos, aquela foi atacada de idêntica forma de rouquidão e da mesma tosse característica que o atormentava. Além disso, quando despertou, Mrs. Thompson queixou-se de um cueiro de "clorofórmio", que parecia emanar da sua pessoa.

O narrador resume os fatos da maneira seguinte:

Até 7 de Junho, todas as informações a respeito me vinham por intermédio de "Nelly", o chamado "Espírito Guia" de Mrs. Thompson. Naquele dia, porém, o defunto tentou, como prometera, "controlar" ele próprio à médium (sirvo-me também eu do termo técnico em uso) e então impressionantes se tornaram às provas de identidade fornecidas. Por alguns

Acervo Virtual Espírita

minutos - mas apenas por alguns minutos - tive a impressão indubitável de conversar com o meu amigo em pessoa. Falava-lhe em holandês e ele imediatamente respondia, sempre corretamente. Ao mesmo tempo, o semblante da médium e a sua mímica exprimiam o imenso júbilo que o meu amigo experimentava por havermos chegado a compreender-nos em nossa língua. E tudo isto era tão espontâneo, tão vívido que não se poderia adstringir a um fenômeno de representação subconsciente. Depois, de forma inesperada, entrou ele a proferir palavras holandesas e me comunicou pormenores que bem longe estavam do meu pensamento, alguns dos quais - como, por exemplo, os que ai referiam a um tio seu numa sessão precedente - me eram totalmente desconhecidos, mas verdadeiros, conforme verifiquei por meio de posterior inquirição...

Assim falou o Doutor Van Eeden. Todavia, mesmo na sessão de que se trata, o defunto que se comunicava não chegou a manter constantemente o "controle" do médium, como não chegou a pronunciar frases inteiras em idioma holandês, mas, apenas, algumas palavras que, entretanto, tiveram o eloqüente significado de uma identificação pessoal. O defunto se esforçava, por meio de gestos, para fazer que o amigo compreendesse estar ele encontrando insuperáveis dificuldades no servir-se do cérebro e do laringe da médium a fim de transmitir seus pensamentos, o que tornou necessária a intervenção amiudada do "Espírito Guia" "Nelly", a repetir foneticamente os nomes holandeses de pessoas e de localidades que a entidade do defunto inutilmente procurava declinar. Pois bem: essas repetições fonéticas de palavras incompreendidas por quem as pronunciava resultam teoricamente mais conclusivas do que se a transmissão se efetuasse diretamente. Assim, por exemplo, "Nelly" pergunta:

- Que quer dizer Wuitsbergen... Criuswergen?

O Doutor van Eeden comenta:

E essa a pronúncia quase exata da palavra. "Criuysbergen" (antigo nome da localidade onde resido e que ora se denomina Walden)... Notável é o fato de que essa pronúncia fonética da palavra difere muito do modo pelo qual a pronunciaria um inglês que a ouvisse; entretanto, é exatamente assim que ele a pronunciaria se a ouvisse e quisesse repeti-la.

Como se vê, trata-se de uma questão fonética que, na sua aparente insignificância, assume alto valor teórico, pois tende a provar a realidade do tríplice processo de transmissão aqui considerado e, por conseguinte, a presença real do defunto que se comunicava.

Durante a sessão, a mesma entidade se esforçou para escrever com a mão do médium, porém apenas chegou a traçar um nome holandês: "Wedstruden", que revestia alto significado probante. seguiu-se longo intervalo de silêncio,

Acervo Virtual Espírita

durante o qual Mrs. Thompson parecia agitadíssima, a palpar nervosamente o pescoço com a mão.

O defunto que se comunicava conseguiu transmitir algumas outras palavras holandesas, mas, como já foi dito, não logrou formular frases e a circunstância mais importante, do ponto de vista em que nos colocamos, é a do mesmo defunto compreender sempre as perguntas que os experimentadores lhe dirigiam em língua holandesa, demonstrando ao mesmo tempo o júbilo que sentia por ouvir falar a sua língua nativa.

Como quer que seja, repito que o caso em apreço, nada relevante em si mesmo como exemplo de xenoglossia, adquire valor, desde que seja considerado em relação às circunstâncias concomitantes, qual a da médium ressentir em si própria os sintomas e a enfermidade que afligiram o defunto depois da sua tentativa de suicídio. Ignorando a médium a existência do defunto de que se tratava, é fora de dúvida que não podia reproduzir essas particularidades episódicas, mediante o fenômeno de fazer emergir da sua subconsciência pormenores conhecidos e depois olvidados (criptomnésia). Poder-se-ia naturalmente objetar que o experimentador conhecia os particulares da questão, que provavelmente pensava neles e que, portanto, a médium lhe apreendeu o pensamento. Mas, se tal coisa se pode alegar quanto às particularidades concernentes à rouquidão crônica e à tosse característica de que padecera o defunto, bem difícil será sustentá-lo com relação à particularidade eloqüente de a médium perceber cheiro de clorofórmio, em correspondência com o fato de ter sido posto na garganta do suicida um tampão de gaze embebida em "iodofórmio".

A este propósito, farei notar que o Doutor Van Eeden não assistiu o amigo, quando da sua tentativa de suicídio; que, pois, não podia estar pensando num pormenor que não presenciara e que, só demais, não era de molde a interessá-lo, uma vez que devia constituir recordação bastante penosa e vivaz para a mentalidade do defunto. Este, nos dias que se seguiram àquela tentativa, muito incomodado se há de ter sentido com o odor desagradável que emanava da gaze do tampão que lhe fora colocado na garganta, tal qual se dera, de modo reflexo, com a médium.

De um ponto de vista genérico, observarei que a circunstância de os defuntos que se comunicam reproduzirem, de maneira realista, as particularidades com que se desenvolveu um episódio trágico de suas existências terrenas e, ainda mais freqüentemente, a crise por que passaram na hora da agonia, ocorre quase sempre nas experiências com médiuns de "encarnação" (incorporação, dizemos nós), ou de "possessão". Sobre este ponto, dizem os defuntos, como explicação, que, quando se acha imerso na "aura" vitalizante do médium, o Espírito volve, por instantes, às condições

Acervo Virtual Espírita

terrestres, o que faz que no seu sensório automaticamente se reavivem os sentimentos emocionais e as particularidades que se produziram na última crise trágica da sua existência planetária, sentimentos e particularidades que quase sempre entendem com a crise pré-agônica e, às vezes, com algum momento dramático pelo qual passou ele no derradeiro período da sua vida. Dai resulta que, por efeito da momentânea possessão mediúnica, o defunto não pode evitar a transmissão daquelas emoções e particularidades ao médium. Isso, porém, só acontece nas primeiras tentativas que faz para manifestar-se daquela forma, pois que ele rapidamente adquire suficiente poder de inibição.

Caso IV - No precedente episódio, fala-se de transmissão fonética de palavras que a personalidade mediúnica não compreendia; vem, portanto, a pêlo referir outro caso análogo e recentíssimo, que somente difere do anterior por não ser uma personalidade mediúnica, quem recebe e transmite foneticamente as palavras e sim o próprio "sensitivo", que as percebe por meio da clariaudiência e foneticamente as repete a um estenógrafo.

Refiro-me ao conhecido escritor e jornalista norte-americano William Dudley Pelley, que de súbito se tornou célebre, por haver publicado, com o título - "Sete minutos na Eternidade", um volumezinho em que relata um caso interessante, mas que nada tem de extraordinário, com ele próprio ocorrido, em um casebre perdido nas montanhas da Califórnia, para onde se retirara em busca da quietude necessária à elaboração de um livro.

O que ele diz ter visto no mundo espiritual concorda em absoluto com o que já por mais de cem vezes descreveram várias personalidades de defuntos. Este, porém, não é o momento de discutirmos isso. Pelley jamais se ocupara com pesquisas psíquicas e não queria saber de publicar o que lhe sucedera, receando ser tomado por espiritista e ficar com a sua reputação literária comprometida. Foi o diretor do "American Magazine" quem conseguiu vencer-lhe a resistência, induzindo-o a escrever para essa revista uma narrativa do que lhe havia acontecido. Acerca do estado de ânimo em que se achou ao despertar, registrou ele:

Não mais me sentia o homem que antes era, assim física, como mental e espiritualmente. Além disso, tinha consciência de haver, de certo modo, adquirido sentidos novos, novas e prodigiosas faculdades, que não posso esperar descrever de maneira perceptível a quem ainda não as experimentou, mas que, entretanto, para mim, eram reais, como a mão com que escrevo.

Entre as novas faculdades que ele adquirira, contava-se a da "clariaudiência", por meio da qual continuou a manter-se em relação com as personalidades espirituais com quem conversara durante os "sete minutos passados na eternidade" e, no seu volumezinho (pág. 40), refere um episódio

Acervo Virtual Espírita

de clariaudiência, com o objetivo de confutar os ultradoutos comentários que fisiologistas e psiquiatras haviam tecido em torno do seu caso, comentários que concluíam unanimemente por considerar o ocorrido como uma conseqüência do abuso de drogas e de tabaco. Ele responde ponderando:

Deixemos, pois, que os modernos fisiologistas e psiquiatras expliquem o meu caso por meio da cômoda teoria da alucinação. Nada obstante, permito-me observar, a esse respeito, que aa alucinações patológicas não conferem o dom de faculdades supranormais permanentes a quem a elas se acha sujeito e, ainda menos, põem os vivos em condições de entrarem em comunicação com defuntos, como se estes se achassem mais vivos do que nunca. O meu "Rádio" mental despertou de maneira tão prodigiosa, que nem sempre me encontro em condições de sintonizar a minha mentalidade com as mentalidades e as vibrações das "vozes" dos que existem num ambienta espiritual, donde o me ser possível conversar por conta própria com defuntos, ou por conta de terceiros, sem cair jamais em sono. Aproveito essa circunstância para dirigir aos defuntos importantes questões de toda espécie e colher inteligíveis, ótimos, preciosismos ensinamentos. Já tomei nota de respostas em que as palavras ultrapassam de dez mil e versam sobre os mais árduos aspectos das ciências físicas, cosmológicas e metalúrgicas. Por três ou quatro vezes na semana, dedico duas ou três horas da noite a essas lições que me chegam dos espaços sem dimensão. Isso considerando e na expectativa de que os meus doutos censores se apressem a classificar também estes admiráveis ensinamentos entre as "inépcias" propinadas como parvoíces da "subconsciência", submeto-lhes o caso seguinte:

Depois de conversar longo tempo com uma Grande Mente, que já não é deste mundo, uma outra voz se fez ouvir, falando em língua que eu não conhecia. Defronte de mim estava a estenografa, a quem pedi taquigrafasse foneticamente, em escrita ordinária, as palavras, que eu claramente percebia, da estranha língua, palavras que, para isso, lhe ia repetindo. Vocábulo por vocábulo, ela as escreveu foneticamente, como eu lhas ditava, tendo o cuidado de grafá-las de modo a poderem ser lidas exatamente como eu as pronunciava. Doze páginas foram escritas nessa linguagem misteriosa. Decorridas algumas semanas, tive ocasião de submeter à mensagem a um douto filólogo, que verificou existir nela mais de um milhar de palavras em puro sânscrito. Era interessantíssimo o seu conteúdo, pois que se referia às condições em que hodiernamente se debate a civilização mundial... Advertiu-se-me de que a mensagem fora dada em língua sânscrita para refutar as teorias de muitos doutos superficiais que se deleitam em explicar estas manifestações, contáveis entre as mais portentosas da natureza, denominando-as "o subconsciente"... Quanto às insinuações de que eu, presumivelmente, abuso de drogas e do

Acervo Virtual Espírita

tabaco, respondo que recentemente tive de me submeter a doía exames médicos rigorosíssimos, para um "seguro de vida", e fui dado como fisicamente perfeito.

Este o interessante caso de "xenoglossia" ocorrido pessoalmente com o narrador, caso do qual se verifica que a entidade comunicante foi induzida a ditar a mensagem em língua sânscrita com o intuito de preventivamente excluir a hipótese do subconsciente. Sem dúvida, as provas da ordem desta, que com persistência se renovam vai para oitenta anos, deveram racionalmente bastar a eliminar para sempre aquela hipótese de que tanto se tem abusado. Em conseqüência, deveram, também, racionalmente, conduzir a reconhecer-se o fato da intervenção de personalidades espirituais nas manifestações mediúnicas. Mas, praticamente, assim não é, porque uma grande lei, providencial talvez, de inércia mental, no sentido misoneísta, domina, governa as aquisições evolutivas do pensamento humano. Por força dessa lei, quando um grupo de conhecimentos quaisquer se organizou solidamente na mentalidade humana, esses conhecimentos se tornam a tal ponto radicados e tenazes, que não podem ser vencidos, nem mesmo pelos fatos. Só por obra do tempo chegam a ser abalados e isso unicamente pelo sucederem-se no certame científico novas gerações de pensadores. Daí se segue que, ainda por muito tempo, haverá homens de ciência que se apegarão à palavra "subconsciência", para a elucidação dos fenômenos de xenoglossia, palavra mágica aquela, que se pode comparar a uma grande sacola em que os pegadores da sobrevivência enfiam, constringem, comprime à viva força tudo o que não chegam a explicar por outra maneira, de tal modo que, doravante, os termos "sub-consciência humana" e "onisciência divina" ai equivalem.

Caso V - Citarei um terceiro exemplo de palavras de língua ignorada, percebidas e transmitidas foneticamente pelo médium.

Tomo-o ao livro notabilíssimo de Vincent litrvey: "The Beginings of Seership" (pág. 127). Para a avaliação do caso, repito o que já tive de ponderar noutra circunstância, a propósito da personalidade do autor. Vincent Turvey, morto de tuberculose, ainda jovem, era um rico e multo culto gentil-homem, que, consciente do seu próximo fim, perseverou até ao último momento de exercitar gratuitamente suas faculdades mediúnicas ao serviço da causa. Sempre que ai produziam fenômenos importantes, ele solicitava dos experimentadores breves relatos dos fatos, relatos de que se valeu no próprio livro como documentação testemunhal dos fenômenos expostos, o que empresta valor científico ao volume em questão. Acrescentarei que era grande amigo de William Stead e do professor Hyslop, os quais acompanhavam com vivo interesse o desenvolvimento fenomênico de sua mediunidade, a cujo respeito trocaram uma correspondência altamente instrutiva o professor

Acervo Virtual Espírita

Hyslop e o próprio Turvey, correspondência que o primeiro publicou no "Journal of the American S. P. R. " (1912, páginas 490-516).

William Stead, prefaciando o livro de que se trata (pág. 36), refere-se nestes termos às origens da mediunidade de Turvey:

"Foi depois da sua última e gravíssima enfermidade que Turvey adquiriu a faculdade de ver coisas invisíveis e de perceber sons inaudíveis, o que faz presumir que o grosseiro revestimento carnal em que se achavam envolvidos os sentidos espirituais de sua alma foi perfurado por um mal que lhe prostrara para sempre as forças físicas. Resta, pois, saber se o amigo Turvey teria possuído o dom das faculdades supranormais, caso houvesse continuado a gozar de boa saúde. A tal questão, provavelmente, nem mesmo ele seria capaz de responder. Como quer que seja, deve reconhecer-se que se a ruína da saúde é o preço que se tem de pagar para tornar-se "vidente", bem poucos serão os que desejem vir a sê-lo".

Pareceu-me necessário adiantar o que fica exposto, para uma justa apreciação do caso bastante complexo de que me proponho narrar.

Narra Turvey:

Em data de 25 de Setembro de 1909, a Light publicou a seguinte carta minha. Os documentos respeitantes ao caso de que ela trata se acham em poder do diretor da revista - Senhor Dawaon Rogers - conforme a nota abaixo o que torna ocioso reproduzi-los aqui.

IDENTIFICAÇAO DE UM "ESPIRITO" DE ORIENTAL

Egrégio Senhor Diretor,

Em Setembro de 1905, apareceu-me um fantasma de oriental e proferiu algumas palavras em língua que me era totalmente desconhecida. Em data de 7 de Outubro de 1905, reproduzi na sua revista aquelas palavras (Ornar tu chuddar), pedindo a qualquer de seus leitores, que as soubesse interpretar, me facultasse, traduzindo-as, o meio de verificar se a visão que eu tivera fora mais do que simples ilusão. Com grata surpresa para mim, um cultor de línguas orientais respondeu que as palavras acima citadas significavam: "O homem, cuida da tua veste (ou invólucro) ", acrescentando que parecia terem eido empregadas com o intuito de atrair a atenção de alguém para uma peça de vestuário que estivesse no chão. Persuadi-me, pois, que não me iludira com a visão que tivera, se bem resultasse inconcludente o significado daquelas palavras em língua autenticamente oriental. (Aqui, Turvey não refletiu que em tais palavras, ao contrário do que ele supôs, haveria uma advertência, simbolicamente formulada, conforme ao uso oriental, visto que o termo "Invólucro" podia referir-se ao "envoltório do seu Espírito", ou seja: ao seu

Acervo Virtual Espírita

“corpo carnal”, que parecia irreparavelmente arruinado, interpretação esta que se nos afigura confirmada por uma outra frase que o fantasma proferiu na manifestação que se segue).

Por amor à brevidade chamaremos a este Espírito um “Guru” (preceptor). Em Abril de 1907, fui novamente visitado pelo mesmo “Guru”, acompanhado de outro majestoso fantasma de oriental, com seis pés de altura, tórax amplo, magnificamente conformado, carnação tão clara quanto à de um inglês bronzeada. Trazia a barba toda, longa e branca, e sobre o peito lhe brilhava um símbolo místico. Chamar-lhe-erros “O Mestre”. Este ultimo dirigiu ao “Guru”, em língua oriental, uma frase que guardei foneticamente e que um coronel anglo-indiano traduziu. Aludia ao estado de minha saúde: “Nele ainda há vitalidade animal”.

Em data de 6 de Abril, relatei na Light a visão. Porque - perguntava eu a mim mesmo me aparecem estes fantasmas de orientais? Será porque me encontro em estado de poder morrer de um momento para outro ?

Após essa primeira visita, o “Mestre” ma apareceu outras vezes, achando-se, de uma delas (Agosto de 1908), em minha casa a médium vidente Miss Mac Creadie que, percebendo-o na saleta, exclamou, maravilhada: “O que belo homem!” Doutra feita, foi um amigo meu quem o viu ao meu lado. Como quer que seja, até esse ponto, não havia provas concludentes que demonstrassem não se tratar de uma “objetivação ilusória”. Porem, no dia 18 de Agosto de 1909, isto é, quase dois anos e meio depois da descrição minuciosa que do fantasma eu publicara na Light, uma personagem oriental, com quem casualmente me encontrara a bordo de um paquete, reconheceu o “Mestre” mediante a detecção que eu dele fizera e a adição de alguns pormenores complementares que forneci. Declarou-me a aludida personagem que era filho de um sobrinho do “mestre” e que este fora um grande cabo militar, ainda muito venerado pelos seus concidadãos. A 23 de Agosto, a mesma pessoa, cujo nome não posso declinar por motivos de emprego e de família, jantou em minha casa e, depois de uma hora de música, pos a falar do “Mestre”, dizendo: “Ele se me manifesta raramente e desconfio que frustradas ficarão as suas esperanças.” Pois bem: ao contrário disso, o “Mestre” se manifestou juntamente com o “Guru” e ambos me falaram em seu idioma, repetindo eu foneticamente, ao meu hóspede, as palavras que pronunciavam. Muito espantado me achei ao verificar que o que eu repetia o meu hóspede compreendia imediatamente e que o significado de algumas palavras correspondia perfeitamente As circunstancias. Além disso, o “Guru” declinou o seu nome, indicou o lugar em que derrotara as tropas inglesas, acrescentando que seu carpo fora ali sepultado. Informou que tinha sido pupilo do filho do “Mestre” e que este era bisavó do meu hóspede. Melhor ainda, e isto é o que

Acervo Virtual Espírita

teoricamente há de mais importante, deu informações minudentes e corretíssimas acerca de outro parente, ainda vivo, do "Mestre", designando, também, com palavras orientais, o posto que aquele ocupa no exército de seu país.

Lembro aqui que, na minha carta publicada pela Light (7 de Outubro de 1905), eu declarara que não conhecia outra língua. a não ser o inglês e um pouco de francês... Repito, finalmente, que percebia, pela clariaudiência, o dialeto indiano que os fantasmas falavam, que lhes repetia foneticamente as palavras ao meu hóspede, conservando-me plenamente consciente... Considero este caso capaz de "esmigalhar" a hipótese telepática, uma vez que a descrição do fantasma, por mim publicada na Light, faz dois anos e meio, não foi lida nem identificada pela personagem de que se trata, antes de 18 de Agosto de 1909, e que ela jamais ouvira falar de mim... Acresce que me informou de que o costume, com que o seu antepassado me aparece, corresponde em tudo ao de que se usava há dois séculos nas índias muçulmanas. Acrescentou que seus concidadãos ainda veneravam o túmulo do "Mestre" e que tanto este, como o "Guru", continuava lembrado em toda a Índia muçulmana...

Tal o caso curioso e interessante que Turvey refere, caso que, entretanto, é apenas uma amostra das multiformes manifestações de fantasmas, que se produziam pela sua mediunidade. Esta, como já foi dito, se lhe revelara em seguida a gravíssima enfermidade, de que lhe resultara o deslocamento do coração e dos pulmões, com a conseqüente ruíra da saúde e a morte inexorável a breve termo.

Como se terá observado, notáveis foram às provas de identidade pessoal que forneceram os dois fantasmas visto por Turvey. Porém, de ordem puramente complementar é o valor destas provas, em confronto com a que, irrefutável, resultou, no mesmo sentido, deste fato tríplice: haverem eles, em três ocasiões diversas, falado no seu dialeto indio-muçulmano; por três vezes ter-se comprovado que, o que disseram nesse dialeto e o médium transmitiu ou repetiu foneticamente, correspondia ao dialeto que se falava na província de onde eles se declararam naturais ; em absoluta conformidade estar tudo o que disseram com a circunstância de se manifestarem aos vivos, tendo por escopo produzirem uma identificação pessoal.

Deve, portanto, concluir-se que o caso em apreço merece incluído entre os ótimos exemplos de verdadeira e real xenoglossia, tanto mais que nem sequer a fantástica hipótese da "memória ancestral" se lhe poderia aplicar, visto que ninguém ousará sustentar seriamente que no rol dos antepassados de Alfredo Turvey se contem índio-muçulmanos, naturais daquela província onde se falava o dialeto que ele percebeu por clariaudiência. Considere-se, ao

Acervo Virtual Espírita

demais, que os casos de xenoglossia ocorridos com esse médium não se limitaram aos em que o dialeto mencionado acima foi o empregado, pois que ele ouviu e repetiu foneticamente frases e conversações em dez línguas diferentes, que se reconheceram autênticas, sendo digno de nota o fato de que, quase sempre, essas línguas eram orientais. A este respeito, observa Turvey:

Houve tempo em que atribuí o fato de eu ver os "espíritos" a causas muito diversas da manifestação de defuntos. Quando, porém, os fantasmas que eu via começaram a falar-me em múltiplas linguagens de mim desconhecidas; quando o que eu considerava "gíria balda de sentido" me foi traduzido como sendo sucessivamente o hindu, o persa, o árabe, o sikh, etc. , até dez idiomas dos quais eu nada sabia, disse de mim para comigo: "Eis aqui uma coisa que não posso atribuir a objetivações alucinatórias e... então, se não são espíritos, que hão-de ser?" (Pág. 223)

Parece-me que mil razões assistiam para concluir por essa interrogação, a que ninguém nunca poderá responder, uma vez que a própria pergunta, derivando logicamente dos fatos expostos, não serve para eliminar apenas a hipótese da "memória ancestral", mas todas as hipóteses, exceto a que racionalmente explica os mesmos fatos, mediante a intervenção dos defuntos nas manifestações mediúnicas.

Caso VI - Constitui o seguinte caso uma única frase em língua ignorada (o sueco). Trata-se, porém, de uma frase teoricamente conclusiva, porquanto própria a caracterizar uma pessoa defunta, que o médium não conhecera.

Extraio-o do "Compte Rendu du Congrès Spirite de 1890" (pág. 230). A princesa Maria Karadja, de Estocolmo, gentil dama que há trinta anos era conhecidíssima nos meios metapsiquistas, narra como lhe sucedeu vir a ocupar-se com pesquisas mediúnicas. Achava-se de passagem em Londres e lhe aconteceu ler numa revista espírita que um médium clarividente, chamado Alfred Peters, recebia todas as quartas-feiras, as 7 e 50 (Mervington Road). Decidiu-se a procurá-lo e, a propósito, observa:

Antes de narrar o que se passou nessa primeira sessão mediúnica, preciso declarar:

1. Que, por uma revista, e não por uma pessoa, que pudesse ter anunciado ao médium a minha visita, foi que tive conhecimento do endereço de Peters.

2.Que a ninguém falara do meu intento de ir a uma sessão mediúnica

3.Que havia três anos eu não passava por Londres e que nunca pusera os pés no subúrbio onde residia Peters.

4. Que falo o inglês como se fora inglesa, donde resulta impossível que Peters haja podido adivinhar a minha nacionalidade pela maneira por que me exprimia em inglês.

Acervo Virtual Espírita

Chegando a casa do médium, Pui introduzida numa saleta onde já se encontravam cerca de dez pessoas, que me eram totalmente desconhecidas. Ninguém me dirigiu a palavra e eu me sentei sem pronunciar uma sílaba.

Deixo de reproduzir a primeira manifestação, interessantíssima, obtida pela princesa Karadja, porque ela exorbita do nosso tema. Continuando, diz ela:

Após um intervalo de silêncio, volveu o médium a falar, dizendo: "Vejo agora ao seu lado um espírito feminino." E minuciosamente mo descreveu. Tive, porém, de responder que não o conhecia. O médium calou-se por instantes, depois acrescentou: "Ela me diz que se chama Bremer." Ponderei que devia haver erro na transmissão, porquanto eu jamais conhecera pessoa alguma com esse nome. Peters calou-se de novo; em seguida, com grande esforço, disse : "Fred-ri-ca Brê-mer." Fiquei muda de espanto. Fredrica Brêmer era uma escritora sueca, grande filantropa, ardorosa propagandista da regeneração da Humanidade. A maior parte da minha vida eu a passara no estrangeiro e nunca me interessara por Fredrica Brêmer, nem pela sua nobre existência. Ela, portanto, seria a última pessoa que eu pudera imaginar se me manifestasse. De súbito, com grande surpresa minha, o médium, noutro timbre de voz, lentamente articulou, em língua sueca., estas palavras:

"Ajuda também tu a mulher sueca."

Algo havia nisto, para mim, de maravilhoso! Estou absolutamente certa de que o médium ignorava por completo que Fredrica Brêmer existira; entretanto, num subúrbio de Londres, recebia eu, na minha língua ma.terra, uma mensagem, contendo uma exortação literalmente característica da mulher filantrópica e generosa que se me manifestara.

Aditarei que o "falar em língua que ele ignora" constitui dom extraordinário do médium Peters. De outras ocasiões, ouvi-o falar em diversos idiomas vivos e mortos. Certa vez, presente um coronel britânico, manifestou-se um chefe de tribo dos "pele-vermelha", que aquele oficial, quando moço, conhecera. Falou-lhe o dito "pele-vermelha" no seu próprio dialeto indiano, hoje desaparecido, juntamente com a respectiva tribo.

Até aqui a princesa Karadja. Como ficou dito, ; o incidente de xenoglossia, contido no episódio acima exposto, pode considerar-se teoricamente conclusivo, não obstante constar de uma única frase ! em língua que o médium ignorava. E que não sé trata de uma simples frase convencional, facilmente guardada de memória e repetida papagaiadamente, mas de uma frase onde se nos depara um conceito que caracteriza a pessoa defunta que se comunicava. Não pode, portanto, deixar de ser original, o que equivale a dizer-se - pensada no momento. Ora, é manifesto que combinar quem quer que seja uma frase original qualquer, numa língua que totalmente

Acervo Virtual Espírita

ignore, representa empresa tão impossível, como combinar um discurso inteiro.

Importa ainda considerar-se que, no caso em exame, o médium não só desconhecia a consultante e lhe ignorava s nacionalidade, como também nada sabia da existência da defunta comunicante, circunstâncias todas essas que, a par das outras já invocadas, concorrem a reforçar, de modo notabilíssimo, o valor teórico do incidente de que se cogita

Caso VII - Tomo-o a "Light" (1908, pág. 136). Trata-se de um episódio que merece considerado, tendo-se em vista o cargo diplomático que exercia quem o relatou.

O Conde Chedo Mijatovich, ministro plenipotenciário da Sérvia em Londres, escreveu ó seguinte ao diretor daquela revista:

Não sou espiritista, mas estou decisivamente no caminho que conduz a sê-lo... e participei, a meu mau grado, de uma experiência pessoal que me considero no dever de tornar pública.

(Neste ponto, explica que alguns espiritistas húngaros lhe escreveram, pedindo procurasse um reputado médium de Londres, para, se possível fosse, comunicar-se com um amigo soberano da Sérvia e consultá-lo sobre determinado assunto.)

Exatamente por aqueles dias, continua o conde, minha mulher lera qualquer coisa sobre um certo Vango, dotado de notáveis faculdades mediúnicas, pelo que fui procurá-lo. Jamais o vira e ele, por seu lado, também certamente nunca me vira, nem razão alguma há para supor-se que tenha sido informado a meu respeito, ou que haja podido adivinhar. Ao perguntar-lhe se pos pôr-se em comunicação com o espírito em quem eu estava pensando, modestamente respondeu que algumas vezes o conseguia, mas nem sempre, e que, ao contrário, freqüentemente se manifestavam espíritos não solicitados pelos experimentadores. Em todo caso, colocou-se á minha disposição e me pediu concentrasse o pensamento no espírito cuja vinda eu desejava.

Pouco depois, adormeceu e assim falou: "Está presente o espírito de um moço que parece em ânsias para lhe falar. Exprime-se, porém, numa língua que não conheço." O soberano sérvio sobre quem eu concentrava o pensamento morrera no ano 1350 em idade madura. Curioso, pois, fiquei de saber quem fosse aquele espírito jovem que ansiava por me falar e pedi ao médium que, ao menos, repetisse uma só das palavras proferida pela entidade presente. Respondeu-me que ia tentar. Isto dizendo, inclinou o busto para a, parede defronte qual se achava sentado numa poltrona e assim permaneceu, atentamente à escuta. Depois, com grande espanto meu, começou a soletrar lentamente as seguintes palavras em língua sérvia: Molim vas pishite moyoy materi Nataliyi da ye molin da mi oprosti, as quais, traduzidas, significam :

Acervo Virtual Espírita

“Peço-te o favor de escrever a minha mãe Natália, dizendo-lhe que imploro o seu perdão.” Compreendi, naturalmente, que era o espírito do jovem rei Alexandre. Solicitei então ao Senhor Vango que me descrevesse o aspecto da entidade, ao que ele prontamente atendeu: “O é horrível! tem o corpo crivado de feridas. “

Se necessária fosse outra prova, para me convencer da identidade do espírito comunicante, tê-la-ia tido, ouvindo ao médium: “O espírito deseja dizer-lhe que deplora amargamente não ter seguido o seu conselho, com relação a certo monumento que se ia erigir e às medidas políticas que a propósito deviam tomar-se. “ Aludia a um conselho confidencial que eu lhe dera dois anos antes do seu assassínio, conselho que ele julgara intempestivo no momento e só utilizável no começo de 1904.

Devo acrescentar que o Senhor Vango repetiu as palavras sérvias de maneira bastante característica, articulando sílaba por sílaba, a começar da última de cada palavra, para chegar à primeira. Assim: “Lim, molim, te, shite, pishite; yoy, moyoy; ri, teri, materi; liyi, Nataliyi, etc. “

Como publico o fato no interesse da verdade, não hesito em afirmar esta com o meu nome e o meu cargo. (Assinado: Chedo Mijatovich, ex-enviado extraordinário, ora ministro plenipotenciário da Sérvia na Corte de St. James - Radicliffe Gardens, 39 - Londres, SW.)

Neste caso, cumpre, antes de tudo, acentuar que o conde Chedo Mijatovich concentrara o pensamento numa determinada entidade de defunto e que, em lugar dessa, urna outra se manifestou, em quem ele, na ocasião, absolutamente não pensava, o que afasta a hipótese das personificações subconscientes, por efeito de sugestão transmitida telepaticamente do consultante ao médium.

Além disso, é de notar-se que a personalidade do defunto que se manifestou forneceu algumas excelentes provas de identidade, principalmente quando deplorou não haver seguido o conselho que lhe dera o consulente, numa importante conjuntura de política interna.

Por fim, pois que se tratava da língua Sérvia, não se fazem necessárias atestações especiais que garantam ignorar completamente o médium a língua cujas palavras repetia foneticamente.

Portanto, o fenômeno de “xenoglossia” parece indubitável e, não podendo ser explicado por nenhuma hipótese naturalística, obriga logicamente a admitir-se a intervenção espiritual, ali, do jovem rei da Sérvia, ansioso por pedir à sua mãe perdão de não ter seguido, antes, haver repelido desdenhosamente o seu conselho, com o que provocou a conspiração militar de que veio a ser vítima.

Acervo Virtual Espírita

O que, entretanto, verdadeiramente curioso se revela, e mesmo inexplicável, no caso de xenoglossia que apreciamos, é o fato de o médium repetir, articulando em sentido inverso as sílabas, as palavras que ia percebendo por meio da clariaudiência. Nas experiências de "psicografia", numerosos exemplos se contam de "escrita pelo espelho", consistindo no escrever o médium as palavras em sentido contrário, o que obriga o experimentador a ler refletida num espelho a mensagem. Psicologicamente, isto se explica pela inversão das correntes nervosas nos centros motores da linguagem escrita; mas, para a inversão das sílabas, tal explicação não colhe. Por outro lado, fora absurdo presumir-se que o defunto se exprimisse dessa maneira. Nenhuma dúvida há, pois, de que o fenômeno da inversão das sílabas foi obra da cerebração inconsciente do médium e é tudo o que se pode afirmar com segurança, dado que a causa determinante do mesmo fenômeno se conserva psicologicamente inexplicável.

Caso VIII - Encerro a primeira categoria da presente classificação, citando o caso recentíssimo de Teresa Neumann, a estigmatizada de Konnerrseuth, na Baviera, que pronunciou palavras e frases em língua Aramaica, o que quer dizer na língua e Jesus.

Sendo um caso que todos conhecem, limitar-me-ei a resumir-lhe a parte que nos interessa.

Teresa Neumann é filha de um alfaiate de Konnersreuth. Tem atualmente trinta anos e, no estado normal, é uma rapariga simples, de gênio alegre, de ardente fé religiosa. Deixo de aludir ao infortúnio que a pôs enferma, às suas visões de Santa Teresa e ao fenômeno dos estigmas, que lhe apareceram pela primeira vez na semana santa de 1925. Durante a crise dos estigmas, revive a paixão do Cristo e proferem frases e palavras em língua Aramaica, inclusive as que ele pronunciou na Cruz.

Nota a propósito o Doutor Weseley que o Arameu era de fato o idioma que Jesus habitualmente falava e não o Hebraico, nem o Grego. Acrescenta que os Evangelhos, no original, citaram as palavras do Mestre em Arameu, língua esta hoje inteiramente morta, a ponto de ser impossível reconstituir com fidelidade.

Eis aqui uma amostra das frases ou palavras que á extática há pronunciado no curso dá crise aos estigmas:

- "Salabu" (Crucificado)
- "Jehudajé" (Judeu)
- "Schlama Rabbuni" (Eu te saudo Mestre. - Estas forem às palavras que Jesus preferiu no Jardim das Oliveiras)

Acervo Virtual Espírita

- “Magera baisebua Jannaba; Jannaba magera baisebua!” (Segundo a extática, estas as palavras que os apóstolos proferiram, quando Jesus foi traído.)

- “Abba shabock lá hon.” (Pai, perdoa-lhes. - Palavras ditas pelo Cristo, na Cruz)

- “Amen Amarna lach bjani atte emi b' pardesa.” (Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso. - Palavras que Jesus dirigiu ao bom ladrão.)

Noutra ocasião, em que diversos orientalistas eminentes a cercavam, a estigmatizada ouviu de novo as palavras ditas pelo Mestre na Cruz, entre elas a exclamação: “As-che!” (Tenho sede.) Concordes, todos aqueles orientalistas declararam que teriam enunciado esse pensamento por meio da palavra “sachem!” Ora, do ponto de vista teórico, é altamente sugestiva esta substituição de palavras, porquanto ninguém a tinha em mente, fato que o doutor Punder assinala, exclamando: “Mas, então. donde haverá Teresa tirado a inesperada e correto palavra “As-che” ? E' um enigma que por nenhuma forma de sugestão se pode resolver.”

E, referindo-se a esse incidente, assim como ao de uma sentença completa em Arameu, que a estigmatizada enunciou e que os eruditos que a ouviam ignoravam completamente, o Doutor Weseley, a seu turno, pondera: “Não há modo de explicar-se haja Teresa podido exprimir corretamente uma sentença até agora desconhecida dos eruditos que a cercavam, e que tenha podido empregar uma palavra Arameia com que eles não contavam, se bem absolutamente correta. Presumir que a rapariga pôde ler um pensamento que, em momento algum, se concretizara na mente do Professor Wutz, nem na dos outros, será pura idiotice “.

Doutra feita, estando a seu lado o Doutor Wutz, que é notável orientalista, a registrar diligentemente as palavras que ela ia proferindo, ouviu-a pronunciar uma frase Arameia que não lhe pareceu correta. Observou então à extática: “Teresa isto não é possível. As palavras que disseste não são Arameu. “ Respondeu ela: “Repeti as palavras que me disseram. “ Perplexo e duvidoso, regressando a casa, aquele doutor se deu pressa a consultar documentos Arameus e num dos mais antigos dicionários desse idioma deparou com uma frase idêntica à que a moça pronunciara.

Estes os fatos. Sobre ser puro Arameu a língua que ela fala, não pode haver dúvida, porquanto isso atestaram todos os eminentes orientalistas que a ouviram, entre os quais o professor Joahannes Bauer, lente de teologia semítica na Universidade de Hale.

Do ponto de vista da interpretação espiritualistica dos fatos, o lado fraco do caso consiste em que as frases que Teresa Neumann pronuncia em língua Arameia são quase sempre simples reproduções das que proferiram Jesus ou

Acervo Virtual Espírita

outras personagens dos Evangelhos, frases que, com a respectiva tradução em línguas atuais, existem impressas nos livros e dicionários daquele idioma. Assim sendo, até certo ponto explicáveis parecerão os aludidos fatos, desde que se pode supor que Teresa Neumann, em estado de êxtase, possui a faculdade da telestesia, sob a forma de "leitura, à distância, de livros fechados", faculdade cuja existência se acha experimentalmente demonstrada, sobretudo pelas numerosas e prodigiosas experiências ultimamente feitas, com a médium Mrs. Osborne Leonard.

Como se há visto, nos casos anteriormente referidos, ao contrário, as frases e palavras que os médiuns disseram em línguas que ignoravam foram construídas no momento, Pois com essas frases e palavras respondiam eles a perguntas dos consultantes, o que taxativamente exclui a hipótese da "leitura, à distância, em livros fechados". Ora, como todos convirão em que impossível é construir alguém frases originais em língua que totalmente desconheça - segue-se que, naqueles casos, logicamente inevitável se torna admitir a intervenção de entidades espirituais extrínsecas.

Todavia, para sermos exatos, importa observemos que nos episódios de "leitura em livros fechados", obtidos com Mrs. Leonard, como nos que se conseguiram com o rev. Stainton Moses, afirmavam as personalidades dos defuntos comunicantes que o prodígio se dava por intermédio delas e não por obra do médium, o que se poderia admitir, ou, antes, se deveria admitir em casos particulares, tendo-se em conta as admiráveis provas de identidade fornecidas, na época, pelas próprias personalidades. Mas, conforme o ensina a experiência, em matéria de faculdades supranormais, aquilo que um espírito "desencarnado" pode realizar, deve podê-lo igualmente, ainda que menos bem, um espírito "encarnado", desde que se ache em condições transitórias de incipiente desencarnação (qual seria o estado de "transe"). Uma vez que, então, as faculdades supranormais subconscientes podem considerar-se os sentidos espirituais em estado latente, à espera de emergirem para exercitar-se em ambiente apropriado, depois da crise da morte, essa possibilidade neutraliza a interpretação espiritualística da linguagem Arameia que Teresa Neumann falava, salvo sempre a circunstância da existência de boas provas colaterais a favor de tal interpretação.

No caso em apreço, boas provas há desse gênero, embora insuficientes. Assim, por exemplo, a exclamação: "As-che!" (Tenho sede) forma absolutamente correta, mas contrária às opiniões dos orientalistas presentes, que teriam expressado o mesmo conceito por meio da palavra "Sachena". Quem ousaria, porém, afirmar que, na Cruz, Jesus se haja expressado como o querem os orientalistas, e não com a frase, igualmente legítima, de que se serviu a extática? De toda maneira, o que é fato é que se esta houvesse lido, a

Acervo Virtual Espírita

distância, em livro fechado, devera ter dito “Sachena” e não “As-che”, observação que temos por altamente sugestiva, visto excluir a hipótese telestésica para a explicação de tão singulares incidentes, como por excluir qualquer forma de sugestão dos presentes.

E ainda de relevar-se à frase pronunciada em língua Arameis pela extática e ignorada dos orientalistas, frase que, ao que declarou a primeira, foi proferida pelos apóstolos quando souberam da traição de Judas. Não existindo escrita em nenhuma parte, semelhante frase não poderia explicar-se pela “leitura em livros fechados”. Com esta hipótese, ao contrário, se explicaria à frase Arameis que o professor Wutz considerou errada, encontrando depois uma idêntica em dicionário antigo. Mas, se as duas frases precedentes não se podem explicar por meio de tais hipóteses, dever-se-ia então concluir no mesmo sentido, pelo que concerne à última.

Finalmente, observarei que, em quase todas as línguas, as palavras não se pronunciam como são escritas, de modo que, se Teresa Neumann houvesse tirado, à distância, de um livro fechado, as frases que proferiu, não teria podido pronunciá-las com exatidão fonética, observação que reveste não pequena importância.

Com isto, penso haver submetido ao juízo dos leitores tudo quanto se podia assinalar pró e contra a hipótese da intervenção de entidades espírita no caso da extática bávara.

Restaria apenas responder ao seguinte quesito : Admitindo-se por um momento que a extática se achasse realmente em comunicação com o mundo espiritual, quem era a entidade que lhe transmitia em língua Arameia as frases da “Paixão de Jesus” ? Os documentos de que disponho não me informam suficientemente acerca desse ponto, para que me sinta autorizado a externar qualquer opinião. A “vidente” percebia com freqüência junto de si Santa Teresa, isto é, a santa cujo nome lhe fora dado, mas as palavras em Arameu, que eram de sua parte repetidas foneticamente, ela as apreendia por “clariaudiência” e não se sabe, ou, melhor, ignoro se declarou alguma vez quem fosse a entidade que lhas transmitia. Acho mais provável que nenhuma declaração tenha feito nesse sentido e que ela própria haja sempre ignorado quem era a entidade. Deduzo-o desta observação que se me deparou em recente exposição do caso: “Muitos dos que vêm estudar de perto o fenômeno retiram-se convencidos de que a extática se acha em comunicação com uma personagem que não só viveu ao tempo de Jesus, como foi testemunha da “Sua Paixão”. - Portanto, até estes últimos tempos, ninguém estava informado a respeito.

CATEGORIA II

Acervo Virtual Espírita

Casos de xenoglossia obtidos com o "automatismo escrevente"
(Psicografia)

Do ponto de vista científico, os casos que formam esta categoria são os melhores, por isso que o texto escrito em língua que o médium ignorava fica, como documento irrefragável, à disposição dos estudiosos, ao passo que, com os médiuns pelos quais falam entidades extrínsecas, quase sempre ocorre termos que fiar do perspicaz discernimento dos experimentadores, a menos que entre estes haja quem tome o encargo de registrar diligentemente as palavras que o médium profere: Como se há visto, na precedente categoria citamos diversos casos em que essa regra de indagação foi observada.

Pelo que diz respeito a esta outra, previno que, embora seja ela mais rica de episódios, se apresentará, como a primeira, muito reduzida quanto ao número dos casos apreciados, devido ainda à forma anedótica em que eles, na sua maioria, são relatados. Mas, por felicidade, entre os que serão considerados, vários se contam de real importância e que, com toda razão, se podem ter por concludentes.

Caso IX - Inicio o rol dos casos desta nova categoria com um episódio magistralmente pesquisado pelo professor Richet e por ele narrados nos "Annales des Sciences Psychiques" (1905, páginas 317-353).

Não é um caso que revista grande significado teórico, porquanto nele não há frases originais construídas no momento. Quer dizer que não se trata de uma conversação em língua ignorada, mas, simplesmente, da reprodução, em grego moderno, de longas frases que se encontram impressas em diferentes obras e que o médium fielmente transcreveu, por um fenômeno de "visão clarividente" das próprias frases. Trata-se, portanto, de uma fase preliminar dos fenômenos de "xenoglossia". Como quer que seja, porém, achamo-nos em presença de um fato dessa ordem, porquanto, se, ignorando o grego, a médium chegou a transcrever longas frases nesse idioma, sem ter diante de si os originais, é que ela possuía faculdades supranormais de natureza das que fá foram apreciadas, tanto mais que, amiúde, as frases correspondem a situações ocasionais.

O professor Richet não declinou o nome da senhora inglesa que se prestou a tais experiências. Entretanto, desde que essa senhora tratou de si largamente numa longa e magistral auto-análise psicológica da sua mediunidade, penso não cometer indiscrição alguma, revelando quem ela é. E Mrs. Lacra Finch, pessoa a quem o Professor Richet confiou a direção da revista inglesa "The Annals of Psychical Research", ramificação dos "Annales des Sciences Psychiques".

Acervo Virtual Espírita

Observarei, por fim, que, não me sendo possível reproduzir aqui a narrativa minuciosa do professor Richet, distendida por 36 páginas daquela revista, limitar-me-ei a transcrever o resumo que dessa narrativa fez o autor no seu "Tratado de Metapsíquica" (pág. 273)

A Senhora X, dama de uns trinta anos, jamais aprendeu o grego e está absolutamente provado que ignora essa língua. Entretanto, na minha presença, escreveu extensas frases em grego, nas quais se nota leves erros, que positivamente demonstram ter ela a visão mental das frases existentes em várias obras gregas. Depois de laboriosas pesquisas, ajudado mais pela fortuita, do que pela minha perspicácia, e graças aos amigos Courtier e Doutor Valvianos, de Atenas, cheguei a descobrir o livro principal de onde a Senhora X tirara as longas frases em grego, que transcreveu na minha presença. Trata-se de um livro impossível de encontrar-se em Paria (mas que existe na "Biblioteca Nacional") e é o Dicionário grego-francês e franco-grego de Bysantius e Coromelas. Como seja um dicionário de grego moderno, nunca esteve em uso nos liceus.

Pois bem: a Senhora X escreveu, na minha presença, uma vintena de linhas em grego moderno, com poucos e leves erros (oito por cento e, na sua maioria, de acentuação), erros de um gênero que não poderia evitar quem escrevesse um ditado em língua grega, sem a compreender.

(Seguem-se exemplos, em língua e caracteres gregos, para a especificação dos erros, depois do que continua assim o Professor Richet)

Como se vê, todos estes erros provam claramente que se, trata de transcrição imperfeita de um modelo visual e provam igualmente que a Senhora X não conhece de fato o grego, pois que tais erros são aos que cometeria, em transcrição descurada, uma pessoa que desconhecesse a língua e o alfabeto gregos.

Estou absolutamente certo (o grifo é do professor Richet) que a Senhora X nenhum modelo teve diante dos olhos, quando transcreveu aqueles períodos. Ela, olhava o vácuo e escrevia como se copiasse imperfeitamente o texto de uma língua desconhecida, da qual apenas percebia as letras, sem lhes saber o valor. E de notar-se que, se bem, com efeito, não compreendesse o significado das frases transcritas, estas se adaptavam perfeitamente bem às situações do momento. Uma tarde, ao por do Sol, escreveu em grego uma frase que se lê ao dicionário de Bysantius: "Quando o Sol nasce ou se põe, longe se projetam às sombras". A frase foi transcrita sem acentuação e com um leve erro de cópia.

Só duas hipóteses podem explicar os fatos: ou inclinação à fraude, servida por inaudita e prodigiosa memória visual, ou uma extraordinária "criptestesia".

Acervo Virtual Espírita

Deve-se começar sempre por admitir a possibilidade de uma fraude. Admitamo-la, pois, admitindo as seguintes inverossimilhanças psicológicas que ela pressupõe: 1°, que a Senhora X tenha comprado em segredo o dicionário de Bysantius, a Apologia de Sócrates, o Fedro de Platão, o Evangelho de S. João, isto é, os quatro livros de onde extraiu as frases que escreveu na minha presença; 2°, que se exercitara demoradamente no manuseio dessas obras, com o fim de guardar as imagens visuais de frases inteiras, escritas com caracteres cujo significado não compreendia. Presunções tais são admissíveis, quando haja a possibilidade de uma secreta maquinação, longa e metodicamente arquitetada... Tudo neste mundo é possível. Todavia, não deixará de ser portentoso o fato de a Senhora X, que totalmente ignorava o grego e nada compreendia daquelas frases, ter delas conservado uma imagem visual tão nítida, que lhe permitiu chegar a reproduzi-las de memória numa vintena de linhas (622 letras, com 6 por cento de erros)...

Este o resumo, talvez demasiado breve, que o professor Richet fez do caso em apreço, no seu "Tratado de Metapsíquica". Cumpre, pois, o completemos, realçando mais o fato interessante de corresponderem quase sempre às frases gregas, conquanto tiradas todas de livros existentes, a situações do momento. Assim, quando o Professor Richet pede explicação sobre a comunicação dada, obtém esta resposta em grego: "A cópia está conforme ao original. " A uma outra pergunta, é-lhe respondido com absoluta coerência: "Tenho as minhas instruções, das quais não me posso afastar." Como falassem da guerra sino-japonês, então em pleno desenvolvimento, é ditado isto: "Esta guerra interessa à Europa toda." Todas essas frases, repito, foram tiradas de livros gregos; porém, longe de reproduzidas ao acaso, eram escolhidas de acordo com o que se queria exprimir. O professor Richet o reconhece, quando observa:

Mal grado à aparente incoerência das frases transcritas, nelas se descobre à trama cerrada de uma espécie de pensamento dirigente, tendendo a realizar, por dois caminhos diversos, o próprio objetivo. (Annais, 1905, pág. 356.)

Assim sendo, não parecem inútil acrescentar-se que as transcrições do grego traziam freqüentemente, por assinatura, o nome de um antepassado do Professor Richet, Antônio Agostinho Renouard, editor e bibliófilo (1770-1853), que publicara diversas obras de autores gregos. Fora pai de Carlos Renouard que, a seu turno, foi o avô materno do professor Richet.

A propósito de tais manifestações, informa este:

Passarei voluntariamente em silencio outros indícios de natureza diversa, que tenderiam a fazer supor haja dado uma real intervenção do defunto meu antepassado. Guardo sobre eles silêncio, por não vir ao caso misturar com este estudo, concernente à mediunidade poliglota, outros gêneros de comunicação

Acervo Virtual Espírita

que. à sua vez, para serem analisados convenientemente, demandariam longas e laboriosas discussões. (Annales, 1905, pág. 347.)

Não há quem não veja o que têm de teoricamente sugestivo todos estes pormenores complementares, abrindo ensejo a um confronto interessante, que há seu tempo faremos.

Por ora, o que mais importa é aditar à exposição do professor Richet um lance de auto analise de Mrs. Laura Finch, lanço em que ela descreve as próprias impressões quando lhe sucedia escrever em grego moderno. Considerada de vários pontos de vista, reveste-se de alto valor psicológico essa auto-análise, que saiu publicada na "Light" (1907, 25 de Maio, 1, 8 e 15 de Junho).

A autora descreve nestes termos suas impressões, durante as fases de "xenoglossia":

A longos intervalos, também surge em mim à faculdade de escrever em línguas que totalmente ignoro, faculdade que, se ainda não é a própria e verdadeira clarividência, tão-pouco é um fenômeno físico. Mensagens dessa natureza obtive-as por meio das "pancadas", sem contacto das mãos com a mesa. A tais fenômenos deu o professor Richet o nome de "Xenoglossia" e publicou grande parte do que obtive dessa maneira. Houve um intervalo de dois anos, durante o qual nada produzi em matéria de xenoglossia, e, doutra vez, o intervalo foi de sete meses, passados os quais me vi presa de dois impulsos dessa natureza, separados um do outro por uma trégua de poucos dias. Durante eles escrevi cerca de um milhar de caracteres gregos, língua que absolutamente ignoro. Cada uma dessas fases produzidas era acompanhada de uma sensação de calor e de esforço cerebral, sendo que antes delas andava por vários dias sujeita a uma forma, fraca, mas persistente, de clariaudiência e clarividência, mediante a qual me era dado ouvir constantemente um rapidíssimo sussurro em línguas que eu desconhecia e ter visões de caracteres e hieróglifos, as quais me passavam diante do olhar cora uma rapidez tal, que me não permitiria copiá-los. Finalmente, essas visões como que ai cristalizaram e o fenômeno tomou estabilidade bastante, para me tornar possível reproduzir os caracteres que, dir-se-ia, alguém me colocava diante dos olhos. Bem entendido: a coisa era diferente, quando o fenômeno de xenoglossia se tornava extrínseco, por meio das "pancadas", ou quando se dava achando-me eu em estado de "transe".

Faço notar que, enquanto as condições de clarividência parecem estar à minha disposição, sendo-me facultado exercitá-las em estado relativamente normal, que me permite o estudo de mim mesma e das minhas faculdades, outro tanto já não sucede no tocante à produção da xenoglossia e das pancadas. Estes fenômenos se afirmam de todo independentes da minha

Acervo Virtual Espírita

vontade. Pelo que lhes respeita, sou obrigada a atender a uma nova marulhada - Por assim dizer - da maré supranormal... (Light, 1307, pág. 283.)

Isto disse a Senhora Finch. Do ponto de vista da rapidez com que, a princípio, lhe passavam por diante do olhar as visões dos caracteres e das frases em línguas que ela ignorava, cumpre se acentue a perfeita analogia que esse fato guarda com tudo quanto hão descrito muitos "psicômetras", relativamente às imagens dos sucessos de tempos idos, quando lhes passam pela visão subjetiva. Assim, por exemplo, diz em sua auto-análise Mrs. Elisabeth Denton. mulher do professor Denton, que, com Buchanan, descobriu as pesquisas psicométricas:

Geralmente, as imagens me passavam diante do olhar como um panorama que se movesse com fulminante velocidade. Em tais circunstâncias, nem mesmo os contornos dos Objetos podia eu firmar, se bem fossem eles característicos. Era-me possível fazer observações parciais, mas o objeto fugia a minha atenção, muito antes que houvesse conseguido observá-lo. Daí resultou que por muito tempo considerei fragmentárias essas visões. Um dia, porém, aprendi que, com potente esforço da minha vontade, aquelas cenas fugacíssimas se deteriam. Reconheci então que não eram fragmentárias, que, naquele cenário, toda particularidade era precisa, perfeita e tão real, aparentemente, quanto os pormenores de uma paisagem terrena...(W. Denton, Natures Secrets, pág. IV do Prefácio.)

Tais analogias entre as visualizações "psicométricas", simples variedade da clarividência no passado, e as visualizações dos caracteres gregos, por parte de Mrs. Finch, que se podem supor uma variedade da clarividência no presente (telestesia), se revelam interessantes, embora tudo concorra para fazer presumir que elas dizem respeito unicamente às modalidades com que se apresentam extrínsecas as visualizações supranormais, em geral, ao passarem do subconsciente ao consciente, modalidades que por ora se conservam misteriosíssimas, mas que, seja como for, não podem dar o fio da meada reveladora da gênese dos fenômenos.

E o Professor Richet está tão persuadido de que, por enquanto, é imperscrutável essa gênese, que, respondendo a Marcel Mangin, o qual formulara quatro hipóteses para explicação do caso em apreço, assim se exprimiu:

As observações de Marcel Mangin, a propósito do caso de xenoglossia que relatei, apenas provam até que ponto nos achamos impotentes para fabricar hipóteses, porquanto as que ele aventou, embora demonstrem o engenho do autor, não são de natureza a constituir eixo da discussão. Parece-me mais sábio declarar sinceramente: "Não sabemos, não compreendemos". (Annais, 1905, pág. 602)

Acervo Virtual Espírita

E nessa prudente atitude persiste ele, mesmo no seu "Tratado de Metapsíquica", onde nenhuma hipótese propõe para explicação dos fatos, terminando com estas palavras o respectivo capítulo:

Por ora, devemos limitar-nos... a considerar os fenômenos de xenoglossia quais raros e singulares assinalamentos que se acumulam a serviço da ciência meta psíquica do futuro, isto é, de uma ciência cujas conclusões ninguém se acha apto a antecipar.

Por minha conta - como já se viu - querendo explicar naturalìsticamente a limitada secção dos fenômenos de xenoglossia, análogos ao de que se trata, havia eu concedido à hipótese da "leitura à distância, em livros fechados" (telestesia), a importância que ela merece. Assim procedi, pelo fato de que, hodiernamente, depois das magistrais e concludentes experiências, realizadas com a médium Mrs. Osborne Leonard, por muitos pesquisadores, entre os quais diversos membros da "Society for Psychical Research", e, sobretudo, depois das memoráveis experiências do reverendo Drayton Thomas com a mesma médium, está experimentalmente demonstrado, quase direi exuberantemente provado, que o fenômeno da "leitura à distância em livros fechados", conquanto pertença ao rol dos mais raros em fenomenologia metapsíquica, se efetua, certìssimamente, a despeito da nossa impotência para compreendê-lo. Assim sendo, daí decorreria, como conseqüência lógica, que nos casos de pseudos xenoglossia, análogos ao que estamos considerando, pareceria legítimo explicar-se o fenômeno pelas tais variedades de manifestações telestésicas, inerentes à subconsciência humana.

Feita esta declaração a favor da interpretação naturalística dos fatos, posso eximir-me de acentuar que, nos fenômenos de "feitura a distância em livros fechados", de maneira quase constante se repete à circunstância, precedentemente posta em relevo, de manifestar-se urna personalidade de defunto, dizendo-se autor dos mesmos fenômenos. No caso do rev. Drayton Thomas eram o pai e a irmã a afirmar que recorriam a fenômenos dessa natureza, com o fim de provarem a sua presença real ali. Ponderarei, ainda, que nos relatos de Drayton Thomas se encontra o mesmo fenômeno que o professor Richet colocou em evidência: o corresponderem exatamente os trechos ou frases tiradas pela personalidade mediúnica, de livros existentes algures a uma pergunta do experimentador. Isto complica enormemente a tarefa de indagar a gênese dos fatos em apreço, uma vez que não se chega a compreender como seja possível escolher-se, em biblioteca distante, num determinado livro, a página, e, nesta, o parágrafo que encerra uma frase adaptável a uma interrogação do experimentador.

Acervo Virtual Espírita

Com a mediunidade do rev. Stainton Moles acontecia alguma coisa de mais portentosa ainda e o Doutor Maurício Davies, que foi seu íntimo, refere, a esse respeito, o seguinte:

Stainton, Moles me disse que, quando estudava as obras dos antigos Pais da Igreja, freqüentemente intervinha "Imperátor", a lhe transmitir trechos, ou mês mo páginas inteiras dos textos de que ele necessitava. Moses nunca deixava de ir ao British Museum comparar os lances que lhe eram dados por via mediúnica com os textos das obras de onde aqueles haviam sido tirados, reconhecendo-os sempre literalmente exatos. (Light, 1910, pág. 460.)

Assim, no caso de Moles, como nos de Drayton Thomas e de Mrs. Finch, apenas se tratava de mera transcrição, à distância, de frases ou páginas extraídas de uma obra existente; mas... quem ousaria sustentar, sem prudente reserva, que isso se pode dar por obra da subconsciência do sensitivo e não por obra das entidades espirituais que constantemente se manifestam em tais circunstâncias ? E o que principalmente ressalta, no caso de Mrs. Finch, em que não se tratava apenas de frases atinentes a situações do momento, porém de frases escritas em língua que a médium ignorava. Ora, devendo por força a inteligência que as escolhia conhecer-lhes o significado, logicamente se impõe à conclusão de que, não podendo estar em jogo a subconsciência da médium, necessariamente o fato era devido ao defunto que se afirmava presente e a quem, quando vivo, fora familiar a língua usada mediunicamente. Também ponderarei que no caso que apreciamos essa interpretação se veria reforçada pela circunstância de ser ela diametralmente contrária às convicções materialistas da médium, o que exclui a hipótese das "personificações subconscientes". Com efeito, é de notar-se que, na sua auto análise, Mrs. Finch declara explicitamente "Não creio na sobrevivência da alma e, pessoalmente, não sinto a necessidade de tal crença." Decorre dai tornar-se ainda mais notável o fato das mensagens em língua ignorada, trazendo a assinatura de um defunto antepassado do Professor Richet e que, além disso, fora editor de obras gregas. A esta circunstância de fato importa se junte outra: a de Mrs. Finch, que tem convicções positivo-materialistas, afirmar de modo decisivo a existência e a sobrevivência da alma, quando em "transe". Fato é este que nos traz à mente o que escreveram os análogos magnetólogos, a propósito de afirmarem todos os seus sonâmbulos, sem exceção, assim caíam em estado de sonambulismo, a existência de Deus e a sobrevivência da alma, não obstante nutrirem fora desse estado convicções materialista e ateístas.

Foi esta circunstancia infalível em todos os casos que levou Deleuze a exclamar: Não há sonâmbulos materialista nem ateus.

Corrobora curiosamente esta afirmativa tudo ocorre com Mrs. Finch, mal entra em sono mediúnico. Ora não se pode contestar que as circunstancia

Acervo Virtual Espírita

invocadas tendem a conferir certa supremacia a interpretação espiritualistica dos fenômenos de leitura a distancia de livros fechados desde que nossa interpretação seja oposta em confronto com a explicação dos mesmos fenômenos mediante os poderes inerentes à subconsciência humana (animismo). Equivale isto a dizer que, se quisesse explicar o fenômeno que estamos examinando, de pseudoxenoglossia, por meio da hipótese da "leitura a distância em livros fechados", mais legítimo seria atribuí-lo à intervenção do defunto grecista que se manifestou, do que adotar, para sua explicação, a hipótese "anímica".

Como quer que seja, não me pronuncio a respeito, visto que os fenômenos de pseudoxenoglossia, em que o sensitivo transcreve frases existentes nalguma parte, mais não são do que uma fase preliminar dos verdadeiros fenômenos de xenoglossia, esses em que o sensitivo fala ou escreve realmente numa língua que desconhece, ou, por outra, construindo no momento as frases próprias a responder às interrogações do consultante, fenômenos que se não podem explicar, de maneira alguma, com os poderes da subconsciência, os quais, embora maravilhosos, não são capazes de realizar o impossível e impossível é que um indivíduo, que jamais tenha conhecido outra língua senão a própria no seu subconsciente uma personalidade poliglota e inútil. capaz de falar e conversar numa dúzia de idiomas.

E com isso teria eu concluído, se não se me afigurasse oportuno considerar certa observação do professor Richet, que é assim uma espécie de definição dos fenômenos de xenoglossia propriamente dita, mas, definição que, ao mesmo parecer, não corresponde às modalidades com que os aludidos fenômenos se produzem. Observou ele:

O caso de Mrs. Finch não é propriamente de xenoglossia, porquanto ela não falava e não compreendia o grego; mas, escrevia, tendo por base uma visão mental, longos textos em grego, o que difere muito de falar e compreender uma língua que se ignora.

Não há dúvida de que o caso de Mrs. Finch é radicalmente diverso dos de verdadeira e real xenoglossia, o que torna incontestável a observação do professor Richet. Acompanha-a, porém, uma afirmação contestabilíssima, a de que o caso em apreço não é de verdadeira xenoglossia, porque a médium não falava e não compreendia o grego. Observarei sobre isto que, se houvesse de considerar casos de xenoglossia apenas aqueles em que o sensitivo fala, escreve e compreende uma língua que jamais conheceu, poderiam contar-se pelos dedos de uma mão os fenômenos de xenoglossia que, desde então, seriam unicamente os em que o sensitivo se encontra imerso em "transe" mediúnico, ou em sono sonambúlico. Em tais casos, porém, não é ele, a rigor, quem compreende a língua em que conversa e sim outra personalidade que,

Acervo Virtual Espírita

como já foi dito, não pode ser uma personalidade subconsciente, pois que à subconsciência humana não é dado conhecer uma língua que a personalidade consciente ignora.

Feita esta ponderação, acrescentarei que, na quase totalidade dos casos de xenoglossia, os médiuns, em estado de vigília, nada compreendem da língua em que se expressam. Quando a escrevem, não fazem mais do que copiar de um modelo percebido por meio da clarividência, conforme acontecia com a Mrs. Laura Finch, ou, então, apenas grafam automaticamente palavras ou frases cujo significado ignoram. Quando a falam, ou se acham em estado de parcial "possessão mediúnica" e pronunciam automaticamente palavras que não compreendem, como sucedia a Laura Edmonds, ou repetem foneticamente palavras que percebem por clariaudiência, como se dava com o médium Peters com Turvey e com Teresa Neumann. Sendo estes os termos da questão, segue-se que a característica fundamental dos fenômenos de xenoglossia consiste precisamente no fato de os médiuns falarem ou escreverem em línguas que não só ignoram, mas também absolutamente não compreendem.

Tendo por fundamento o que fica exposto, parece-nos que, a pretender-se formular uma definição de xenoglossia, com o intento de distinguir dos casos de pseudoxenoglossia, quais o que vimos examinando, os casos legítimos de tal fenômeno, dever-se-ia suprimir a palavra - compreender (uma língua ignorada), por se não compadecer com os fatos. Esta, portanto, a definição que melhor quadraria às circunstâncias:

Per fenômenos de "xenoglossia" entendem-se os casos em que o médium, não só fala ou escreve em línguas que ignora, mas fala ou escreve nessas línguas, formulando observações originais, ou conversando com os presentes, provando, desse modo, que as frases formuladas foram criadas pela circunstância. ocorrente, o que exclui a possibilidade de entrarem em ação outras faculdades supranormais que transformem o suposto caso de xenoglossia num fenômeno de clarividência, com percepção à distância, das frases mediunicamente empregadas.

Caso X - Não me posso eximir de citar os dois incidentes de xenoglossia ocorridos nas famosas experiências de Victor Hugo, em Jersey, ainda que toda gente os conheça. Aliás, são curtíssimos. Esta a narrativa do primeiro episódio:

Quarta-feira, 7 de Junho de 1854 - Estão presentes à senhora Hugo, a senhorita Adélia Hugo, os senhores Kesler, Guérin, Téléki, Carlos Hugo, Pinson, Augusto Vacqueri.

O Senhor Pinson, incrédulo, senta-se à mesa juntamente com Carlos Hugo e pede lhe permitam dirigir à entidade uma pergunta em inglês, por isso que o médium Carlos Hugo absolutamente nada sabe desse idioma,

Acervo Virtual Espírita

Começando a mesa a agitar-se, Carlos Hugo pergunta quem é ó Espírito presente.

Resposta: - “Frater tuus”.

C. Hugo: - Não podes ser meu irão; serás, antes irmão do Senhor Pinson.

R. - Sim: André.

Ninguém sabia que o Senhor Pinson tivera um irmão chamado André, que se ausentara de casa havia mais de doze anos e do qual à família não mais tivera noticias.

O Senhor Pinson dirigiu a entidade uma pergunta em inglês e a mesa lhe responderam em inglês. Seguiu-se outra pergunta nessa mesma língua e nela Pois dada à resposta. Nesse ponto, o Senhor Pinson, profundamente turbado e comovido, se levanta da mesa e pede que, Por se trate de coisas íntimas de família, não seja transcrito na ata o diálogo havido.,.

Este o Primeiro incidente, respeito ao qual, em atenção ao pedido do consultante, não se registrou em ata o diálogo travado em inglês, o que é deplorável. Em todo caso, o próprio fato de o consultante mostrar-se profundamente perturbado com a resposta que obteve da mesa subentende a correção da forma em que estas foram dadas, tanto mais quando no diálogo em língua que o médium ignorava, manifestamente se continha ótima prova de identificação pessoal do defunto que se comunicava. Faço notar que esta última circunstância serve também Para neutralizar a objeção, aliás graciosa que se poderia formular contra este incidente de xenoglossia, a de que, sentado á, mesa mediúnica, o Senhor pinson houvera podido sugerir subconsciente ao médium as respostas em língua por este ignorada. Desde porém, que as aludidas respostas foram de tal modo inesperadas e condizentes com a realidade, que perturbaram e comoveram aquele que as recebeu, forçoso é se reconheça que elas não podem ter sido obra do subconsciente do Senhor Pinson.

Agora no segundo incidente:

12 de Junho de 1854. - Estão presentes a Sra Hugo, Victor Hugo, a senhorita Adélia Hugo, Carlos Hugo e o Senhor Pinson.

Pergunta-se: Quem está presente?

Resposta: - Byron.

O Senhor Pinson pergunta-lhe em inglês: “Is Montague Helt alive or dead?” (Montague Helt está viro ou morto ?)

R. - “Ative (Vivo).

(Victor Hugo sai.)

Guérin pergunta: “Poderias formular em inglês e em versos alguns pensamentos?”

- Posso.

Acervo Virtual Espírita

- Fala.
- “You know not what you ask”(Não sabes o que pedes.)
- Queres com isso dizer que não podes ditar versos?
- Não.
- Então não os queres ditar?
- Não quero.

A mesa se agita, treme, gira sobre si mesma.

- Quem é o Espírito presente?

Nenhuma resposta e a mesa continua a agitar-se violentamente. Por fim, veio deletreada a palavra.

- Scott.
- Es Walter Scott?
- Sou.
- Tens alguma coisa a dizer?
- Tenho.
- Como à senhora Hugo e Carlos não conhecem o inglês, quererás falar em francês?
- Não.
- pois bem, fala então em inglês.

W. Scott:

“Vex not the bard his lyre is broken.

“His last song sing, his last word spoken.”

O Senhor Pinson traduz o dístico obtido:

“Não atormenteis o bardo; sua lira quebrou-se, “Ele há cantado o seu último canto e há dito a sua última palavra”.

Como se vê, trata-se de um “dístico” muito bonito e muito apropriado, que a mesa improvisou em língua desconhecida do médium. Victor Hugo, que conhecia o inglês, se ausentara antes que se desse o episódio e a subconsciência do Senhor Pinson certo não era capaz de improvisar e de sugerir subconscientemente ao médium aqueles versos. Este não é o momento de indagarmos se Walter Scott e Byron estavam presentes ou não, mas, unicamente, de saber se trata ou não de um fenômeno de xenoglossia e a ruim me parece que neste segundo episódio, ainda mais do que no primeiro, se deve concluir pela afirmativa.

Caso XI - Me Disse em começo que, apesar de ser abundante a messe dos fatos que colecionei, também nesta segunda categoria o número dos casos citados seria muito limitado, devido à forma por demais anedótica, ou por demais reticente, em que na sua maioria se encontram narrados. Dado isto, inútil não será um exemplo confirmativo do que alego, para realçar a circunstância, que muito amiúde ocorre, de ter-se a impressão de estar diante

Acervo Virtual Espírita

de episódios genuínos e importantes, mas que, entretanto, não podem incluir-se numa classificação científica, pela razão de que os relatores, ou por descuido, ou por conveniências sociais, se abstêm de declinar os nomes dos protagonistas, ou das localidades onde os fatos se produziram.

O caso que passo a referir publicou-o originariamente o "Time", de Londres (18 de Agosto de 1922), ao qual foi comunicado por um de seus redatores, que ao tempo viajava pelo Japão. De Honolulu, nas ilhas Haway, escreveu ele nestes termos:

Mal saíramos do arquipélago das Haway, as flores mais belas do Pacífico, o comandante do Makura me deu a Ter uma carta que recebera de Honolulu, contendo a narrativa de um dos mais singulares episódios, de caráter mediúnico, de que já tive notícia... Neste momento, os fatos aí expostos estão sendo investigados a fundo por eminente arqueólogo e é provável que venham a ser publicados com todas as minúcias. 1Vão posso, porém, resistir ao desejo de Mies comunicar o intróito.

Numa das ilhas Haway vive uma senhora inglesa, mãe de numerosa prole, Mrs. B., cujo avô foi missionário neste arquipélago. Pois bem: desde alguns anos, recebe ela estranhas mensagens mediúnicas de defuntos que viveram em países distantes e em época muito remota. Recentemente, tive ocasião de viajar com o marido no Makura, cujo comandante, tendo sabido qualquer coisa acerca de suas faculdades "psíquicas", lhe pediu o favor de fazê-lo assistir a alguma experiência do gênero. Ela aquiesceu, sentou-se à mesa, tomou da pena e ficou, sem maior concentração de pensamento, à espera de que alguma entidade lhe impulsionasse a mão, tal qual o faria um telegrafista que se dispusesse a receber um telegrama. Ao cabo de algum tempo, exclamou: "Que pena! Quem se apresenta é o oriental que escreve lá a seu modo!" Ao que parece, noutras ocasiões recentes, ela assistira ao fenômeno de sua mão escrever singulares hieróglifos, em que predominavam as linhas retas e que vagamente lembravam certos escritos orientais. Dessa vez, escreveu durante cerca de vinte minutos e, mal se deteve, a senhora B. entregou o documento ao comandante que se propõe desvendar o mistério, submetendo-o à análise de algum orientalista. Passados poucos dias, mostrou a dois indianos vindos a negócio às ilhas Fidji, os quais, porém, nada compreenderam do que ali estava. Cientificada desse insucesso pelo comandante, a senhora B. , pesarosa, exclamou: "E eu bem devia imaginar que nada de sério podia haver naqueles arabescos. " Eis, tio entanto, que, em Novembro último, embarcou no Makura o professor G., um dos mais eminentes arqueólogos do mundo, e ó comandante, aproveitando a ocasião, lhe apresentou o documento de que se trata, guardando silêncio sobre suas origens. O professor olhou-o e logo prorrompeu em exclamações de espanto,

Acervo Virtual Espírita

ao mesmo tempo em que perguntava ao comandante como se tornara senhor de tal escrito. Em resuma, é este o surpreendente veredicto da Ciência: o documento era um excelente exemplar de escrita "hierática", sendo esta a forma popular dos "hieróglifos" de que usavam os sacerdotes forma que prevaleceu na Ásia Menor, cerca de 5000 anos antes da era cristã. Acrescentou o professor não haver no mundo mais do que urna dezena de orientalistas capazes de interpretar aquela escrita. e que nenhum deles o seria de traçá-la no brevíssimo tempo em que a traçou à Sra. B. Explicou em seguida que, na mensagem em apreço, a entidade que se comunicava, acima de tudo agradecia à Sra. B. o lhe ter concedido sua mão para escrever. Acentuava com certo espanto a diferença enorme na maneira por que hoje se viaja, em confronto com os tempos em que ele vivera, estabelecendo a esse propósito comparação entre uma viagem em dorso de camelo e uma num paquete como aquele, o que lhe sugeria considerações sobre a cena que no momento se desenrolava na câmara do comandante. Por fim, fornecia a este notícias relativas às condições do tempo e do mar.

A carta a que me referi ao principiar esta comunicação, dizendo que o comandante acabara. de recebê-la, continha ulterior mensagem escrita do mesmo modo que a primeira. Vai ser enviada, para a respectiva interpretação, ao professor G., que ainda está ocupado em traduzir o primeiro documento, consultando os seus livros, Vi apenas o segundo e sei os nomes de todos os protagonistas. Os documentos são examinados com verdadeiro espírito científico, cumprindo-me acrescentar que nenhuma das três pessoas que tiveram parte no caso é daria ao estudo do "psiquismo" nem o professor G., apenas homem de ciência; nem a comandante do Makura, escocês natural da Nova Zelândia; nem a senhora B., que, mãe de numerosa prole, não quer de maneira alguma que a considere médium. Seja como for, o que é certa é que ela jamais teve a menor idéia do que poderia ser a escrita "hierática". Assim sendo, como se explicará o fenômeno? Há em tudo isto alguma coisa que transcende a fantasia do mais audacioso dos romancistas. Semelhante fato parece infinitamente mais assombroso e dramático do que certos episódios narrados pelo próprio Rudyard Kipling... Quanto a mim, deixo claro ser este o único fato mediúnico que me torna propenso a aceitar urna explicação espiritualística para os fenômenos dessa espécie. Francamente: não logro descobrir escapatória alguma para os incrédulos. (Light, 1923, pág. 537.)

Esse e o relato de um jornalista redator do "Times" e, realmente, diante de um caso de tal natureza, não há e não pode haver "escapatórias" para os cépticos. Ele demonstra positivamente, baseado em fatos, sem contestação possível, a intervenção de uma entidade espiritual independente da médium, visto que, desta vez, não restaria aos cépticos, sequer, a possibilidade de

Acervo Virtual Espírita

agarrarem-se ao último recurso, representado pela hipótese da "memória ancestral", porquanto nenhum ousaria afirmar que, entre os antepassados da senhora B. , se cante um indivíduo que tenha vivido a 5000 anos, aproximadamente, nos impérios da Ásia Menor, ou algum antepassado arqueológico, a tal ponto familiarizado com a escrita "hierática", que haja deixado atàvicamente impressa na subconsciência da médium um traço tão acentuado de tais conhecimentos, que a pusesse em condições de escrever com nitidez e em tempo excessivamente breve uma longa mensagem naquele gênero de escritura.

Colocada a questão nestes termos, grato me é congratular-me com o narrador pelo bom senso de que deu prova, compreendendo de pronto que, em presença de tal fenômeno, não há "escapatórias" para os incrédulos.

Isto posta, fácil é de compreender-se a sensação de contrariedade científica que se experimenta ao ter-se de reconhecer que o episódio referido, embora se apresente com todas as características dos fatos genuínos, não pode ser utilizado para a indagação das causas, porque o relator se absteve de publicar os nomes dos protagonistas, limitando-se a designar a localidade e o paquete. Admite-se que ele não se sentisse autorizado a fazê-lo, por não querer a senhora B. ser tida como médium e por não desejarem o professor e o comandante que seus nomes viessem a público, ligados a um portentoso fenômeno mediúnico, arriscando-os a comprometer seus interesses profissionais. Tudo isso se pode admitir e mesmo reconhecer como boas e indubitavelmente legítimas essas razões, aliás freqüentes nas narrativas de fenômenos congêneres. Mas, nada disso impede que, as mais das vezes, elas tragam como conseqüência tirar todo valor científico aos fatos narrados. Este o caso, no tocante ao magnífico episódio que acabo de reproduzir.

Por felicidade, como se verá, outros episódios existem, análogos em tudo a esse, que se apresentam autenticados por toda a documentação que se possa exigir para incluí-los numa classificação científica.

Caso XII - O que se segue, semelhante ao Precedente, já se apresenta suficientemente documentado, em relação a quantos do mesmo gênero se citem, além de outros irrecusáveis.

Tomo-o à "Light" (1904, pág. 429), sendo que, para lhe dar todo o valor, mister se faz que eu ministre algumas informações sobre a personalidade do protagonista, Senhor Hugh Janor Browne, rico banqueiro de Melbourne, que começou a interessar-se, mas sem entusiasmo, pelas experiências mediúnicas, quando dois de seus filhos revelaram faculdades dessa natureza. Logo, porém, a elas se dedicou com fervor, em conseqüência de haverem esses seus dois filhos perecido no naufrágio do iate de sua propriedade, durante um cruzeiro desportivo. Dada esta ocorrência, o Senhor Browne consultou o célebre

Acervo Virtual Espírita

médium australiano Jorge Spprigs, por intermédio do qual os dois rapazes se manifestaram, fornecendo minuciosas particularidades sobre o cruzeiro, particularidades que nenhum vivente podia conhecer e que se verificaram exatas, acrescidas da circunstância macabra de haver um grande peixe mutilado o braço do cadáver do primogênito. Dois dias mais tarde, foi pescado um tubarão, em cujo ventre se achou o braço do moço, com uma parte do colete onde se encontrava o relógio, que parara na hora precisa indicada pelo defunto como sendo a em que submergiram com o barco.

Dois livros importantes publicou Hugh Janor Browne, acerca de suas próprias experiências, intitulados "The Holy Truth" e "The Grand Realty". obras que foram tidas em muita conta por Frederico Myers, que delas extraiu longas citações para a sua grande obra - "Human Personnality".

O relato a que me reporto existe em forma de uma entrevista, na qual o banqueiro Browne comunica ao Senhor Carlos Bright, redator da revista espiritualista "The Harbinger of Light" pormenores complementares de um caso de xenoglossia referido em "The Holy Truth".

Carlos Bright diz:

O Senhor Browne me expôs de que modo chegou a verificar a autenticidade lingüística da escrita "hieroglífica" que ele publicara à pág. 80 do seu livro The Holy Truth. Como esses informes ainda se não tornaram públicos, consideramos de grande interesse para todos publicá-los.

Resumirei, antes de tudo, o fato da produção dessa escrita, qual ai lê no livro em questão. Um dos filhos do Senhor Browne possuía faculdades mediúnicas e fora durante algum tempo influenciado por uma entidade que o fez escrever em caracteres ditos Persas. Certa noite em que havia sessão, a filha do Senhor Browne, que possuía a faculdade de "vidência", anunciou que divisava por detrás do irmão o fantasma de um Persa, acrescentando que este sem dúvida se dispunha a fazê-lo escrever pois havia colocado uma das mãos sobre a cabeça do rapaz e com a outra lhe segurava o pulso. De súbito, a mão do médium entrou a escrever rapidamente em persa - ou no idioma que se afirmava ai em autentico persa - e, mal grado a velocidade com que escrevia, as letras surgiam nítidas e regulares, como numa litografia. Foram ditadas dessa maneira numerosas páginas, das quais o Senhor Browne publicou um "fac-símile" no seu livro, acompanhado de uma nota em que pede àquele de seus leitores que porventura chegasse a decifrar o que ali está escrito, a fineza de enviar ao autor a tradução.

Naturalmente, ele não se limitou a essa indagação Pública. Mostrou algumas das folhas ao Doutor Figg, de Williámatown, douto orientalista. O Espírito do persa aparecia constantemente à filha do Senhor Browne militarmente uniformizado a oriental, com um turbante na cabeça. Informara

Acervo Virtual Espírita

que fora príncipe e que morrera havia mais ou menos 600 anos. O Doutor Figg examinou a escritura e declarou que absolutamente não se tratava de persa, acrescentando: "Caro Senhor Browne, enganaram-no. Alguém se divertiu à sua custa. " - O outro respondeu: "Foi-nos dito que se tratava de persa antiqüíssimo e, não obstante o seu parecer, aguardo confiante se confirme o que nos disseram..."

Sem de modo algum desanimar, o entrego a um seu amigo, o Senhor Carson, que estava de partida para a Inglaterra, algumas folhas da aludida escritura, pedindo-lhe que a apresentasse aos peritos orientalistas do British Museum. Assim fez o Senhor Carson e dessa vez com pleno êxito. O orientalista, guarda dos antigos manuscritos do British Museu, depois de longamente analisar as páginas hieroglíficas, informou que no Museu existiam lápides, antigas de 7000 anos, onde se viam insculpidas letras em tudo semelhantes àquelas. Informou igualmente que tal idioma era conhecido sob o narre de "Tártaro-Persa"; que ele possuía a chave alfabética para decifrar a escrita que lhe fora confiada e que se dispunha a traduzi-la, para servir a quem lha enviara. Por essa tradução se verifica que a mensagem contém uma cuidada descrição de tudo quanto à mesma entidade já dissera com o auxilio da mediunidade da filha do Senhor Browne, isto é, que fora príncipe, que seu pai o fizera abraçar a carreira das armas. A seguir, descrevia as condições da antiga civilização persa e os acontecimentos da sua vida.

Essa a interessante validação do episódio de xenoglossia que Hugh Janor Browne narrou no seu livro "The Holy Truth". Tenho neste momento diante dos olhos o "fac-símile" da página em Persa, publicada pelo autor no livro citado? São nítidos os caracteres, nos quais prevalecem às linhas curvas e os entrelaçamentos em sentido horizontal, semelhantemente aos caracteres turcos. Com efeito, confrontando os da página em persa com os caracteres insculpidas numa antiga moeda Turca de dois soldos, tenho para mim - profano como sou que se trata de caracteres de uma mesma língua. E' de lamentar que na exposição acima transcrita não se haja reproduzido por extenso algum trecho essencial da tradução, nem se tenha declinado o nome do orientalista que interpretou a escrita. Cumpre, porém, não esquecer que ali não há precisamente uma narrativa e sim; apenas, uma entrevista, destinada a servir de anuncio prévio da publicação integral dos fatos, publicação que, com efeito, apareceu mais tarde na revista "The Harbinger of Light". Mas... a Austrália é muito distante e não cheguei a obter na Europa o documento.

Do ponto de vista teórico, pouco há para discutir-se. O caso é literalmente análogo ao precedente, porquanto a impossibilidade de improvisar uma mensagem. em língua "hierática" é absolutamente idêntica à de improvisar uma na antiqüíssima língua "tártaro-persa". Decorre daí que, pelas mesmas

Acervo Virtual Espírita

considerações anteriormente expendidas, também desta vez a ninguém será possível agarrar-se ao recurso extremo da "memória ancestral", não restando, pois, a quem quer que seja, senão... resignar-se a aceitar a interpretação espirítica dos fatos, muito embora venha isso a ser um bocado amargo para uns tantos opositores sistemáticos, que hão declarado não desejarem seja assim, por experimentarem invencível aversão à idéia da sobrevivência, após a morte do corpo. Acontece, porém, que a pesquisa científica da Verdade nada tem. que ver com as opiniões, nem com as preferência dos indivíduos.

Caso XIII - Este outro episódio não é de tanta sensação como os dois últimos, visto que apenas se trata de uma mensagem em latim. Entretanto, como nem o médium, nem nenhum dos presentes conhecia essa língua, o fenômeno de xenoglossia resulta igualmente válido e eloqüente.

Tomo-o ao opúsculo de Henri Sausse: "Des preuves? En voilá." Referem aí o autor suas próprias experiências mediúnicas, experiências a que chegou através do hipnotismo. Foi hipnotizando os seus pacientes com objetivos terapêuticos que ele involuntariamente esbarrou com as primeiras manifestações mediúnicas, às quais se consagrou com interesse, persistindo em empregar o hipnotismo para conseguir o sono mediúnico nos aludidos pacientes.

No caso que consideramos, a sonâmbula era uma mocinha de seus dezoito anos, que ele chama "Bedette", ocultando-lhe o verdadeiro nome. Por seu intermédio, manifestava-se uma entidade que dizia ter sido, em vida, eclesiástico e mandava que lhe chamassem o "Grão Vigário", declarando não poder revelar o seu nome verdadeiro por motivos de família. Falava com grande facilidade, clareza e eloqüência pela boca da médium, intercalando de contínuo, em seus discursos, frases latinas, cuja tradução ele próprio dava, uma vez que nenhum dos presentes entendia patavina de latim e menos que todos a médium. Recomendava aos que se reuniam em sessão que orassem com fervor e convicção, antes de iniciá-la, e à prece que, em conseqüência, se fazia acrescentava freqüentemente um "orêmus", em latim.

No dia 4 de Dezembro de 1911, o "Grão Vigário", a pedido dos presentes, fez que o médium escrevesse o texto latino do último "orêmus" por ele recitado, assim como a sua tradução, e convidou os assistentes a juntá-lo à prece que dirigiam a Deus.

Aqui está o "orêmus", com a mensagem que o precedeu, e a tradução de ambos:

Mensagem: "Impleat Dominum omnes petitiones tuas. Tribuat tibi soecundum cor tuum et concilium tuum confirmet. Loetabimur in salutare tuo et in nomine Dei nostri magnificabimur."

Acervo Virtual Espírita

"Oremus": "Visita, quaesumus, Domine, habitationem istam et omnes insidias inimici ab ea longe repelle. Angeli tui sanctì habitem in ea qui nos in pace custodient et benedictio tua sit super nos semper per Christum Dominum Nostrum. "

Tradução da mensagem: "Que o Senhor atenda a todos os vossos pedidos. Que vos conceda tudo o que vossos corações desejam e realize as vossas aspirações. Exultaremos pelo que vos seja concedido e glorificaremos o nome do nosso Deus."

Tradução do "orêmus": "Senhor, visita, nós te pedimos, esta habitação e dela afasta todas as insídias do inimigo. Que os teus santos anjos a habitem e nos guardem em paz; que a tua bênção sobre nós desça sempre, por Jesus Cristo Senhor nosso."

A propósito, acrescenta o narrador:

Fora interessante saber se a Igreja Romana descobrirá, nesta oração uma influência satânica. E, como o nosso diabo se exprime quase sempre nesses termos, forçoso será convir em que o Grão Vigário é realmente "um bom diabo", que ainda nos reserva muitas surpresas piedosas.

Contudo, no momento, fiquei perplexo com relação ao valor daquela prece latina, assim como da sua tradução, dado que nem eu, nem qualquer dos presentes éramos aptos a lhes verificar a exatidão. Fui ter com o professor Rossigneux, que ensina grego e latim, e, ao pôr ele os olhos no texto latino, que lhe mostrei em primeiro lugar, exclamou: "O! mas isto é latim de convento! Dir-se-ia escrito por um padre. As palavras estão mal combinadas. A tradução é boa, mas, por sua vez, cheira a seminário. Eu teria traduzido de outro modo mais clássico. " - Repliquei-lhe : "De fato, quem escreveu essa prece é um Grão Vigário, que a ditou a uma médium em estado sonambúlico, a qual não sabe uma palavra do latim, como eu, que também nada sei desse idioma. Nem ela, nem eu seremos capazes de escrever corretamente, sob ditado, a oração. Não podia a sua opinião ser mais convincente do que o é, quando o professor declara que, assim a tradução, como o texto são obras de um padre. Está feita a identificação."

Diz ainda o relator:

Não podia eu, com efeito, desejar uma resposta mais concludente do que a que me deu o professor Rossigneux, pois valeu por uma confirmação autorizada e positiva da origem espirítica da mensagem obtida. (Pág.63.)

Tenho por ocioso dizer que sou da opinião do relator. Efetivamente, como já foi ponderado, a gênese dos casos de xenoglossia só é discutível quando ocorre a circunstância de constituírem a mensagem em língua

Acervo Virtual Espírita

ignorada citações tiradas, por via supranormal, de livros e documentos existentes. Quando, porém, a mensagem é original, o que equivale a dizer, quando é uma criação da personalidade mediúnica, nenhuma hipótese naturalística se pode então invocar, que explique o fato, e a hipótese espirítica triunfam sem competição.

Como reconheço a enorme importância filosófica, científica, social e moral da afirmação que acabo de formular, a qual, quando for definitivamente confirmada pelos fatos e universalmente aceita, transformará e renovará, desde os seus fundamentos, toda a organização social, auguro que surjam críticos competentes e serenos que submetam de modo especial os fenômenos de xenoglossia a um penetrante e, quase direi, desapiedado exame, com o escopo de apresentar todas as possibilidades teóricas que a ciência oficial faculta para a solução do grande mistério, sem exorbitar das leis psico-físicas que governam a evolução biológica.

Quanto a mim, não logro entrever nenhuma possibilidade de resolver-se dessa forma a questão e é por isso que solicito a colaboração dos metapsiquistas, que consideram integralmente elucidados os fenômenos supranormais, com o que se ensina das cátedras universitárias. Está visto que, se eles se propuserem a exercitar sua acuidade critica sobre os casos enfeixados na presente classificação, deverão esperar a sua publicação completa, para tê-la na íntegra, visto que ainda não foram citados os episódios verdadeiramente conclusivos e resolutivos.

Caso XIV - Encontrei-o em "The Two Worlds" de 19 de Julho de 1931. E um caso muito recente, ocorrido com a notável médium inglesa Senhora Estepe Roberts, durante uma sessão de "voz direta", em que a personalidade comunicante, não conseguindo exprimir-se de viva voz, escreveu a própria mensagem numa ardósia pousada no chão, fora do círculo dos assistentes.

A sessão se realizou na noite de 30 de Janeiro de 1931, numa pequena sala, em completa escuridão. Tomaram parte nela oito experimentadores, fazendo corrente com as mãos, inclusive a médium. Entre eles estavam dois holandeses, Srs. De Jonge, pai e filho, ambos de passagem por Londres.

Estes os antecedentes. A narrativa prossegue assim;

Pouco depois Red Cloud (nuvem vermelha) o "Espírito-guia", anunciou que pusera o pé direito da médium (em transe) sobre o do seu vizinho (e esse pé se conservou assim sobre o outro durante a sessão toda).

Não tardou que "vozes" de defuntos se fizessem ouvir, a conversar com os que lhes eram familiares e a dar provas de identidade. Em seguida, ouviu-se uma voz que falava em língua estrangeira, declarando os De Jonge que se tratava da holandesa. Era evidente que a entidade que queria falar encontrava grandes dificuldades para se exprimir oralmente. Entre outras coisas,

Acervo Virtual Espírita

esforçara-se, diversas vezes, para pronunciar certa palavra, sem o conseguir inteiramente. Interveio Red Cloud, explicando que aquele Espírito era o de um moço que inutilmente procurava pronunciar o próprio nome. Passara, em conseqüência, a tentar escrever breve mensagem na ardósia que se achava no chão. Pouco depois, começaram todos a ouvir o ruído que produz o giz quando atrita a ardósia, exatamente como se alguém estivesse a escrever. Ao cabo de algum tempo, caiu ao chão um objeto e ouviu-se a voz da defunta esposa de um dos presentes a avisar que o moço em questão, ali vindo pelos dois senhores holandeses, conseguira escrever uma curta mensagem na ardósia.

Finda a sessão, mal a médium despertara, fez faz e verificou-se que na, ardósia estava escrita uma mensagem em língua holandesa. Dois pedaços de giz, que se quebrara ao cair, foram encontrados sobre a lousa.

Os Srs. De Jonge logo se convenceram de que a mensagem provinha de um filho e irmão deles, morto havia pouco. Assinara-a o defunto com o apelido pelo qual o tratavam familiarmente, apelido que todos os presentes ignoravam, exceto naturalmente os De Jonge. E' de notar-se que, nas primeiras linhas da escrita, estava reproduzida exatamente a caligrafia do defunto. Os De Jonge prometeram que, assim regressassem à Holanda, enviariam uma reprodução da mensagem em holandês com a sua tradução inglesa e observações atinentes ao caso.

Tempos depois, com efeito, enviaram uma reprodução fotográfica da mensagem holandesa, acompanhada da respectiva tradução e de esclarecimentos necessários. E esta a mensagem, segundo a prova fotográfica:

"Mijn Vader Broeder.

"Ik ben heir. Ilc vond het zeer moeielijk spreek. Mijn les is moeiüjker dan de uwe. Ik kon de deur niet open doen. Ik moet een Brief Scrikjen. Ik zal morgen avond aan U. Wilt U mij helpen om het te doen? Schrift.

Ap."

Esta a tradução:

"Querido pai, querido irmão:

"Estou aqui com vocês, mas encontro grande dificuldade (em) falar. O meu esforço é bem mais difícil do que o de vocês e não cheguei a abrir a porta. Tento escrever uma carta. Amanhã de noite, eu (pensarei) fortemente em vocês. Façam o possível por ajudar-me na tentativa. Escreverei.

(Assinado) Ap."

Acervo Virtual Espírita

Na carta com que remeteu a fotografia, acrescentava o Senhor De Jonge (filho) as seguintes observações:

1. As palavras postas entre parêntesis realmente não foram escritas; devem ter escapado ao comunicante, na pressa de escrever, pela dificuldade de fazê-lo daquele modo.

2. As maiúsculas das palavras Brief e Schrikjen são supérfluas e devem imputar-se às mesmas causas.

3. A palavra "Heir" está escrita com inversão das vogais, erro comum nas transcrições e que meu irmão cometia com freqüência, quando escrevia à pressa. O mesmo ocorre dizer com relação à palavra "moeielijk", onde é supérfluo o "e" em grifo, se bem que no falar se pronuncie essa letra. Importa assinalar que na linha seguinte à mesma palavra está repetida, no comparativo, com ortografia correta.

A estas explicações acrescentarei que os erros enumerados ai revelam, em seu conjunto, holandeses por excelência, assim como puramente holandesa é a construção gramatical...

Esse o interessante episódio de xenoglossia, recentemente ocorrido.

Os casos XI e XII, em que há comunicações em línguas antiqüíssimas, "hierática" e "tártaro-persa", são casos notabilíssimos de xenoglossia, com exclusão, porém, de qualquer possibilidade de identificação pessoal da entidade comunicaste. Os dois seguintes a esses, ao contrário, se apresentam corroborados por provas indiretas e diretas de identificação pessoal. No primeiro deles, não há provas diretas, visto que o "Grão Vigário" declarava não poder revelar o seu nome por motivos de família; mas, em compensação, obtiveram-se provas indiretas da sua identidade de eclesiástico, dado que ele escreveu num latim que nada tem de clássico, ou, seja, como costumam escrevê-lo, na sua maioria, os padres e os frades, que se pagam do pouco que dessa língua aprenderam no seminário, sem cuidarem de lhe aprofundar o estudo. Considere-se também que o vezo peculiar ao comunicaste, de intercalar frases latinas em seus discursos, é precisamente comum aos padres, em geral, que se dedicam à pregação. Ora, tudo isto, combinado com o fato de a médium, inteiramente ignorante da língua latina, falar e escrever em latim, concorre, legítima e racionalmente, para impor a conclusão de que a entidade comunicante deve ter sido, em vida, um eclesiástico. E sem duvida, uma identificação parcial, mas já suficiente ao nosso escopo.

No segundo caso, ao contrário, a identificação é direta, porquanto a entidade comunicante se assinou com o apelido por que o tratavam em família e escreveu algumas linhas com caligrafia idêntica à que tivera em vida, caindo nos erros ortográficos que então amiúde cometia. Identificação direta, pois, conquanto parcial a seu turno. Porém, se considerarmos que a aludida entidade

Acervo Virtual Espírita

escreveu na sua língua materna, língua que a médium absolutamente ignorava, o caso de identificação assume valor concludente, visto que não poderia ser explicado mediante qualquer Hipótese Naturalística. E o fato de ser holandesa a língua de que ela se serviu, isto é, uma língua tão pouco espalhada, que se não encontram facilmente estrangeiros aos quais se faça sentir a necessidade de aprendê-la. contribui eficazmente para excluir toda dúvida da possibilidade de a médium a conhecer.

Caso XV - Não me posso furtar a reproduzir em resumo o famoso caso da personalidade mediúnica "Patience Worth" (médium Senhora Curran) que, depois de haver ditado uma série de romances históricos, considerados obras-primas, e enorme quantidade de poesias líricas e impecáveis, improvisadas a pedido, sobre assuntos indicados, ditou um volumoso poema idílico, em versos soltos, intitulado "Telka", poema que cabe no rol dos casos de xenoglossia, pois foi escrito em língua anglo-saxônia do século dezessete, combinada harmoniosamente com inúmeros dizeres e locuções dialetais da época.

Tendo-me ocupado longamente com esse caso na minha monografia sobre a "Literatura de Além-Túmulo", limitar-me-ei a resumir e ilustrar quanto Patience Worth escreveu na língua do seu tempo, tão diversa do inglês moderno.

Informou ela que nascera na Inglaterra, em Dorsetshire, no ano de 1646 (ou 1694) ; que viveu na aldeia em que nascera, trabalhando no campo até chegar à maioridade, época em que emigrou Para a América, onde algum tempo depois caiu vítima de uma incursão de índios.

Farei notar que nalgumas ocasiões em que os experimentadores assinalaram a beleza literária do ditado mediúnico, Patience Worth lhes observou "que já no período da sua existência terrena possuía aquele mesmo temperamento imaginoso e poético", observação interessante, pois se presta a elucidar o mistério de uma camponesa defunta manifestar-se mediunicamente, ditando magistrais obras literárias em verso e prosa. Quer dizer que de tais pormenores se deve inferir que à camponesa do Dorsetshire era congênita a genialidade de escritora, cuja manifestação apenas a sua humílima condição social impedira.

As primeiras obras literárias de Patience Worth foram ditadas em inglês moderno; porém, logo ela se decidiu a ditar algumas, entre as quais o magistral poema citado, na língua e nos dialetos do século dezessete, declarando fazê-lo com o objetivo de provar a sua independência espiritual com relação à médium, visto que ninguém no mundo seria capaz de ditar um poema inteiro no rude idioma anglo-saxônio de há dois séculos e meio e, além do mais, sem nunca se deixar arrastar ao emprego de qualquer vocábulo posto

Acervo Virtual Espírita

em uso depois daquela época. Em seguida, volveu a ditar suas obras em inglês moderno, mas servindo-se com absoluta oportunidade de locuções e vocábulos antiquados, sempre que, assim fazendo, mais vivas tornava as descrições. Nada obstante, continuou e continua a conversar claramente com os experimentadores no seu dialeto nativo.

Pelo que toca ao poema "Telka", adiantarei que, na época em que foi transmitido, Patience Worth deixara de empregar o instrumento mediúnico denominado "Oui-jà" é ditava romances e poesias pela boca da médium, o que significa que esta última, conquanto conservasse plena consciência de si, percebia uma voz subjetiva, que lhe ia ditando palavra por palavra, de modo que ela não fazia mais do que repetir, em voz alta, as que ouviam e que um secretário ia escrevendo. Muitas vezes, era tal a rapidez do ditado, que o secretário não conseguia acompanhá-lo, o que obrigava Patience Worth a repetir a última frase e a moderar o seu ímpeto. Ao mesmo tempo, a mentalidade da médium se mostrava a tal ponto independente de quanto se exteriorizava por seu intermédio, que conservava a liberdade de fumar um cigarro, de interromper o que repetia, para tomar parte na conversação em que se empenhavam os presentes, de levantar-se e ir à sala ao lado responder a uma chamada telefônica, sem que tais interrupções influíssem, ainda que da maneira mais insignificante, no ditado mediúnico, que prosseguia do ponto exato em que fora suspenso. O mesmo se dava de uma sessão para outra. Quer dizer!!! a personalidade mediúnica retomava o ditado precisamente no ponto em que parara, ainda quando entre uma e outra sessões transcorriam meses. Certa vez, tendo-se perdido um dos primeiros capítulos de um romance cujo ditado já avançara muito, Patience Worth o ditou de novo. Achadas mais tarde as folhas que se haviam extraviado, verificou-se que o segundo ditado era a reprodução literal do anterior.

Tornando ao poema "Telka", eis em que termo falou dele o doutor Walter Prince, no seu magnífico estudo: "The case of Patience Worth"

Para mim - e juízes muito mais competentes do que eu se declararam da minha opinião - trata-se de uma produção extraordinária, que merece qualificada de obra-prima. Tente quem a leia desembaraçar-se de todo preconceito concernente à idéia que faça dos autores de ultratumba e, se o conseguir, achar-se-á nas melhores disposições para apreciar o poema em todo o seu valor. Além disso, quem o ler deverá resignar-se a empregar um vigésimo da paciência e da fadiga que lhe haja custado à interpretação da antiquada língua de um Chaucer, em interpretar as locuções e a linguagem antiquada do poema. Quando, com relação a este, se publicar um glossário dos termos menos compreensíveis, ver-se-á que certos vocábulos curiosos são genuínas palavras antiquadas, de uso corrente naqueles tempos, ou vocábulos

Acervo Virtual Espírita

arcaicos e raros, porém que sempre existiram e que, noite: deles, sobreviveram nos dialetos. Como quer que seja, mesmo sem glossário quem o ler seguramente se maravilhares de topar com alguns vocábulos singulares, como se admirará da significação dada a tal ou quais palavra; mas, ao cabo de breve prática, reconhecerá que em todo o poema bem poucas expressões há que realmente não possa compreender.., (Pág. 224.)

...As personagens de Telka vivem. Vemo-las, conhecemo-las. Nenhuma, dentre elas, é a repetição de outra. Alguma poderá manifestar tendências e disposições idênticas as de outra; manifesta, porém, ao mesmo tempo, características próprias, que a distinguem as demais. As personagens de Maeterlink, ao contrário (refiro-me a este escritor pela alta reputação que merecidamente conquistou em análogo gênero de literatura), são, quase sempre, sombras sem vida, que bem dificilmente se podem individuar pelas suas palavras, ou por qualquer de suas outras características... (Página 237.) Todos, entretanto, reconhecemos em Maeterlink um grande artista. Contudo, não posso deixar de observar que, quando raiar o dia em que se dissipe completamente a repulsão que ainda inspiram as produções mediúnicas, desagradáveis, sobretudo, aos senhores críticos de arte, então se verificará que "Patience Worth", a julgar-se pelo seu poema Telka, é superior de muitíssimo a Maeterlink... (Pág. 239.)

Dito isto, relativamente ao grande valor literário do poema, torno ao tema ,que nos interessa, ao caso de xenoglossia que se contém implícito no fato de haver sido o mesmo poema ditado na língua anglo-saxônia de há dois séculos e meio, harmonicamente combinada com vozes e locuções dialéticas da época.

O Doutor Walter Prince fez um estudo comparativo sobre a língua antiquada que Patience Worth fala e escreve, achando que boa parte dos vocábulos e locuções de que usa a personalidade mediúnica se encontra nos poetas e prosadores ingleses de antanho, desde Chaucer até Spencer, desde Waller até Pope. A certa altura, pondera ela que o obstáculo insuperável para as hipóteses da criptomnésia e da criptestesia consiste no fato da pronúncia daqueles vocábulos, fora de uso há séculos, pronúncia absolutamente ignorada em nossos dias. E, a propósito da palavra antiquada scow (sapato), que Patience Worth disse pronunciar-se "shoo", faz notar que esse modo de articular-se aquela palavra ainda subsiste no Dorsetshire e acrescenta: "Já é um mistério o fato de o Espírito Patience Worth pronunciar a palavra "scow" com o som fonético com que ainda hoje é pronunciada; porém., esse mistério muito maior seria, na hipótese de tratar-se de uma "personalidade segunda subconsciente" ;mesmo que se lhe concedesse ilimitada potencialidade mnemônica), porquanto a pronúncia fonética das palavras antiquadas não pode

Acervo Virtual Espírita

constituir objeto de uma reminiscência mnemônica, se não existirem glossários que ensinem a pronunciar os vocábulos fora de uso." (Pág. 228.)

O mesmo autor chegou a descobrir certo livrinho de um poeta que escreveu no dialeto? do Dorsetshire, província que, conforme ficou dito, Patience Worth designou como lugar do seu nascimento, e comprovou que niquele dialeto se haviam conservado, embora com alterações, muitas palavras de que usara a personalidade mediúnica. Entre outros, permaneceu o vezo de juntarem um ao começo de muitos vocábulos, como por exemplo: "a-drowen", por "throwing" ; "a-vount", por "found" "a-zet", por "set" ; "a-blushen", por "blushing" ; "a-vallen", por "falling" e assim por diante (pág. 341).

Ainda a propósito da linguagem antiquada de "Telka", o professor Schiller, da Universidade de Oxford, pondera.:

Abala e impressiona o saber-se que um dos seus romances em versos soltos, intitulado Telka, constituído de 70.000 palavras, é escrito em língua inglesa antiquada, sendo de pura origem anglo-saxônia 90 per cento dos vocábulos empregados, sem que entre eles se depare com uma só palavra tomada ã língua inglesa depois de 1600... Quando ulteriormente viemos a saber que na primeira versão da Bíblia apenas há 70 per cento de vocábulos anglo-saxônicos e que preciso é retroceder-se até Layamon (1205) para se conseguir igualar a percentagem de termos anglo-saxões usados por Patience Worth; quando ponderamos tudo isso, não podemos deixar de reconhecer que estamos diante de um caso que se rode definir como "um milagre filológico". (Proceedings of the S. P. R., vol. XXXVI, pág. 574.)

O Senhor Gaspar Yost, que publicou um livro sobre suas experiências com a Senhora Curran, nota, a Seu turno:

Telka é único, pela pureza da língua, em que está escrito, a anglo-saxônia; pela combinação das várias formas dialetais de diversos períodos; por algumas das suas peculiares modalidades gramaticais; pela diversidade e extensão atribuídas ao significado de muitos vocábulos... Patience Worth, como Shakespeare, emprega às vezes um advérbio por um verbo, por um substantivo, ou por um adjetivo... A razão disto reside no estado de transição em que se achava a língua Inglesa naquele período; mas, essa particularidade redunda em mais urna prova de que Patience Worth está de pleno acordo com a sua época, até mesmo nas anomalias gramaticais... Não pode haver duvida sobre o fato de que essa linguagem de Patience Worth se deve considerar absolutamente espontânea nela. Prova-o exuberantemente a circunstancia de não a ter usado apenas em algumas de suas obras, mas de servir-se constantemente da mesma linguagem, quando conversa com os experimentadores... (Págs. 363, 364, 368.)

Acervo Virtual Espírita

Resta assinalar um último pormenor entre os mais surpreendentes e é que esse poema idílico de 70.000 palavras (270 páginas), em versos solto:.julgado, por críticos competentes, uma obra-prima, superior a produções análogas de Maeterlink, foi ditado todo em 35 horas!

Além do poema "Telka", Patience Worth ditou um belíssimo romance satírico, intitulado "The Merry Tale" (Conto Alegre), na mesma língua anglo saxônia.

Devendo restringir-me aqui a analisar e discutir as hipóteses naturalísticas que se possam formular para explicação do caso em apreço, com uma formidável perplexidade me defronta. E que esse trabalho de análise e de crítica eu já o fiz na minha monografia sobre a "Literatura de Além-Túmulo", em dez páginas de texto. Quatro foi às hipóteses discutidas: a da "personalidade segunda subconsciente", tomada no sentido estritamente psicológico de uma fração sistematizada da dissociação psíquica do paciente; a da "consciência subliminal", de Myers, tomada no sentido da existência, no homem, de uma personalidade integral subconsciente, muito mais ampla e perfeita do que a consciente e munida de faculdades supranormais e de capacidades intelectuais cuja emergência esporádica daria lugar às "inspirações" do gênio; a da existência de urna "consciência cósmica", tornada no sentido em que a considerou Hartmann, para quem tratar de um atributo verdadeiro e próprio do Absoluto, isto é, de Deus, caso em que se viria a admitir que a subconsciência dos médiuns se põe em relação direta com o Ente Supremo, pelo nobre intento de ludibriar o próximo; e, finalmente, a da "consciência cósmica", considerada no sentido que lhe atribui o professor William James, segundo cuja opinião poder-se-ia inferir, metapsiquicamente falando, a existência de um "reservatório cósmico das memórias individuais", só qual teria livre acesso os médiuns, para dele extraírem tudo o de que necessitassem, a fim de mistificarem os míseros mortais.

Não querendo repetir-me e havendo, literalmente, exaurido o tema nessas dez páginas de análise e de crítica cerradas, só me cabe pedir aos leitores que se reportem àquele meu trabalho, para ficarem a par da discussão completa das objeções formuláveis pelos que propugnam, a todo custo, a origem subconsciente de todas as manifestações metapsíquicas. Adstringir-me-ei aqui a observar que, se fácil me foi à empresa de demolir todas essas hipóteses baseando-se em numerosas circunstâncias de fato, existentes nas obras de Patience Worth, em realidade, para atingir o fim a que visava, ter-me-ia bastado o só fenômeno de xenoglossia ora considerado, porquanto nem a hipótese do "subconsciente psicológico", nem a da "consciência subliminal", nem a do "reservatório cósmico das memórias individuais" jamais chegarão a explicar a circunstância de uma personalidade mediúnica escrever um poema e

Acervo Virtual Espírita

um romance, na arrevesada língua anglo-saxônia do décimo sétimo século e, ainda menos, que o tenha feito sem cair nunca no anacronismo de interpolar ao texto vocábulos latinos entrados em uso depois de 1600.

Quanto à outra hipótese, a dos médiuns se porem em comunicação com o Absoluto, isto é, com Deus, tendo por nobre escopo ludibriar o próximo, hipótese formalmente blasfema, julgo que é perder tempo tomá-la em consideração.

O filósofo, professor Schiller, doutra feita que considerou o caso com que nos ocupamos, apreciou ambas as ramificações da hipótese da "consciência cósmica" da maneira seguinte:

Há filósofos que, tendo enveredado pela cômoda via da hipotética extensão da personalidade humana: mal dispostos se mostram a parar, enquanto não cheguem ao Absoluto. Devemos, pois, estar prontos a aprender de qualquer crítico que a arte literária de Patience Worth nada mais é do que uma autêntica revelação do Absoluto, enquanto que outro, mais moderado, falará de uma arte gotejada de um "reservatório cósmico", onde foram senda recolhida e guardada todos os esforços literários dos séculos. Observarei que esta segunda versão da hipótese de que se trata não leva na devida conta o problema da "seleção aos fatos" no reservatório em questão; ao passo que a primeira daria de chofre noutra formidável dificuldade, a de que, em tal caso, Patience Worth viria a ser uma revelação, acima de tudo, humorística e excêntrica daquele Absoluto infinitamente perfeito de que falam os filósofos. Se me ponderarem que uma personalidade finita não pode deixar de ser uma "seleção" do Absoluto, responderei que semelhante explicação explica demais, visto que se, nesse sentido, Patience Worth não passa de uma "seleção do Absoluto", todos nós, então, somos, do mesmo modo, "seleções do Absoluto", o que equivale a dizer que, nos limites da argumentação exposta, Patience Worth seria um "espírito" como todos os outros. (Proceedings of the S. P. R., vol. XXXVI, Pág 57.)

Assim argumento o professor Schiller e a mim me parece que a sua argumentação é de tal maneira frisante e decisiva, que me dispensa de acrescentar o que quer que seja. Apenas acentuarei que, no tocante à hipótese do "reservatório cósmico", a objeção que Schiller formula, de não levar em conta essa hipótese o problema da "seleção dos fatos", por parte da personalidade subconsciente do médium, se torna formidável, no caso especial de Patience Worth, dado que, se houvéssemos de presumir que no "reservatório" em questão se recolheram e guardaram todos os vocábulos arcaicos da língua inglesa, desusados desde 1600, também termos de reconhecer que tudo isso representa um material grosseiro, somente utilizável por quem se achasse plenamente a par do significado de cada vocábulo de per

Acervo Virtual Espírita

si, assim como da conjugação dos verbos, das declinações dos nomes, das construções gramaticais, das locuções dialéticas e das inúmeras elisões inerentes ao idioma a que pertenciam os aludidos vocábulos. Acresce que seria indispensável igualmente que quem deles se servisse estivesse apto a discernir os vocábulos arcaicos em uso antes de 1600 dos que começaram a ser usados depois dessa data, empresa que a "personalidade subliminal" da médium não houvera podido realizar, desde que a sua personalidade normal jamais possuíra tais conhecimentos e que estes não poderiam existir latentes em parte alguma, porquanto a estrutura orgânica de um idioma é pura abstração. Daí resulta que a hipótese fantástica do "reservatório cósmico" não resiste de frente à prova dos fatos e deve, a seu turno, ser excluída do rol das capazes de dar completa solução ao caso presente.

Restaria ainda a considerar uma quinta hipótese, a da "memória ancestral". Mas, como já ficou demonstrado que essa hipótese se não concilia com o fato de médiuns falarem uma dúzia de línguas que desconhecem, ou escreverem em línguas orientais extintas há milhares de anos, segue-se que seria inútil continuar a discutir uma hipótese absurda, exautorada pelos fatos.

Concluindo: a eliminação de todas as hipóteses naturalísticas, inclusive a ultrafantástica de ordem metafísica, se resolve no triunfo incondicional da interpretação espiritualista dos fatos, do que se deverá deduzir logicamente, necessariamente, que, no caso de Patience Worth, houve a intervenção de uma entidade espiritual extrínseca, familiarizada com a língua de que tão corretamente se serviu.

Isto posta, cumpre notar que, do ponto de vista dos fenômenos de xenoglossia, o caso de Patience Worth deve considerar-se dos mais importantes, dos mais incontestáveis, dos mais concludentes da categoria respectiva, tendo-se em vista que não ai trata aí de simples frases, ou de poucas páginas ditadas por um médium em língua dele ignorada, mas de dois grossos volumes que formam um total de 600 páginas, sem considerar que a mesma entidade espiritual, quando conversa com os experimentadores, se exprime invariavelmente no seu dialeto pátrio, de há três séculos. Repito, pois, que mais não se poderia desejar, quanto a exemplos que provem de modo resolutivo que os fenômenos de xenoglossia existem, e, por conseqüência, que aos metapsiquistas já não é lícito eximirem-se de lhes discutir o imenso alcance teórico, entrincheirando-se no invalidado pressuposto de ainda ser duvidosa a existência deles.

Caso XVI - Os episódios que se seguem, até ao XXIV, pertencem todos a uma série única de experiências importantíssimas, em que tomaram parte, como médiuns, o musicista Florizel Von Reuter e sua mãe.

Acervo Virtual Espírita

Ninguém ignora que Florizel Von Reuter é célebre no mundo artístico, pela rara excelência da sua arte da concertista "virtuose" do violino, excelência que lhe granjeou a cognome de "Paganíni redivivo". Há muitos anos vem ele se ocupando de pesquisas psíquicas, juntamente com sua mãe, sendo ambos médiuns escreventes, comparáveis aos melhores que atualmente existem. Essa forma de mediunidade exercitam-na os dois mediante um instrumentozinho denominado "Indicador", que mais não é do que uma variedade aperfeiçoada do "quadrante alfabético com ponteiro móvel".

Sobre suas experiências pessoais já ele publicou dois livros importantes, dos quais tiro os episódios que me proponho a citar. Intitulam-se esses livros "Psychical experiente of a Musician" e "The Consoling Angel".

Os dois médiuns praticavam exclusivamente para se instruírem e não tardaram a obter ótimas provas de identificação espirítica; Von Reuter, porém, não deixava de sentir-se atenazada por toda sorte de perplexidades e dúvidas que, no seu espírito, fomentavam as objeções capciosas, não raro sofísticas, de um amigo a quem ele submetia as mensagens mediúnicas que recebia, o Doutor Walter Franklin Prince, atual presidente da "Society for Psychical Research", de Londres, e também presidente da "Society F. P. R.", de Boston. Desse estado de "animo se originaram, ao que parece, as primeiras mensagens que foram transmitidas em línguas ignoradas de ambas. Quer isto dizer que os defuntos que se comunicavam recorreram a esse sistema de provas inconfutáveis, com o objetivo de demonstrarem aos dois experimentadores a absurdidade em que persistiam, querendo constringir todas as manifestações mediúnicas de natureza inteligente ao angustioso círculos "personificações subconscientes".

Assim foi que ele recebeu mensagens em quinze línguas diferentes, de cujo número, entretanto, devem excluir-se as que lhe eram mais ou menos conhecidas e de sua mãe, ambos notáveis poliglotas, pois, com efeito, conhecem, além do inglês, que é a língua materna dos dois, o alemão, o francês, o espanhol, o italiano e um pouco do sueco e do latim. Receberam, porém, mensagens em russo, húngaro, norueguês, polonês, holandês, lituano, irlandês, persa, árabe e turco.

Florizel foi grande amigo de Sir Conan Doyle, que escreveu os prefácios de seus dois livros e assistiu a muitas experiências que vamos apreciar, numa das quais a mensagem veio escrita em árabe.

Assinalarei, finalmente, que, conquanto Von Reuter possua ótimas faculdades mediúnicas, quem quase sempre desempenhava o papel de médium era sua mãe, que exigia lhe vendassem os olhos antes de começarem os trabalhos e que, quando escrevia em língua que lhe era desconhecida, freqüentemente o fazia em sentido inverso do normal, ou seja, por meio da

Acervo Virtual Espírita

escrita “especular”, isto é, que, para ser lida, precisa refletir-se num espelho. E esta uma circunstância notável, do ponto de vista comprovativo, porquanto basta, por si só, para demonstrar que tal escrita é genuinamente supranormal, ou, se quiserem, subconsciente. Acresce, porém, no nosso caso, que a mensagem é obtida com um pequeno instrumento mediúnico, provido de ponteiro móvel, que indica sucessiva e rapidamente as letras do alfabeto, outra circunstância que ainda maior eficácia probante imprime às experiências, tanto mais quando, como já se disse, a médium operava sempre de olhos vendados.

Tais os esclarecimentos preliminares, que julguei indispensável, para a conveniente validação das notabilíssimas experiências de xenoglossia realizadas pelos dois Reuter, das quais apenas citarei uma parte e, por vezes, em resumo, para me não alongar excessivamente.

O que segue foi a primeiro episódio ocorrido com os médiuns em língua que eles e as outras pessoas presentes ignoravam. Escreve Florizel:

Chego agora a uma das mais interessantes e convincentes sessões que celebramos, neste período das nossas experiências. Realizamo-la a 27 de Abril de 1926, na saleta da casa, em presença da Senhora Freshel, da Senhora e do Senhor Cannon (célebre advogado de Nova York este último) e de Jorge Valiantine, o notável médium de “voz direta”. Todas estas pessoas se declaram prontas a dar testemunho da exatidão de tudo quanto passo a expor.

“Eufrosina”, nosso “Espírito-guia”, foi a primeira a manifestar-se. Escreveu as seguintes palavras, em alemão invertido: “Venho saudar os amigos e dizer-te que estou orgulhosa do meu grande artista (referia-se, provavelmente, ao meu último concerto) ; mas, não posso demorar-me, porque outros Espíritos aguardam a sua vez. Está aqui um húngaro, que deseja saudar-te. Boa noite. Louvado seja Deus. “

De súbito, escreveram : “Hier ist Ernst”.

Grandemente surpreso, perguntei: “(queres dizer que és Heinrich Wilhelm Ernst?”)

R. : “Sim”. (Foi um violinista célebre, que morreu em 1865.)

Algo de extraordinário então ocorre. Embora nenhum dos presentes conhecesse coisa alguma do húngaro, em língua de todos ignorada foi escrita uma frase que, por motivo da palavra “Magyar”, compreendemos que devia tratar-se da língua húngara. Perguntei:

- Estás, porventura, escrevendo em húngaro ?

R. :“Sim, tento fazê-lo por divertimento. “(Esta resposta foi dada em alemão, língua que o defunto Ernst conhecia bem, pois passara grande parte da sua vida na Alemanha.” Observei:

- Suponho que, assim fazendo, nos quiseste fornecer uma prova da tua presença, não?

Acervo Virtual Espírita

R.: “Exatamente. Estiveste esplêndido no último concerto. Eu me achava presente. Não :me posso demorar mais, porque outro amigo espera a sua vez. Bravo!”

Foram estas as palavras escritas em húngaro, pelo “Indicador”.

“Erti amìt mondok Magyarul. Nem tesz semmit szeretek itt lenni orvendek”.

Quando conseguimos a tradução, viemos a saber que esse texto dizia: “Verifico que nenhum de vocês conhece o húngaro; mas, não importa. Sinto-me, de todo modo, jubiloso por me achar com vocês.”

(Seguiram-se outras manifestações, que não dizem respeito ao nosso tema.)

Florizel Von Reuter comenta assim o episódio:

Esta sessão foi realmente notável, porque nela se nos proporcionou uma prova convincente da origem supranormal com as mensagens que obtivemos. Enquanto estas vinham escritas em línguas que mais ou menos conhecíamos, não se podia excluir a teoria da “cerebração subconsciente”, se bem muitos dos períodos escritos fossem, idiomàticamente, por demais complicados para os conhecimentos lingüísticos de minha mãe. Já o aparecimento do latim nos ditados abrira brecha na muralha do meu cepticismo; porém, como minha mãe aprendera na escola um pouco desse idioma, possibilidade sempre havia de que aquelas frases latinas lhe tivessem ficado latentes no misterioso depósito do subconsciente, ao qual a Ciência atribui tantos prodígios assombrosos. Mas, com o emprego da língua húngara, a hipótese do subconsciente recebera uma cutilada mestra, tão bem assestada que lhe não era possível apará-la. Nem minha mãe, nem eu jamais tivéramos qualquer contacto com a língua húngara, da qual apenas sabíamos as palavras “hot” e “cold” escritas nos aparelhos caloríficos dos trens na Áustria-Hungria. Nem eu, nem minha mãe jamais compulsamos nenhum manual de frases húngaras. Conhecêramos, é exato, a família dos condes húngaros Erno Suchy, outra família húngara em Budapeste e uma terceira em Nova York; mas, esses nossos amigos sempre falaram o alemão ou o inglês na nossa presença. O Doutor Walter Prince me descreveu os prodígios da chamada “memória visual'“; entretanto, as palavras da mensagem não eram precisamente as que poderiam com facilidade achar-se no cardápio do “Hotel”, ou em letreiros existentes nos logradouros públicas de Budapeste, ainda, sem levar erre conta que ver escrita uma palavra não significa compreendê-la, do mesmo modo que o ouvir algum um húngaro pronunciar palavras que lhe sejam incompreensíveis não pressupõe que o seu subconsciente haja de lhes absorver o significado e que, ao demais, haja adquirir a faculdade de escrevê-las, com correção ortográfica.

Acervo Virtual Espírita

De outro ponto de vista, observarei que, no fato de se me ter manifestado Heinrich Wilhelm Ernst, ninguém poderia enxergar uma possibilidade inverossímil. Tal fato apenas significaria que, por lei de afinidade. ele se achara em relação com a tonalidade vibratória da minha mentalidade. Ponderarei também que eu modernizara e republicara muitas das suas composições. musicais, que se haviam tornado antiquada; que tocara freqüentemente essas composições, hoje pouca executada, e escrevera de modo muito favorável sobre ele no meu livro tratando de compositores de música para. violino. Assim sendo, nada de absurdo se poderia descobrir em o Espírito do violinista Ernst se me haver manifestado, uma vez que seja possível tal manifestação..."(Psychical experiences of a Musician pág. 107)".

Assim falou o expositor do caso e não me parece necessário acrescentar qualquer coisa ao que se acaba de ler, pois ele soube admiravelmente refutar as hipóteses e os argumentos mais ou menos engenhosos e sofísticos que lhe opuseram. Nada, com efeito, mais sofístico do que trazer à baila os prodígios da "memória visual" - que reproduz mas não cria - a propósito de frases em língua ignorada, criadas pelas circunstâncias, o que quer dizer que a personalidade espiritual comunicante conhecia o significado das palavras empregadas e a construção gramatical da língua em que escrevia. Que é o que com tudo isto têm que ver a "memória visual", a "cerebração subconsciente" e as "personalidades sonambúlicas"?

Caso XVII - Em data de 8 de Maio de 1926, ocorreu outro fenômeno de xenoglossia em língua russa, que Florizel Von Reuter expõe da maneira seguinte:

Na noite de 8 de maio, estávamos sós e, procurando entrar em conversação com os "amigos", verificamos não se achar presente nenhum dos nossos habituais interlocutores.

Entretanto, foi ditada uma série de letras, que pelas suas combinações pareciam pertencer a alguma língua que ignorávamos:

"Ya rooskee braht mne maht angleechee".

A palavra "rooskee" deu causa a que eu perguntasse se estava presente o Padre Stanislow. Obtive, como resposta:

- "Da, Pater".(Sim, o Padre).

A seguir foram indicadas estas letras:

SNTODALETNEDALEKOSHTOSP R A H T S E E L E E.

Disse eu então que desejara me traduzissem em russo a frase: "Agradeço-lhe".

Imediatamente, o "Indicador" escreveu : "Blagahdarst".

Perg.- Quer esta palavra dizer: "Agradeço-lhe?"

Resp. - "Net, blagahdarst vooyoo."

Acervo Virtual Espírita

Neste ponto, fiz uma observação de que já me não recordo, mas que foi respondida com as seguintes letras: “Kahzherekah”. São estas, pelo menos, as que anotei, enquanto o ponteiro do “Indicador” as apontava com excessiva rapidez. Convenho, no entanto, em que é muito fácil o engano, quando se tem de registrar a correr caracteres de uma língua que se ignora. A seguir, foram repetidas as letras iniciais da primeira mensagem: “Shtodalet”. Depois, em italiano : “Ancora saluti”. “Mais uma vez, saudações.” Finalmente: “Nochee” e “Pater Noster”.

Veio-me à mente que talvez a Inteligência que se comunicava desejasse recitássemos uma prece e, com essa idéia, eu e minha mãe recitamos o “Pater Noster”, findo o qual, novamente ditaram: “Nochee”.

Perguntei se Padre Stanislow queria que recitássemos aquela prece no principio de cada sessão e o “Indicador” se moveu energicamente, ditando: “Da, da, bene; Laus Deo”. (Sim, sim, muito bem; louvado seja Deus.) Por fim, foram indicadas as letras “Spahkohiny nochee” e dessa forma terminou a sessão.

Passados muitos dias, tive oportunidade de obter uma tradução daquelas frases russas, cujo teor é este:

“Ya Rooskee braht mne maht angleechee” significa: “Eu (sou um) frade russo; mas, minha mãe era inglesa”. (Nota do tradutor: A omissão do “sou um” é conforme ao uso, na construção gramatical russa.)

- “Shto dalet” significa: “Que devo fazer”? (Refere-se provavelmente o comunicante à dificuldade que encontrava para fazer-se compreendido.)

- “Ne da leko” quer dizer: “Não longe”.(Não consigo atinar com a razão de tal resposta, pois não me lembro de muitas observações que fiz; mas, é provável respondesse a esse pensamento: “Não iremos longe com a nossa conversação”.)

- “Shto sprahivytee” não constitui frase muito correta.. As letras deveram ter sido dispostas assim: “Shlto sprashivayeti?” (Que me perguntas?)

- “Blagahdarst” quer dizer: “Agradecido”. “Net” é “não”. - “Blagahdarst vooyoo” é: “Agradeço-vos”. - “Kazherekah” não parece inteiramente correto; as letras deviam ser escritas deste modo: “Kazhetka”, que significa : “Creio-o”. - “Spahkohiny nochee”. “Boa noite”.

Eis como o narrador comenta o caso:

Três circunstâncias merecem destacadas na mensagem acima:

1 - Terem sido ditadas frases e palavras russas atinentes às circunstâncias do momento, se bem eu e minha mãe ignoremos o russo. Apenas dois erros se cometeram no registro fonético das palavras.

2 - O significado lógico dos vocábulos exclui a teoria do subconsciente. E de notar-se, a tal respeito, a escrupulosa meticulosidade com que a entidade

Acervo Virtual Espírita

comunicante respondendo à minha pergunta, ditou, em primeiro lugar, a palavra “Blagahdarst” (agradecido) , ao passo que, quando perguntei se essa palavra queria dizer: “Eu vos agradeço”, imediatamente foi respondido: “Não”, e logo ditada à expressão correta : “Blagahdarst vooyoo”.

3-E particularmente interessante o caráter fonético das palavras, porquanto corresponde ao modo por que um inglês registraria o som dos vocábulos russos, o que poderá indicar que o defunto comunicante, filho de mãe inglesa, possuía certo conhecimento do inglês; ou poderá significar que a subconsciência de minha mãe ouvia as palavras e as transcrevia conforme lhe soavam. Como quer que seja, farei notar que a fonologia latina das palavras “vooyoo”, “roosky”, “nochee”, deveria ser: “vuiu”, “rusqui”, “notxi”...

Na sua penetrante análise acerca da possibilidade de explicar-se a mensagem transcrita, sem exorbitar dos poderes da subconsciência, o Doutor Walter Prince admite que, no caso de uma língua como o russo, que tem alfabeto próprio, a “memória visual” esta fora de questão; mas, pretende que a mensagem ainda se poderia explicar por meio da “memória oral”, embora reconheça que tal explicação não chega a alcançar o conjunto dos fatos, porquanto a circunstância muito hipotética de minha mãe ter podido ouvir pronunciadas as palavras russas que foram escritas não bastaria para lhe conferir o dom de compreender-lhes o significado, a ponto de um belo dia poderem elas brotar-lhe da subconsciência, sob forma de respostas apropriadas a perguntas formuladas no momento mesmo.

Haveria também outra teoria segundo a qual uma pessoa poderia herdar subconscientemente a consciência integral de uma língua que inteiramente ignore, desde que entre seus antepassados um se conte que a tenha falado em vida, de modo que os médiuns a falariam, por lhes emergirem da subconsciência conhecimentos lingüísticos atávicos. Semelhante teoria é por demais fantástica, para ser tomada a sério, sem mesmo considerar-se que nenhum antepassado minha mãe teve, que falasse russo, pelo menos até onde podem remontar, através do tempo, suas lembranças atávicas.

Igualmente improvável me parece à hipótese dos que aderem à teoria da reencarnação, segundo os quais minha mãe, numa existência anterior; houvera falado a língua russa.

Como quer que seja, considero de meu dever aludir a todas essas hipóteses extraordinárias, que poderão parecer interessantes em si mesmas, porém que, não há duvidar, resultam infinitamente mais complicadas, inverossímeis, estupefacientes, do que a explicação espiritualista dos fatos. Direi mais que, se tais hipóteses testificam a favor da ardorosa imaginação dos que as conceberam, por outro lado, revelam neles uma conspícua deficiência de senso comum.

Acervo Virtual Espírita

Tudo bem considerado, não pode haver dúvida de que quem pretenda mostrar-se imparcial e imune de preconceito se vê conduzido, logicamente, a admitir que a explicação espiritualista dos fatos é a única acorde com os métodos de indagação cientifica. (Ob. cit., páginas 166-120.)

Casos XVIII e XIX - São dois episódios em língua russa, tendo assistido ao segundo uma senhorita a quem era familiar essa língua. Assim os descreve Florizel Von Reuter:

O primeiro caso ocorreu a 11 de Agosto, em presença de duas moças hebréias; Miss Minna Eckmann e Miss Dorothy Schapira. Esta nascera na Rússia, porém sua família emigrara para a América, quando ela contava dois anos apenas de idade. Há poucos anos, morreu-lhe o pai.

Muito embora ao lado das frases em russo eu coloque as respectivas traduções, fique entendido que nenhum dos presentes conhecia a língua russa, nem mesmo Miss Schapira que jamais em sua casa ouvira falai senão o inglês e o hebraico.

Mal o "Indicador" começou a mover-se, perguntamos:

- Quem está presente?

R. - "Ja etah" (Sou eu)

P. - Quem és?

R. - "Ja ahtayts" (Sou pai).

P. - Com quem desejas falar?

R. - "Dahch mne" (Com filha minha). - (Nota do tradutor: "Com minha filha" seria mais natural, embora a outra expressão não seja incorreta.)

P. - E russa a língua em que escreves?

R. - "Da"(Sim). "Etah menyah oshen rohdooyet.(Da-me grande prazer o escrever.) "Kak ya schahsleep". (Sinto-me feliz com isso.)

P. - Serás o padre Stanislow?

R. - "Nett".(Não).

Disse eu: Sinto imenso; mas, não compreendemos o russo.

R. - "Neecheevo.(Não importa.)

Observou Miss Schapira: "Tenho vaga lembrança desta palavra".

P. - Quem és?

R. - "Ahtayte". (Pai; palavra que ninguém no momento compreendeu.)

Perguntou Miss Schapira: "Es um Espírito sincero ?"

R. - "Da. Yapreeshol skacasaht vam" (Sim; vim dizer-te que eu sou.) "Pahnemayen ?" (Compreendes-me?)

Miss Schapira observou: Esta última palavra quer dizer: "Compreendes?" - Perguntei: "Es então parente de Miss Schapira?"

R. - "Ahtayts. Dahch mne".(O pai(seu).E minha filha.) "Prashchaite".(Adeus.)

Acervo Virtual Espírita

Em seguida, a mesma entidade passou a exprimir-se em inglês, dizendo : “Creio que os pus em grande embaraço”.

Perguntei: “Mas, afinal, quem és?”

R. - “Já duas vezes o escrevi. Dorothy (Miss Schapira) deve levar para casa tudo o que escrevi, a fim de que seja traduzido por Ma. “

P. - Por quem?

R. - Por sua mãe.

Miss Schapira - Dize-me, porém, quem és.

R. - Não te lembras de como se diz “pai” em russo ?

(Miss Schapira fez notar então que seu pai fora sempre muito amigo das brincadeiras de surpresa e concordou em que a personalidade que se manifestara era tipicamente ele.)

Esse o primeiro episódio. A 21 de Agosto de 1926, visitou-nos uma senhora, ainda moça, chamada Jenia Blumfeld, que vivera por muitos anos em Riga. Foi quem traduziu a mensagem acima transcrita. Quis que ela assistisse a uma experiência análoga.

No dia seguinte, o meu “Espírito-guia”, Nicolau, escreveu pela minha mão: “Pedirei a um russo meu amigo que escreva na sua língua. Não posso prometer, mas espero que o faça.”

Quando, naquela noite, nos dispúnhamos a tentar a prova, Nicolau abriu a sessão, escrevendo pela minha mão: “O amigo de quem falei está aqui. Primeiro, escreverá ele; depois, intervirei eu.”

Assim minha mão tomou do “Indicador”, o ponteiro imediatamente ditou: “Devo escrever em alemão ou em russo?”

Respondi que desejava escrevesse em russo e logo foi ditado: “Dobty vecher”. (Boa noite).

Depois, foi escrito: “Pahnemayeti” e Miss Blumfeld explicou que a palavra significava: “Compreendeste-me?”. Seguiram-se as palavras: “Y mne zdes nrah veetsa”.

(Miss B.): Isto quer dizer: “Estou satisfeito por me achar com vocês esta noite”.

Em seguida foi ditada alguma coisa que anotei assim: “Ya peetakt”.

Miss B.: Não conheço esta palavra.

R. - (Em alemão): “Quer dizer: feliz”.

Miss B.: Pelo que sei, a palavra feliz é: Schastleevy”.

R. - “Ya ocverent ftomshta gahvaryoo”. (Eu o que digo.)

Miss B.: Como quer que seja, nunca ouvi tal palavra.

R. - “Neecheevo”.(Não importa.) “Prahsteete”.

(Perdoa-me.) “Poznah”. (E tarde.)

Acervo Virtual Espírita

Miss B.: Não me lembro da palavra “Poznah”. R. - “Kakoisram!” (Que vergonha!) (Dito sarcasticamente.)“Oostal”.

Miss B.: Isso quer dizer: “Estou cansado”.

Depois foi escrito: “Spakoini noochee”. Exclamei “O! isto quer dizer - boa noite, pois que já o padre Stanislow o escrevera. E, logo, dirigindo-me à entidade que se comunicava, disse: “Vivamente agradecemos a tua visita e quanto escreveste”.

R. - “Ochen blagahdahren”. (Fico-te muito obrigado.)

Houve uma pausa. Tomei do lápis e imediatamente Nicolau escreveu: “E muito fatigante para um Espírito escrever em língua que o médium ignora”.

O “Indicador” voltou a ditar: “Poznah” significa: “E tarde”.

Miss Blumfeld exclamou: “Maravilhoso! Eu esquecera inteiramente essa palavra, mas a sua tradução fez que me recordasse dela”.

Perguntei então: “Que significa “Peetakt?”

R. - Como pronuncias a palavra! “Paysakt” quer dizer “feliz” ou “contente”.

P. - Quem és ?

R. - O tradutor.

Em suma, não chegamos a determinar o significado da palavra “peetakt” ou “paysakt”. Se fosse “paytakt” significaria “pequena moeda”.

No dia 12 de Setembro, verificou-se inesperadamente a continuação da mesma conversa. Eu trabalhara o dia todo, tirando cópia das diversas mensagens, para enviá-la ao Doutor Walter Prince, a fim de que as submetesse a um exame cientifico. Entre elas estava a que deixa acima transcrita. À noite, o “Indicador” escreveu:

“Quero falar-te de um argumento que te interessa. A língua russa me é familiar, mas não conheço a palavra “peetakt”. “Felicidade” se diz “Schastleevy”. Provavelmente, a palavra é “cheetakt” que significa. “ler”. “Takt”, tomada insuladamente, quer dizer - “assim”. Entendi que te daria, prazer ficares informado a esse respeito, antes de enviares a carta a seu destino. Boa noite. “

Encetamos logo as pesquisas necessárias e chegamos a verificar que a tradução das palavras “Cheetakt” e “Takt” estava certa. Quanto à verdadeira palavra que a Inteligência quisera transmitir, na mensagem de que se trata, não conseguimos descobri-Ia. Provavelmente era “deelakt”, que significa “satisfeito”, conforme alguém ultimamente me ponderou.

Tendo-se em conta as muitas frases e palavras transmitidas corretamente, o fato de uma o ter eido com incorreção, ou de haver sido incorretamente apanhada, certo não altera o valor teórico da experiência. O mesmo

Acervo Virtual Espírita

inconveniente ocorre na transmissão dos telegramas; sem que por isso ninguém duvide da autenticidade do transmitente.

O valor metapsíquico das duas últimas mensagens não consiste apenas no fato de terem eido escritas frases e palavras em língua que o médium ignorava, mas, sobretudo, na circunstância de que tais frases e palavras compõem respostas precisas a perguntas formuladas no momento, o que, do ponto de vista teórico, exclui toda possibilidade de mistificação consciente. Atenda-se à enfática resposta dada na discussão sobre a palavra "peetakt" : "Sei o que digo", assim como a palavra ligeiramente sarcástica dirigida à Miss Blumfeld, por desconhecer, se bem fosse versada na língua russa, o vocábulo "poznah" : "Vergonha!" Atenda-me, igualmente, à resposta delicada que me dirigiu, quando lhe agradeci a intervenção: "Fico-lhe por isso muito obrigado". Tudo isto, repito, exclui definitivamente a hipótese do "subconsciente", como elimina qualquer tentativa de insinuação de haver sido preparado de antemão o texto da mensagem...

Os adeptos da hipótese telepática se mostrarão propensos a crer que, presente à sessão uma pessoa que conhecia o nisso, telepaticamente se poderia explicar o suposto fenômeno de xenoglossia. Semelhante hipótese, porém, não se mantém de pé ante a circunstância de que as várias experiências já relatadas não estiveram presente pessoa alguma conhecedora da língua mediunicamente empregada. Assim sendo, forçoso se torna procurar algures uma hipótese capaz de explicar o conjunto dos fatos.

A propósito da importância que possa ter a presença de uma pessoa que conheça a língua em que o médium escreve, aqui está um incidente curioso ocorrido conosco. Uma senhora russa, possuidora de faculdades mediúnicas, experimentava com o "Indicador", porém nada de inteligível conseguia obter. Minha mãe pousou três dos seus dedos sobre a mão da dita senhora e imediatamente o "Indicador" começou a escrever com extrema rapidez em russo fonético, que a mesma senhora teve certa dificuldade em interpretar na insólita ortografia empregada. Agora, reflitamos por um momento: a senhora russa não conseguiu escrever em sua língua própria com o "Indicador", porque o instrumento não se achava munido do alfabeto russo; entretanto, minha mãe, que não conhecia o russo, conseguiu escrever foneticamente em nisso! (Ob. cit., páginas 234-239.)

Este último curioso incidente explica-se, uma vez se admita serem diversas as modalidades sob que a escrita automática se produzia pelas duas médiuns. Deve-se, então, presumir que, no caso da senhora russa, a escrita psicográfica era produzida pela intervenção direta da entidade que se comunicava, servindo-se esta dos centros de inervação da linguagem escrita, existentes naquela. Em tais condições, bem se compreende que impossível

Acervo Virtual Espírita

fosse, à entidade comunicante, exprimir-se em russo por meio do alfabeto latino. No caso da Senhora Reuter, ao contrário, deve-se presumir que a escrita psicografica se produzia de forma telepático-auditiva, o que vale por dizer que o seu subconsciente percebia o som das palavras que a entidade comunicante transmitia e que ela anotava foneticamente, tal como as ouvia, o que lhe facultava escrever em russo com o alfabeto latino.

Importa, além disso, atentar nas palavras do "Espírito-guia" Nicolau : "Pedirei a um russo meu amigo que escreva na sua língua,. Não posso prometer, mas espero que o faça. " Esta observação, que nas mensagens aqui consideradas se repete várias vezes sob formas diversas, confirma o que eu disse em começo: que as experiências de Florizel Von Reuter oferecem uma séria longa, importantíssima e única de fenômenos de xenoglossia, produzidos por iniciativa de personalidades de defuntos, que se propunham assim provar ao experimentador, atormentado pela dúvida, que a presença espiritual deles ali não era uma hipótese de trabalho, mas um fato real e positivo, assente no fenômeno da mediunidade poliglota, fato que elimina todas as hipóteses naturalísticas.

Caso XX - Neste outro episódio, em que o polonês foi à língua de que usou a personalidade mediúnica, repete-se o mesmo incidente de uma entidade espiritual anunciar previamente que traria sessão o Espírito de um polonês, para fazê-lo escrever na sua língua, a fim de que, na mentalidade do experimentador, se dissipasse a dúvida teórica, que constantemente lhe renascia. Apresso-me a acrescentar que, desta vez, a entidade espiritual conseguiu o seu objetivo. Escreve Florizel Von Reuter:

Há momentos em que nem mesmo o investigador mais ardoroso e isento de preconceitos pode evitar que dúvidas de toda espécie o atormentem, respeito à interpretação dos problemas psíquicos. A própria grandiosidade do tema, qual se revela ao pesquisador ponderado, constituí causa de momentâneas hesitações, que o levam a inquirir de si mesmo se será possível que, entre milhares de milhões de indivíduos ignorantes e indiferentes, somente nós espiritistas nos achemos no limiar de uma nova ciência portentosa que, se for criteriosamente difundida, está destinada a subverter e a renovar a civilização do mundo. Francamente declaro que ocasiões houve em que honestas dúvidas me apoquentaram a ponto de me ver constrangido a recomeçar meticulosamente a análise dos prós e dos contra, a fim de recuperar a confiança perdida na solução espiritualista da grande questão. Quanto mais aprendemos, tanto mais insaciável se nos torna o desejo de saber. À medida que, imponentes, as provas por mim obtidas se iam acumulando, mais do que nunca eu me sentia sequioso de novas e sempre novas provas... sobreviera-me esta última crise de dúvida, por haver recebido do Doutor Walter Prince uma

Acervo Virtual Espírita

carta geradora de novas perplexidades. A conseqüência foi que ousei desabafar-me com minha mãe, ponderando-lhe que, afinal, ainda não conseguíramos uma demonstração positiva de que as mensagens que obtivéramos não fossem obra fantástica do subconsciente. No dia seguinte, manifestou-se por meu intermédio, servindo do "Indicador", acostumada entidade "Wowo", que escreveu: "Propomo-nos fazer vir um polonês, que escreverá na sua língua".

Perguntei quando ele viria e obtive como resposta: "Uma destas noites".

Oferecia pois, uma ocasião de nos vigiarmos reciprocamente, eu e minha mãe. (A minha última objeção consistia em que, cientificamente falando, ainda não fora afastada a possibilidade de estar um dos médiuns a enganar o outro.) Combinamos minha mãe e eu não mais nos separarmos um do outro, enquanto a mensagem polonesa não fosse transmitida, maneira pela qual ficaria eliminada a objeção teórica de que um de nós preparasse o texto. Declaro, sob palavra de honra, que, enquanto não obtivemos a mensagem em polonês, minha mãe e eu não estivemos separadas por mais de cinco ou seis minutos, tendo passado ambos à noite no mesmo aposento. Dessa forma, cada um se achou em condições de observar a atividade do outro, durante as vinte quatro horas que transcorreram entre o anúncio da visita do polonês e o recebimento da sua mensagem. Estávamos, há esse tempo, em Berlim e nenhum de nós saiu só de casa. Na noite seguinte à do aviso, obtivemos a primeira mensagem em polonês; mas, como, quando pudemos entregar-nos à experiência, já era muito tarde, a mensagem foi bruscamente interrompida por esta observação em inglês: "Ela está muito cansada e exausta neste momento. " De súbito, manifestou-se minha avó, a escrever: "Advirto que nem todas as palavras da mensagem foram corretamente transmitidas. "

Dei a mensagem ao Doutor Walther Kroner, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Berlim, que a enviou a um membro polonês da mesma Sociedade... E a seguinte à carta que o tradutor dirigiu ao Doutor Kroner:

Caro doutor:

O documento que me enviou contém, nas primeiras quatro linhas, um certo número de palavras polonesas, ortografias erradas, cuja decifração me deu grande canseira. E este o texto da mensagem:

"As tuas perplexidades carecem de fundamento. E uma vergonha: estou descontente contigo."

(O resto estava em inglês e assinado com um nome polonês, que o tradutor não pôde decifrar.)

Minha tia anunciou que o polonês voltaria, quando minha mãe se achasse suficientemente repousada e bem disposta. Recomeçamos, em conseqüência, a vigiar-nos mutuamente, por outras vinte e quatro horas.

Acervo Virtual Espírita

Felizmente, quando estava para ser dada a segunda mensagem em polonês, veio visitar-nos uma amiga,. A Senhora Fraulien Charlotte Von Polentz, que assistiu à experiência e gentilmente firmou o documento seguinte, em que dá o seu testemunho sobre quanto ocorreu "Eu, abaixo assinada, testifico que, na noite de 28 de Outubro de 1926, fui visitar o Senhor Von Reuter e sua mãe, na residência de ambos, em Berlim. Ao entrar na sala, vi-os sentados a uma mesa sobre a qual estava o "Indicador". A Senhora Von Reuter tinha vendado os olhos e pousava dois dedos sobre o instrumento. O Senhor Von Reuter, defronte de sua mãe, pousava três dedos sobre o mesmo instrumento.

"Mal me viu, disse ele: Venha aqui transcrever a mensagem. Há alguém que se propõe a escrever em polonês".

"A mensagem que ai segue é cópia fiel do que transcrevi. Peço notar que a Inteligência se deu ao incomodo de verificar uma por uma as letras que grafei e, para indicar que estavam corretamente escritas, levava o ponteiro à palavra "Sim", sabendo bem que nenhum de nós nada conhecia da língua polonesa.

(Seguem-se as letras da mensagem em polonês, sem estarem separadas formando palavras; como, porém, aqui adiante a mensagem vai reproduzida, com as palavras separadas umas das outras, julgo ocioso consignar.)

Perguntou, então, o Senhor Von Reuter, em inglês: "Podes escrever-me em polonês uma palavra destacada?" Logo foi ditado : "Tak".

Perguntou ainda o Senhor Von Reuter: "A mensagem foi transcrita corretamente?"

A resposta veio em inglês : "E preciso colocar um "m" no começo da palavra "ischli". O mais está certo."

Durante todo o tempo, a Senhora Von Reuter ai conservou com os olhos rigorosamente vendados. "

(Assinada: Charlotte V. Polentz. - Philipstrasse, n. 1 - Berlim. - N. W. 6.)

Eis aqui o texto original da mensagem:

"Dschichei jescheze nie puschno moge lepie pisear ja muvie ze panski mischli falschiwe sacs wiesec nie."

A tradução é:

"Esta noite não é muito tarde e eu posso escrever mais facilmente. Repito, portanto, que os argumentos deste senhor são falsos. Por ora, nada mais acrescentarei."

Como já o disse a Senhora Von Polentz, perguntei à Inteligência se queria escrever uma palavra qualquer em polonês e foi ditado "Tak", que quer dizer "sim", conforme depois verificamos.

Acervo Virtual Espírita

Devem os leitores ter notado a analogia que há entre as duas mensagens, que ambas contêm uma exprobração a mim dirigida, por motivo das minhas dúvidas, sempre renovadas.

Desta vez, porém, convenci-me de não mais poder afirmar que, teoricamente falando, não tinham sido eliminada todas as possibilidades de fraude, visto que nos vigiáramos reciprocamente, desde o momento em que "Wowo" anunciara pela minha mão, achando-me eu a sós, o seu intento de mandar um polonês escrever na sua língua. Desta vez não mais me restavam... pernas de pau sobre as quais continuasse o meu cepticismo a equilibrar-se... Seja dito francamente: depois de obter tantas, tão variadas e copiosas provas, duvidar ainda não seria demonstrar inteligência, mas idiotia!.. (Ob. cit., pág. 241-245.)

Estou de pleno acordo com o relator, mesmo quando considera atestado de "idiotia" e não prova de inteligência, persistir em toda sorte de dúvidas, além do que se possa ter por legítimo e razoável. Entendamo-nos: no caso especial, reconheço legítima a objeção do Doutor Prince, se bem, pessoalmente, ele não duvidasse da honestidade da médium; mas, do ponto de vista da indagação científica, importa com justiça se reconheça não ser lícito dar o valor de fatos a experiências de tal natureza, enquanto não se achem eliminadas todas as possibilidades de fraude, racionalmente admissíveis nas condições em que as mesmas experiências se desdobraram. Ora, precisamente, às condições em que elas se desenvolvem é que, por sistema, os pedantes da Ciência desatendem, ao formularem suas restrições. Eles apanham no ar uma qualquer inocente particularidade, que se lhes preste às insinuações pseudocientíficas, e olvidam circunstâncias de primeiríssima ordem, que lhes contradizem e anulam as elucubrações. Assim, no caso que apreciamos, o Doutor Prince assinalou que, do ponto de vista científico, permanecia a possibilidade de a médium preparar o texto das mensagens em língua que ignorava; mas, ao formular essa objeção, não refletia em que a médium, se sempre que usava do "Indicador" era com os olhos vendados, não podia indicar com o ponteiro móvel do instrumento as letras do alfabeto, nem, ainda menos, fazê-lo ditando com vertiginosa rapidez mensagens "especulares", o que quer dizer - com as letras invertidas. Não ponderou também que, ainda quando a médium houvesse precisamente decorado textos de xenoglossia, igualmente não teria podido responder na, língua, que lhe era de todo desconhecida, a perguntas formuladas no momento, por terceiras pessoas, estranhas à família.

Nos episódios que vão seguir-se, notar-se-ão outros notabilíssimos incidentes do mesmo gênero.

Acervo Virtual Espírita

Caso XXI - Este outro episódio, em holandês, é notável, sobretudo, pela excepcional lonjura da mensagem numa língua que os médiuns e os presentes ignoravam.

Durante a transmissão do ditado, Florizel Von Reuter chegou a adivinhar o significado de certas palavras e fazer, a propósito, algumas observações, em virtude da grande afinidade existente entre diversas expressões holandesas e as correspondentes expressões em inglês, como, por exemplo: "lk dank u" que, em inglês, é: "I thank you" (Agradeço-lhe) ; ou : "Het is laat", e em inglês : "It is Late" (E tarde) ; ou: "Zeer wel", em inglês: "Very well" (Muito bem).

Diz o relator:

Cerca de uma semana depois do caso acima referido, o "Espírito-guia" Nicolau iniciou as experiências, escrevendo pela minha mão que um amigo holandês desejava saudar-me, por intermédio de minha mãe. Logo o "Indicador" começou a ditar, em holandês, uma mensagem que se alongou por três páginas de escrita em letras grandes. Boa parte do texto versava assunto de natureza privada e tratava de uma intenção minha a cujo respeito o comunicante queria dar-me o seu conselho. Daí resulta que tenho de renunciar à publicação dessa parte da mensagem, da qual, entretanto, ainda muito resta para documentação do texto em holandês. Enviei o documento ao cônsul da Holanda em Berlim e ele gentilmente cuidou de traduzi-lo. São estes o texto original e a tradução.

"Goeden avond. Hoe usam ge? Ik ben een vriend. Ik ben verhengd u weertezien, myn vriend. Ge ziet goed uit."

Tradução: "Boa noite. Como estás? Sou um teu amigo. Estou contente de tornar a ver-te ainda uma vez, caro amigo. Acho-te de vigoroso aspecto."

Neste ponto, eu, ignorando houvesse ele escrito que era meu amigo, perguntei:

- Conheceste-me em vida?

- R.: "Zeer wel".(Muito bem).

Perguntei mais: "Quererás dizer-me o teu nome?"

- R.: "Pieterse". (Era este o nome de um amigo meu, que fora cônsul geral em Esmirna.)

- P.: "Estás bem aí onde te achas?"

- R.: "Id dank u, zeer god. Ik heb voor u cenraad, met uw verlof. Sta mij die bede toe? Zal ik myn raad geven?"

Tradução: "Muito bem, obrigado. Se me permitires, desejo dar-te um conselho. Permites? Posso externar a minha opinião?"

E a mensagem continuou a ser transmitida, longamente. Quando o consulado me fez conhecer a tradução, verifiquei que o texto se referia a uma questão particular que não posso tornar pública. Baste eu declare que

Acervo Virtual Espírita

reconheci excelente o conselho que me foi dado. A mensagem ainda continha as expressões seguintes:

"Ge waart onvoorzichtig voor een jaar." (Foste imprudente há um ano.)

"Dat zal nietxel gaan." (A coisa não pode ir bem.)

"Ik spreek ernslig." (Falo-te com sinceridade.)

"Ik vind het beter." (O meu conselho é melhor.)

"Ja, ik weet her zeker het is beter. " (Sim, tenho a certeza de que é melhor.)

"Neem u cen andermal in acht. "·(Douta feita, age com, prudência.)".

"Ik waarschuw u. "(Previno-te.)

"Weest verstanding, in dien u mijn raad wilt volgen. " (Dá-me razão e segue o meu conselho.)".

"Spreken wijer niet meer van, mijn vriend." (Basta: não falemos mais disso, meu amigo.)

"Ik moet heen." (Devo ir-me.)

"Tot wederziens, een ander maal zal ik wat Tanger blijven, ais mij vergund." (Até à vista; doutra vez, poderei demorar-me mais, se me for permitido.)

"Het is laat. Ik heb niet gedacht dat het zoo laat was." (Agora é tarde. Não havia notado que já era tarde.)

"Ik moet heen. "(Devo ir-me.)

A esta altura, ponderei: "De fato, é tarde." E um amigo presente tirou do bolso o relógio, para ver as horas. Em conseqüência, foi escrito:

"Het is nog vroeg, ik moet gaan. Mijn groeten aan uwe moeder. Tot wederziens. Droom zalig. Ik dank iz."

Tradução: "Ainda é cedo, mas não posso demorar-me. Minhas saudações a tua mãe e até quando nos tornarmos a ver. Bons sonhos. Obrigado a todos."

A personalidade que assim se exprimia caracterizava muito bem o que fora em vida o cônsul Pieterse: homem enérgico, ligeiramente autoritário, mas amigo excepcionalmente amável e sincero, grande cultor da arte musical.

O cônsul holandês em Berlim, tradutor da mensagem, ma devolveu com a seguinte missiva:

"Em resposta a sua carta de 21 do corrente, devolvo-lhe ó documento que me enviou, juntamente com a tradução. Faço-lhe notar que é correta a língua holandesa da mensagem, salvo poucos erros de ortografia, que corrigi a tinta vermelha. O cônsul Ujie Pieterse dirigia o Consulado Geral de Esmirna.

Atenciosamente o saúdo."

(Segue-se à assinatura.) (Oh. cit., págs. 245-248.)

Como eu já disse, a mensagem acima é notabilíssima pela sua extensão. Além disso, caso fosse necessário, serviria também para demonstrar a

Acervo Virtual Espírita

insensatez de certas hipóteses que têm por base gratuitas insinuações, qual a que se aventurou contra os médiuns em questão, dizendo-se que um deles enganava o outro, preparando de antemão os textos das mensagens em línguas que ambos ignoravam do ponto de vista científico, lícito é que tudo se presuma, antes de admitir-se a existência de manifestações supranormais de ordem excepcional; mas, unicamente sob a condição de que primeiro haja estudado a fundo, analítica e sinteticamente, toda a série das experiências, quem sobre elas queira emitir juízo. Em o nosso caso, ressalta que nas principais episódios de xenoglossia obtidos pelos Reuter, há respostas provocadas por observações de terceiras pessoas. Esta circunstância não exclui apenas a hipótese de um dos médiuns enganar o outro; afasta igualmente a dos dois se terem combinado para enganar o próximo. Tomemos, por exemplo, o último incidente do episódio que apreciamos: uma terceira pessoa tira do bolso o relógio e vê as horas. Logo a entidade comunicante, que erroneamente dissera já ir muito avançada a noite, retifica a sua afirmação, dizendo: "Ainda é cedo, mas não posso demorar-me. " Aí está a sua resposta, que, conseguintemente, não podia ter sido prevista, nem, portanto, preparada por qualquer deles, ou pelos dois. E tudo isto, sem levar em conta que, com os olhos vendados, a ninguém será possível escrever, apontando as letras do alfabeto com o ponteiro do "Indicador", nem, ainda menos, fazê-lo ditando invertidas as palavras, de modo a só poderem ser lidas com o auxílio de um espelho onde elas se reflitam.

Caso XXII - O episódio que segue é dos mais importantes da série que estamos considerando e, talvez, um dos mais importantes da classe inteira dos fenômenos de xenoglossia. Não obstante ser longa a narrativa, reproduzi-la-ei quase integralmente. Refere-o, assim, Florizel Von Reuter:

Desta vez, disponho-me a fazer soar a trombeta mais forte, a favor da hipótese espirítica, porquanto n caso que vou relatar, segundo declaração do próprio Doutor Walter Prince, satisfaz aos mais exigentes reclamos da pesquisa científica.

Em data de 14 de Fevereiro de 1927, manifestou-se uma "Inteligência" que declarou em inglês: "Posso escrever numa língua que não conheces". Convidei-a a fazê-lo e imediatamente foi ditada uma série de palavras, entre as quais esta: "Sahib", que me fez presumir se tratasse da língua "indostânica". Ansioso por dar testemunho de uma experiência qual a do recebimento de uma mensagem em indostânico, língua de que nem eu, nem minha mãe fazíamos a mais remota idéia, supliquei à Inteligência que voltasse naquela mesma noite, pois desejava convidar algumas pessoas para assistirem ao trabalho. Combinamos reabrir a sessão 21,30. Vieram presenciá-la: a Condessa P... e o

Acervo Virtual Espírita

Barão Friedrich Von und zu Kónig-Warthausen, que assinaram a respectiva ata.

Na noite seguinte, voltou à mesma Inteligência e de novo escreveu na língua de que anteriormente se servira. Antes de despedir-se, informou em inglês: "Sou francês. Quando me conheceste, eu me chamava Pedro."

Eu e minha mãe exaurimos o cérebro, a querer lembrarmo-nos de algum "Pedro" que houvéssemos conhecido. Só conseguimos recordar-nos de um individuo que tinha esse nome, o célebre escritor francês "Pierre Loti", com quem me pusera em relações quando, na qualidade de menino "prodígio", andei a dar concertos em Constantinopla. A esse tempo, achava-se ali, no porto, um "cruzador" francês cujo comandante era "Pierre Loti", que me convidou para um lanche a bordo da sua nave.

Ninguém ignora que "Pierre Loti" era profundo conhecedor das línguas orientais, pois passara a maior parte da sua vida nos mares do Oriente. Assim sendo, parecia racional que ele realmente houvesse ditado a escrita que conseguimos, em língua oriental.

Enviei o texto da mensagem a Sir Conan Doyle, pedindo-lhe o favor de submetê-la a alguém que ele soubesse versado na língua "indostânica".

Cabe-me referir aqui o incidente mais curioso do caso em apreço. Como já disse, eu estava quase certo de que a língua da mensagem era a indostânica. Pois bem: cerca de trás semanas depois de tê-la obtido, sonhei que me encontrava com um Persa, ao qual mostrei a mensagem, tendo-me ele afirmado que aquela língua não era a indostânica e sim persiana! (Exemplo de sonho com impressão supranormal verídica, transmitida simbolicamente.)

Passadas alguns dias, Sir Conan Doyle me escreveu, para informar que a mensagem continha algumas palavras indostânica e que, provavelmente, se tratava de uma das vinte e quatro línguas faladas na Índia.

No dia seguinte, pus distraidamente a mão no "Indicador", que logo escreveu, em francês: "Dirige-te ao Consulado persa em Berlim". Perguntei quem estava presente e me foi respondido: "Pedro". Em seguida, o instrumento escreveu: "Sahib" é realmente palavra persa; eu, porém, não sou profundo nessa língua, que estudei como "viajante". Perguntei se quem ai manifestava era com efeito Pierre Loti e ele responderam afirmativamente. Entabulamos, então, interessante conversação sobre coisas do passado...

Antes dessa conversação, eu enviara uma cópia do texto ao gabinete dos "Intérpretes oficiais", de Berlim, pedindo certificassem qual a língua em que aquele documento estava escrito, se indostânica, se arábica, se persa. Dois dias depois, tive a resposta: "Aquela língua era persa, mas persa falado na Índia". Com essa resposta, veio a tradução integral da mensagem, tradução que, em seguida, foi confirmada pela que recebi do Consulado persa em Berlim,

Acervo Virtual Espírita

exceção feita de algumas palavras que não puderam ser decifradas, provavelmente porque o idioma em que a aludida mensagem se achava escrita era uma mistura do persa e do indostânico.

A esse respeito, "Pierre Loti" observou que os senhores do Consulado não se tinham mostrado muito inteligentes e nos forneceu, ele próprio, a tradução correta da mensagem, a fim de que fosse publicada no meu livro, tradução essa que posteriormente o gabinete dos intérpretes de Berlim verificou e confirmou. Acrescentou ele, ao demais, diversas palavras persas, que foram a seu turno verificadas.

Reproduzo aqui o texto, seguido da tradução, lembrando que, enquanto não a tivemos em nosso poder, ignorávamos se as nossas perguntas haviam sido, ou não, respondidas corretamente.

- 14 de Fevereiro de 1927, às 7 horas da noite. - Depois de haver anunciado ser-lhe possível escrever em língua que desconhecíamos, ditou Pierre Loti:

"Assalemaleikum, sahib." (Bom dia, senhor.)

P. - Escreves em indostânico?

R. - "Nachar bi Choda". (Tradução literal: "Não, meu Deus." Provavelmente esta é uma expressão mística idiomática oriental, usada em lugar de "Não".)

P. - Conhecemos-te em vida?

R.- "Muddati ast".(Há muitos anos.)

Tendo pedido à Inteligência que escrevesse mais, foi ditado:

"Salem modar salem pisar." (Saúdo a mãe, saúdo o filho.)

Depois, a palavra "bas" (basta) foi escrita duas vezes e cessou a conversação.

Ás 9,30 da mesma noite, recomeçou a sessão, estendo presentes, como testemunhas, a Condessa P. e o Barão Friedrich Von Konig, Os dois Reuter puseram a mão sobre o "Indicador", sem olharem para ele, enquanto funcionou.

P. - Estás presente.

R. - "Bali".

P. - "Bali" é uma palavra?

R. - "Bali, Sahib".

E o ditado continuou assim: "Tschì hidmat baman darid ?" (Que queres de mim ?)

Nesse ponto, observei: "Bali", provavelmente quer dizer "sim".

R. - "Rast miguid".(Tens razão.)

O Barão vos Konig pergunta :"Escreveste duas palavras ?"

R.- "Bali" (Sim.)

Acervo Virtual Espírita

P. - Conhecemos-te em vida?

R. - “Muddati ast bist sal”. (Há vinte anos.) Pergunta a Condessa P. : “Que língua é esta?”

R. - “Istifal kun”.(Devera ser : “Istifsal kun” “Cabe-vos investigar”.)

Condessa P. - Não quererás dizer-nos de que país é ?

R. (em Inglês) - “Não, porque desejo que procedais a investigações”.

F. v. K. - Faremos tudo o que pudermos para investigar e descobrir.

R. - “Chaili chob, sahib” ,(Muito bem, senhor.)

Condessa P. - Estarás escrevendo, porventura, em turco ?

R. - “Nachar bi Choda”.(Literalmente :“Não, por vontade de Deus”. - Também esta, provavelmente, é uma piedosa expressão oriental.)

F. v. K. - Será pensa?

R - “Istifal sal”. (Devera ter escrito : “Istifsal” “Investiga”. - Notarei que foi feita uma tentativa para corrigir o erro ortográfico.)

F, v. K. - Por favor, escreve mais.

R. - “Bas ast”. (Por ora basta.)

F. v. Y. - Voltarás?

R, - “Namidanam”.(Não sei.)

O Barão vos Konig pergunta: “Dar-se-á venhas freqüentemente á Wiesenburg?”

R. - “Na, na”.(Não, não.)

Foram ditados os números 15 e 2.

F. v. K. - Quererás porventura dizer que tornarás a vir no dia 15 do segundo mês do ano ?

R.- “Bali”. (Sim).

P. - As 9 da noite?

O ponteiro do “Indicador” para sobre o “Não”.

P. - As 7 da noite?

R. - “Naminadam”. (Não sei.)

“Os abaixo assinados atestam que o exposto acima, neste documento, é a narrativa exata do que ocorreu.” (Assinados : Florizel Von Reuter - Friedrich Karl, Freinerr vos und zu Konig-Warthausen.)

- Sessão de 15 Fevereiro, às 7 da noite:

O “Indicador” escreve : “Selam batscham”.(Bom dia, rapazes.)

“Banda, tschi bajard bikuman?” (Que desejais que eu faça ?)

“Bibi tschi hasir kun”.(Ocupai-vos sempre com isto que é novo. - Provavelmente, uma expressão persa proverbial.)

Pedi à Inteligência que escrevesse mais algumas palavras, pois que isso era para mim de grande interesse. Resposta:

Acervo Virtual Espírita

"Chaili mimnum i shuma hastas".(Sou-te muito obrigado; ou: Agradeço-te.)

Sem saber o significado das palavras que acabavam de ser escritas, respondi: "Agradeço-te".

R. - "Tschisi nist".(De nada.)

P. - Quererás dizer-me como se escreve : "Agradeço-te ?"

R. – Em Inglês " Já o escrevi"

Daí continuou assim a escrita oriental" sal gunaschta hat gunaschta". Expressão proverbial: (O tempo muda e com ele mudam as condições)

Nota: - O tradutor assinala que a palavra "gunaschta" deveria escrever-se "guzaschta", e que a palavra "hat" deveria ser "hal". Esta última, porém, já "Pierre" a corrigira.

Perguntei: Que significa esta última frase?

Em inglês: "Uma sentença".

Pergunta minha mãe: "Então, um provérbio?"

R. - "Bali, mensahib".(Sim, senhora.)

Depois, foi escrita outra frase proverbial: "Rast nabajad randshim". (Nunca tomar a má parte à verdade.)

Pedi: Escreve, escreve mais.

R. - "Bas ast fursat nadaram". (Basta. Já não tenho mais tempo.)

P. - Será também uma expressão proverbial a que acabaste de escrever?

R. - Em inglês: Não, uma observação. "Choda hafischab bicheir". (Deus vos proteja. Boa noite.)"Sahib iltifat schuma".(Expressão idiomática, que significa: "Conserva-te, ó Senhor, bem disposto para comigo".)

Esta a memorável experiência de xenoglossia conseguida por Florizel Von Reuter, que a comenta nestes termos:

Penso me sobra razão para insistir em afirmar que o episódio acima exposto constitui uma das mais espantosas provas que uma Inteligência desencarnada já forneceu, por meio da escrita automática. Desafio os "animistas" a que apresentem uma explicação do caso, valendo-se de todas as complicadas teorias que hão proposto, com tão grande fertilidade de invenção. Nem eu, nem minha mãe nunca estivemos nas Índias, ou na Pérsia; nunca tivemos relações com Pessoas oriundas desses Países. E o caso ainda muito mais notável se torna pelo fato de que a persa da mensagem e um persa dialetal, apenas falado nas Índia. Não se encontra, portanto, no caso em apreço, um átomo que seja de presunção a favor do subconsciente (Ob.cit. , págs.256-262.)

Com estas observações, Florizel Von Reuter responde triunfal e definitivamente à última e desesperada sutileza sofística que os amigos "animistas" lhe haviam contraposto, em nome de imaginárias exigências

Acervo Virtual Espírita

científicas. Consistia essa objeção em dizerem que não bastava desconhecessem ele e sua mãe a língua em que era escrita a mensagem, uma vez que, para também eliminarem a extrema possibilidade teórica relativa aos poderes da subconsciência, seria necessário que nenhum dos dois jamais houvesse estado no pais em que se fala a língua usada mediunicamente e que jamais tivessem tido relações com pessoas oriundas de tal país.

Eram duas circunstâncias bem difíceis de ser afastada, com relação a Florizel Von Reuter, porquanto, na sua qualidade de "virtuoso" do violino, peregrinara por quase todos os países da Europa e da América. Nunca, porém, havia estado na Ásia e nunca tivera relações com asiáticos. Eis, entretanto, que se manifesta uma entidade de defunto, a escrever em língua oriental, com todos os requisitos exigíveis pelos sofistas da pesquisa científica.

Ponderarei, a propósito, que a frase com que se manifestou essa nova entidade de defunto: "Posso escrever numa língua que não conheces", deve agregar-se às outras que já tenho assinalado para demonstrar que a série dos casos de xenoglossia obtidos por Florizel Von Reuter se originou de uma iniciativa espiritual, tendo por escopo vencer-lhe o cepticismo sempre renascente, mediante a apresentação de provas que dessem por terra com todas as hipóteses, todas as objeções, todos os sofismas que os "animistas extremados" e os "pedantes da Ciência" amontoavam sem trégua contra a interpretação espiritualista dos fenômenos mediúnicos.

Desta vez, até o Doutor Walter Prince teve que convir em que o caso de que se trata satisfaz plenamente aos mais exigentes reclamos da Ciência, o que equivale a reconhecer que a hipótese, de que tanto se tem abusado, a da onisciência subconsciente, está, afinal, irreparavelmente demolida e que, por isso, já não é possível a ninguém se recusar a ter como demonstrado o grande fato da intervenção de entidades espirituais nas manifestações mediúnicas.

Caso XXIII - A mesma personalidade mediúnica de Pierre Loti intervém uma vez mais, ditando algumas frases em língua arábica.

A 4 de Setembro de 1927, os dois Reuter foram para a casa de campo de Sir Conan Doyle, a fim de passarem alguns dias, e lá se deram importantes episódios de identificação espirítica, que o notável escritor inglês relatou numa conferência, em que se referiu nestes termos à mensagem obtida em árabe.

Acrescentarei, finalmente, que conseguimos uma longa mensagem na língua árabe, língua que todos os presentes desconheciam. Enviei o documento ao meu amigo Major Mariott que, profundo conhecedor desse idioma, verificou impecável o árabe da mensagem.

Florizel Von Reuter, depois de se reportar à conferência de Sir Conan Doyle, diz:

Acervo Virtual Espírita

Importa completar a informação de Sir Artur Conan Doyle, citando as frases árabes de que se trata.

Faço notar que esta nova língua foi à décima quinta que obtivemos com o "Indicador".

E o seguinte o texto em árabe, acompanhado da tradução feita pelo Major Mariott:

"Nahar kum said ya jabat." (Possam transcorrer felizes os teus dias, ó! senhora.)

"Nahar kum said ya ha jabat". (Possam transcorrer felizes os teus dias, ó!. "Guarda da Porta". (Doorkeeper.) A propósito desta última frase, dita com referencia ao médium, observa o narrador: "Esta expressão, singularmente espiritualistica parece ter extraordinário significado".

Nessa ponto, disse eu a Sir Conan Doyle que dirigisse uma pergunta ao comunicante:

Sir A. C. D. - Podes dizer-me quem és?

R. - "Aiwa. Is mi Pierre. Ana hadir". (Sim: o meu nome é Pierre. Sempre a vossas ordens.)

Sir A. C. D. - Podes dizer-me o significado da palavra "Bint"? (Era esta a única palavra árabe que Sir C. Doyle conhecia e que significa "Filha".)

R. - "Bint na bigibni kestir yaksara." (Nossa filha será fonte de grande felicidade para nós)

Em seguida, a Inteligência escreveu em inglês: "A força está faltando rapidamente". Depois, ditou:

"Lalet kum said. El hamdu billah". (Possa transcrever alegre a noite para todos vós. Deus seja louvado.)

Observa o relator:

A mais notável particularidade deste texto árabe (sem falar no fato de não haver jamais minha. mãe, em toda a sua existência, ouvido urna palavra em árabe) consiste no deliberado emprego de uma sentença, em que entra a palavra "bint" (filha), como resposta a pergunta de Sir Conan Doyle. A Inteligência houvera podido limitar-se a traduzir o vocábulo; preferiu, porém, o método indireto de responder. compondo no momento uma sentença lingüisticamente impecável. O caráter ligeiramente ambíguo da sentença parece indicá-la como aplicável a minha mãe, no sentido de um cumprimento pela missão de médium a que ela se consagra. Quanto ao nome "Pierre", revela a presença da mesma entidade que anteriormente escrevera em língua persa. (Ob. cit., págs. 316-318.)

Por minha parte, assinalarei que, tanto no caso acima exposto, quanto no que o precedeu, as testemunhas dirigiram por conta própria perguntas à entidade que se comunicava e obtiveram respostas em línguas que elas

Acervo Virtual Espírita

ignoravam, o que, teoricamente, resulta importante, por eliminar as hipóteses de fraude a que antes aludimos e consistente em um dos médiuns enganar o outro, ou em estarem ambos combinados para enganar o próximo, preparando previamente, em língua ignorada, o texto a ser ditado na sessão. Repito que tudo se pode insinuar, em honra dos severos processos de pesquisa científica. Entretanto, se, no caso em que nos ocupamos, resulta evidente que as personalidades mediúnicas responderam, sempre corretamente, em língua que todos ignoravam, a perguntas improvisadas por terceiros, indubitável então é que nenhum preparo prévio houve, porquanto a ninguém é possível preparar antecipadamente textos de respostas a perguntas que se não podem prever.

Caso XXIV - Os oito últimos episódios que temos apreciado foram tirados todos de um só livro de Florizel Von Reuter: "Psychical Experientes of a Musician". Este agora, pertencente à mesma série, tomo-o a outra obra sua: "The Consoling Angel", onde ele refere o memorável caso de identificação pessoal da defunta Hattie Jordan, que chegou a fornecer, sobre a sua vida, mais de 300 pormenores verídicos, ignorados, em sua maioria, assim pelos presentes, como pelos ausentes. E essa personalidade de defunta, que demonstrou especialíssimas aptidões para se comunicar mediunicamente com os vivos, não se satisfez com o provar, de modo exuberante, a própria identidade : pôs-se à disposição de outros defuntos inábeis para se comunicarem diretamente. Foi assim que, numa de tais ocasiões, transmitiu foneticamente as palavras de um defunto, proferidas em língua que ela desconhecia:

Relata Florizel Von Reuter:

No dia 22 de Julho de 1928, estávamos em Ipswich, onde realizamos uma sessão na presença de alguns membros da "Society for Psychical Research", entre os quais o seu presidente, major Barnes, e o seu secretário, Senhor Badbrook. "Hattie Jordan" se manifestou logo, transmitindo aos experimentadores convincentes mensagens de além-túmulo.

Depois, anunciou: "Está aqui um Espírito a falar numa algaravia que ninguém entende. Diz, por exemplo: "Prasah Tamsta" e, dizendo isso, assume uma atitude respeitosa. Não compreendo. Acrescenta ele "Laba diena" duas palavras) ; em seguida, qualquer coisa que me soa como : "Zupones ir" ; e mais : "Ponai". Agora, diz: "Ne" é "Não", "Taip" é "Sim".

Observa o relator:

Esforçamo-nos inutilmente por descobrir de que língua se tratava. Nesse meio tempo, "Hattie" propôs suspendêssemos a sessão e a reabríssemos mais tarde. Ponderamos que mais tarde não seria possível, que, então, nos reuniríamos no dia seguinte, às 12 horas. No dia 23 às 12 horas, reunimo-nos,

Acervo Virtual Espírita

com efeito, em sessão, achando-se presente, come na véspera, o major Barnes. “Hattie” se manifestou imediatamente, anunciando:

“Está de novo aqui o Espírito de ontem. Indica com a mão o instrumento mediúnico e pronuncia uma palavra que soa: “Surasykite”.

P. - Não será um japonês?

R. - Não tem aspecto de japonês. Diz ele agora “Pesupratau”. A seguir: “Pratau”. Depois : “Labu diena Labu makara”. Repete: “Labu makara”, e move a cabeça, acenando para a palavra “diena”. Diz: “Labai molonu”, e sorri. Agora acena com a cabeça. Perguntei o que deseja e respondeu: “Nesu pratau”. Aponta para, o senhor que escreve, dizendo: “Miels drauge surasykite”; depois, aponta para mim e diz: “Kaip tamstai”... Não está completa a frase... esperem... não falem... “sekasi”. Mostra satisfeito e me diz.: “Aciú”. De vez em quando, repete: “Aciú tamsta”. Diz agora: “Zupones ir pona i duokite. Labu diena visiems”. Estas duas frases vão juntas: “Diokite labu diena visiens”. Acena com a cabeça, dizendo “Aciu””.

Pondera o relator:

No momento em que a mensagem era transmitida, nenhum de nós tinha a mais longínqua idéia sobre a identidade de tão misteriosa língua. Era a primeira vez que obtínhamos a transmissão fônica de uma língua que ignorávamos, por intermédio de um “Espírito guia”. De todas as outras ocasiões, a Inteligência comunicante transmitia diretamente, sem intermediários, a língua em que se exprimia, o que, naturalmente, simplificava a transmissão. Neste caso, ao invés, “Hattie” era obrigada a “escutar” atentamente as palavras do Espírito, para depois as repetir foneticamente, sem compreender o que transmitia.

Tentei diversas vezes desvendar o mistério da desconhecida linguagem que obtivéramos, dirigindo-me a pessoas competentes, mas sempre inutilmente. Já um ano passara, quando me veio, lembrança enviar o texto ao professor Bens Driesch (célebre biólogo e filósofo de Leipzig), pedindo-lhe que o submetesse a algum de seus doutos colegas da Universidade. Dois dias depois, respondeu-me ele assim:

“Submeti a mensagem ao professor Junker, que logo me disse tratar-se, provavelmente, de uma língua Báltica, mas que nade, me podia afirmar em definitiva.

Assim passei a mensagem ao professor Gerúllis, especialista em línguas bálticas. Ele imediatamente reconheceu que o texto se acha escrito em língua “Lituana”, acrescentando que fora ditado num lituano foneticamente impecável. “

O professor Driesch juntou à carta a seguinte à nota elucidativa, formulada pelo professor Gerúllis:

Acervo Virtual Espírita

O documento está escrito em língua lituana e em forma antiquada de cinquenta anos pelo menos. Foi ditado foneticamente de modo tão perfeito, que impossível seria a um alemão ou a um inglês fazê-lo tal qual. Assim, por exemplo, a substituição de "V" por um "M" na palavra "Makara" (de preferência "Vakara") só é compreensível para um Lituano. A palavra "Zupones" (senhora) já não se usa na escrita lituana; mas há 20 anos passados , ainda estava em uso. Sintética e idiomàticamente é impecável a mensagem.

Eis aqui a tradução, contraposta ao texto:

Ele diz: "Prasau tamsta" e o diz em atitude respeitosa. Acrescenta "Latia diena". (Tenho a honra de desejar bom dia a Vossas Excelências.)

- "Depois, qualquer coisa que soa: "Zupones ir"; em segunda : "Ponai" (à senhora e ao senhor. ")

- "Agora diz: "Ne" é "Não"; "Taip" é "Sim". (Exato quanto ao "Não". "Taip" significa "Assim". "Hattie" havia entendido mal.")

- "Ele indica o instrumento mediúnico e pronuncia uma palavra que soa: "Surasykite". (Escreve tudo o que digo.)

- "Diz agora: "Labu diena, Labu makara" (devera ter dito : "Labor diena, laba vakara". (Bom dia, boa noite). "

- "Em seguida, repete: "Laba makara" e abana a cabeça com relação à palavra "diena" (dia)."

(Faço notar que uma aparente contradição há entre a observação de "Hattie" e o fato de se estar à sessão realizando ao meio-dia. Evidentemente, o Espírito "abanou a cabeça" para significar que se devera escrever "Bom dia" e não "Boa noite". E' provável, porém, que o não haja escapado a quem apanhava a mensagem.)

- "Diz : "labai molona" e sorri (devera dizer-se "malona": Muito grato.) "

- "Quando lhe perguntei o que desejava, respondeu: "Nesu Pratau" (Não compreendo). "

- "Indica aquele senhor, dizendo: "Miels drauge surasykite" (Caro amigo, escreve tudo o que digo.) "

- "Kaip tamstai sekasi" (Como está Vossa Excelência ?)

- "Ele parece satisfeito e me diz: "Aciu" (Obrigado)."

- "Algumas vezes, repete: "Aciú tamsta" (Agradeço a Vossa Excelência)."

- "Agora diz: "Zupones ir popa i duokite, labu dienu visiems". (Senhores e senhoras, os meus melhores augúrios a todos)."

- "Duokite labu dienu visiems". (Exprimo os meus melhores votos.)

Comenta o relator:

Acervo Virtual Espírita

A natureza fragmentária da mensagem ai explica, naturalmente, pela dificuldade que, a não ser assim, ela apresentaria para "Hattie", que tinha de transmitir-nos foneticamente as palavras incompreensíveis que o outro Espírito pronunciava,

Como quer que seja, essa comunicação fragmentaria, cientificamente, se revela de grande valor, porque prova, de modo irrefutável, a intervenção de uma inteligência espiritual independente dos que assistiam à sessão. Nem eu, nem minha mãe nunca tivéramos o mais remoto contacto com a língua lituana; ou, mais exatamente, não sabíamos, sequer, da existência de tal língua. Entretanto, o "Indicador" escreveu palavras e frases em lituano, gramaticalmente impecáveis...

Quantos às intenções do Espírito comunicante, resultam manifestas desta frase sua: "Escreve tudo o que digo", frase que demonstra ter-se ele proposto, como os que o procederam a transmitir uma mensagem em língua que todos ignoravam.

Com referencia à expressão pouco habitual "vossa excelência", de que se serve dirigindo-se aos presentes, poderia indicar que ele pertencera a uma classe inferior; ou, o que é mais provável, essa forma de tratamento nas relações sociais corresponde ao espanhol "Usted". Seja como for, ela era de uso na Lituânia, há 60 anos. (Ob. cit., págs. 82-87.)

Do ponto de vista espiritualista, é, em verdade, muito sugestiva a forma invulgar de tríplice transmissão, pela qual uma entidade espiritual transmite foneticamente ao médium a conversação incompreensível que com ela trava outra entidade espiritual.

Já tive ocasião de citar um episódio análogo (caso III), em que a entidade espiritual "Nelly" repetia foneticamente ao professor Van Eden as incompreensíveis frases holandesas que lhe eram transmitidas por outro Espírito de defunto, amigo do professor. Há, porém, a diferença de que, naquele episódio, a transmissão se dava oralmente, enquanto que, no caso ora considerado, ele se verificava psicogràficamente.

Cabe assinalar que não escapou ao relator o significado teórico das palavras: "Escreve tudo o que digo", repetidas duas vezes. Tais palavras, como todas as análogas que anteriormente assinalei, estão a mostrar que aquela transmissão tríplice de uma mensagem em língua que todos os presentes ignoravam se deve considerar intencionalmente preparada no Além, sempre com o objetivo de provar, por forma irrefutável, a realidade da intervenção dos defuntos nas manifestações mediúnicas.

Outra circunstância muito sugestiva no mesmo sentido ressalta da observação do professor Gerúllis, a de que "a transmissão fonética daquelas frases em lituano era tão perfeita, que quase impossível seria a um alemão ou

Acervo Virtual Espírita

a um inglês fazê-la tal qual" e que a "substituição de um "V" por um "M" na palavra "Makara" só era compreensível para um Lituano", o que tende a demonstrar que quem se manifestava era mesmo ó Espírito de um Lituano. A reforçar grandemente essa indução, há outra observação do mesmo professor: que a palavra "Zupones" (senhora) já se não usava na língua lituana, mas que há vinte anos atrás ainda estava em uso, acrescentando que a forma da mensagem é antiquada de, peio menos, cinquenta anos, bem como a expressão "vossa excelência" nas relações sociais. Segue-se que tudo concorre para fazer presumível que quem se manifestava era um Lituano morto havia meio século.

Estas considerações indubitavelmente assumem não pequeno valor cumulativo, em prol da hipótese espirítica. Não se deve, contudo, olvidar que, no caso em questão, como nos anteriores, a "prova crucial" a favor da interpretação espiritualística dos fatos, a prova capaz de arrasar todas as hipóteses, todas as objeções, todos os sofismas dos "animistas mais extremados" é sempre a que se acha implícita o grande fato de as personalidades mediúnicas se exprimirem em línguas que fados os presentes ignoram.

Com o episódio de que tratamos, termina a série dos casos de xenoglossia extraídos por mim dos livros de Florizel Von Reuter, que contêm uma quinzena deles.

Esta magnífica série de episódios obtidos por um só experimentador e produzidos por iniciativa das personalidades mediúnicas, com intento determinado da parte delas, é única em toda a classe dos fenômenos de xenoglossia. Como se há de ter notado, na série a que me refiro, cada um dos episódios é corroborado pelos testemunhos das pessoas que os presenciaram e das que se prestaram a coadjuvar as pesquisas sobre os fatos. Dentre estas, algumas se destacam, possuidoras de nomes insignes, quais Sir Conan Doyle e o eminentíssimo biologista-filósofo Hans Driesch. Também é de notar-se que os episódios a que aludo sofreram todos a inexorável análise crítica do presidente da "Society for Psychical Research" de Londres, o Doutor Walter Prince. Pelo que concerne à genuinidade intrínseca das transmissões mediúnicas em línguas ignoradas, já foi ponderado que, em quase todos os episódios citados, figuram, formuladas pelas personalidades mediúnicas, respostas provocadas por perguntas que lhes dirigiram alguns dos que participavam das experiências, circunstância que exclui qualquer modalidade de fraude da parte dos médiuns, visto que estes não poderiam preparar antecipadamente, em línguas que ignoravam, respostas a perguntas inconjeturáveis. Isto mesmo, sem levar em conta que a ninguém é possível, com os olhos vendados, escrever, indicando as letras do alfabeto com o

Acervo Virtual Espírita

ponteiro do “Indicador”, e, menos ainda, ditar mensagens em palavras invertidas, ou “especulares”.

Fica, pois, demonstrado que a série dos episódios acima apreciados representa material científico de primeira ordem e, assim sendo, dever-se-á supor que tenha suscitado instrutivas e fecundas discussões no campo metapsíquico. Muito pelo contrário, nada disso se deu: essa admirável série de casos de xenoglossia, capaz de por si só resolver a grande questão da procedência dos fenômenos, passou despercebida, sem suscitar discussão de espécie alguma. Como explicar o fato? Tenho para mim que, aí, a causa principal da falta de reconhecimento do valor de tais experiências se deve imputar à fragilidade da crítica no meio metapsíquico. Com efeito, as revistas dos grandes institutos ingleses, franceses e norte-americanos delas não falaram em absoluto. Quanto às maiores revistas espiritualistas, essas o fizeram, mas de modo tão inadequado, lacunoso, inconcludente, que não lograram chamar a atenção dos competentes sobre o valor de tais experiências. Quer dizer que, se as grandes revistas metapsíquicas se comportaram mal a esse respeito, o mesmo se deve afirmar dessas outras revistas. E, o que é pior, esse deplorável proceder dos críticos é consuetudinário e geral. A conseqüência vem a ser que, depois de lida meia dúzia de linhas sobre o aparecimento de um livro, não se fica sabendo se este merece ou não uma leitura. Não é, pois, de causar espanto que os bons livros passem despercebidos, confundidos e perdidos na massa enorme das obras inúteis.

Precisa de uma reforma a importantíssima seção consagrada ao registro dos livros nas revistas metapsíquicas, a fim de que, dos que o mereçam, publique elas um resumo amplo e fiel. Tudo isto é óbvio e deveria considerar-se encargo de qualquer revista científica. Entretanto, a quem escreve jamais sucede ler uma notícia de seus livros, revestida desses requisitos.

Basta: volvendo ao assunto, resta-me formular uma singular e interessante observação.

Conforme se há visto, por unânime consenso dos tradutores das mensagens de que aqui se trata, os textos, fônicos e psicogràficamente escritos em línguas que os médiuns e os presentes ignoravam, foram todos considerados corretos e, até, declarados impecáveis. Carecem de importância ligeiras e raras trocas de letras, tanto mais que devem amiúde lançar-se à conta da dificuldade de acompanhar, quem escreve, o movimento do ponteiro do “Indicador”, quando rapidamente assinala os sinais alfabéticos.

Pois bem: é curioso notar-se que, se tal acontece quando se trata de línguas que os médiuns totalmente ignoram, o mesmo já não se dá quando estes conhecem parcialmente as línguas mediunicamente empregadas. Assim é que, em detestável italiano, língua que os dois Reuter conheciam bastante para

Acervo Virtual Espírita

a entenderem e falarem, se apresentam escritas às mensagens transmitidas pela personalidade mediúnica, que se dizia Nicolau Paganini. E a análise diligente dos erros e das incorreções gramaticais leva à conclusão muito instrutiva de que as palavras raramente usadas na linguagem ordinária, isto é, as que os Reuter desconheciam (segundo eles próprios declararam) eram escritas correta e impecavelmente; ao passo que as da linguagem ordinária, que ambos conheciam e empregavam conversando em italiano, se mostram cruelmente estropiadas, nas conjugações dos verbos, nas declinações dos nomes, nos gêneros e nos números e, precisamente, no sentido em que as estropiaria um inglês que da língua italiana apenas superficial conhecimento possuísse. Estes os fatos. Ora, se considerarmos que a mediunidade da Senhora Reuter é de ordem telepata-espirita, deveremos inferir que, se as palavras raramente usadas eram transmitidas corretamente, isso se dava porque a médium não as conhecia e, não as conhecendo, elas atravessavam o filtro da sua mediunidade, sem lhe sofrerem a influência perturbadora, enquanto que as outras, as que lhe eram familiares, sofriam irreparavelmente a influência de seus imperfeitos conhecimentos na matéria e, em conseqüência, lhe surgiam na dicção tal como, verossimilmente, ela as teria escrito. Por efeito destas considerações, somos induzidos à inesperada conclusão de que, do ponto de vista dos fenômenos de xenoglossia, o conhecimento superficial de uma língua, em vez de favorecer a transmissão mediúnica de uma mensagem correta nessa língua, a dificulta notável e irreparavelmente.

Aliás, a personalidade mediúnica, que se dizia Nicolau Paganíni, reconheceu o fato e afirmou diversas vezes que se comunicava telepaticamente com a médium, não podendo, por isso, impedir que aparecessem erros de toda espécie na transcrição das mensagens, com relação às quais declarou que o pensamento lhe pertencia, não a forma.

Pelo que se refere à identidade do Espírito que se comunicava sob aquele nome, este não é o momento de elucidar a questão, a cujo respeito me limitarei a ponderar que ele forneceu ótimas provas de identidade pessoal e que, do ponto de vista teórico e em honra da lei de afinidade que rege o universo físico e psíquico, nada de inverossímil se poderia descobrir no fato de Nicolau Paganíni, célebre artista do violino, manifestar-se pela mediunidade de Florizel Von Reuter, outro insigne violinista, cognominado "Paganíni redivivo". Tenho a informar, por último, que recentemente se desenvolveu nos dois Reuter a mediunidade de "voz direta" e que o primeiro a manifestar-se, falando por longo tempo na sua língua, foi Nicolau Paganíni.

Caso XXV - Encerro a presente categoria com um caso recente, legitimamente famoso. Embora o conheçam todos os que se ocupam com as

Acervo Virtual Espírita

pesquisas metapsíquicas, não posso furtar-me a referi-lo em desenvolvido resumo.

Aludo aos vários e maravilhosos episódios de xenoglossia, na língua chinesa, obtidos em Boston com a "médium" Senhora Margery Crandon, de envolta, com o fenômeno de "correspondência cruzada' a grande distância, consistindo este fenômeno em os médiuns Valiantine, numa sessão em Nova York, e o Doutor Hardwick, numa sessão em Niagara Falls, escreverem, na mesma noite e quase à mesma hora, mensagens correlatas em língua e caracteres chineses, tendo sido tudo predisposto e previamente anunciado pelo "Espírito-guia" "Walter", falecido irmão da "médium" Margery.

No episódio que se vai ler, a "correspondência cruzada", com o "médium" de Niagara Falls, Doutor Hardwick, faltou; mas, foi obtida com o "médium" Valiantine, em Nova York. Tomo o episódio à revista norte-americana "Psychic Research" (1928, pág. 496-502)

De acordo com as instruções dadas pelo "Espírito-guia" "Walter", na noite de 17 de Março de 1928, às 21 horas, realizaram-se sessões em Boston, Nova York e Niagara Falls, com os médiuns mencionados acima.

No grupo de Boston, iniciador dos trabalhos, manifestou-se logo "Walter" por meio da "voz direta" e anunciou que estava providenciando sobre a energia necessária para a manifestação daquela noite, em que operariam personalidades espirituais chinesas.

Relatando o caso, prossegue assim o doutor Richardson:

Depois, Walter mandou que provêssemos de papel e lápis o médium, que lhe deixássemos em liberdade aa mãos, que acendêssemos uma lâmpada vermelha e que não interviéssemos enquanto o médium não houvesse concluído. Margery tomou do lápis e começou a escrever, do alto da primeira página do caderno, em nove colunas verticais, porém com tal rapidez que aos experimentadores se afigurava estar a sua mão apenas agitada por intensíssimo tremor. O tempo mais longo empregado em escrever uma das tais colunas foi somente de 17 "segundos "e de 12 "segundos" o mais breve. Quando, as 21,33 terminou a sessão, examinou a folha escrita, verificando-se que se não tratava de garatujas informes e sim de caracteres que tinham toda a aparência dos caracteres chineses... As 21,55, Margery, já despertada, se sentiu de novo impelida a escrever automaticamente e, em plena luz branca, escreveu, com muito menor rapidez, outras cinco colunas de caracteres chineses.

Isto é tudo o que se passou no grupo de Lime Street, em Boston.

Há mesma hora, realizou-se em Nova York, com o médium Valiantine, uma sessão, durante a qual uma "voz" se dirigiu a Sra. Cannon, saudando-a em chinês e dizendo ser "Kung-Fut-Ze", para lago depois acrescentar, em inglês: "Tentarei: uma, duas ou três vezes." Perguntou-lhe a Sra. Cannon se

Acervo Virtual Espírita

queria dizer que já tentara manifestar-se por três médiuns e a "voz" respondeu afirmativamente. Ao terminar a sessão, Valiantine escreveu, desperto, o nome "Kung-Fut-Ze" e imediatamente encheu uma coluna de caracteres chineses.

O fato foi logo comunicado pelo telefone para Boston, Lime Street.

Não se obtiveram manifestações no grupo de Niagara Falls.

As páginas escritas em chinês pela médium Margery foram submetidas ao exame de dois chineses cultos - os doutores Hsich e F. Huang - sendo ao mesmo tempo enviada cópia ao eminente orientalista europeu, professor Whymant. Todos informaram acordemente que se tratava de autêntica escritura chinesa, em caracteres antiqüíssimos, escritura que os doutores do Celeste Império definiram, qualificando-a de "chinês original", difícil de ser interpretado por quem não possua profunda cultura clássica. Nada obstante, os doutores Hsich e Huang se dedicaram com grande empenho a fazer uma tradução cuidadosa, declarando, porém, que pessoa mais enfronhada na literatura clássica talvez apanhasse com mais fidelidade certos matizes do pensamento do escritor. A tradução é longa (44 linhas da revista) e o texto consta de sentenças e conselhos morais e filosóficos. Ora, conforme observa o Doutor Richardson, "tendo Walter anunciado previamente que Confúcio interviria, alguns dos presentes formularam perguntas de ordem geral, apropriadas ã personagem que viria manifestar-se. Essas perguntas não foram escritas, mas o sentido delas se subentende das respostas obtidas". Dai se deve inferir que tenha havido correlação entre as perguntas feitas e o conteúdo do texto chinês.

E de notar-se que a tradução do Doutor Whymant concorda com a dos doutores chineses, embora difira mais ou menos desta, quanto aos matizes do pensamento interpretado, o que, naturalmente, era de esperar-se, em se tratando de caracteres ideográficos, semelhantes aos caracteres egípcios, coisa que os doutores chineses haviam antecipadamente declarado.

A esse propósito, observa o Doutor Whymant: "Os caracteres são genuinamente chineses e apresentam forma normal. Nota-se apenas certa falta de firmeza nos ligamentos, como também ausência de simetria e de regularidade, o que leva a concluir-se que a mão que escreveu era a de um forasteiro. Noto igualmente que nenhum dos caracteres apresenta sinais de abreviação, num ditado tão longo, que nenhum literato chinês escreveria sem fazer uso de abreviações... Além disso, em todas as folhas mediunicamente escritas sobressai à errônea direção da grafia, que parte da esquerda para a direita...(Loc. cit., págs. 571-573.)

Esta singularidade, o Doutor Richardson assim a comenta:

Para esta última particularidade já o empregado japonês da casa Grandon nos chamara a atenção. Varias vezes ele nos pedira para traduzir alguns

Acervo Virtual Espírita

escritos chineses, mais breves, que obtivéramos (quase sempre representação de algarismos) e constantemente nos observara que aqueles caracteres eram, com efeito, escritos em bom chinês, mas traçados em direção errada: da esquerda para a direita, em vez de o serem da direita para a esquerda. Acabara por se mostrar espantado com a teimosia de Margery em querer escrever chinês daquele nado, declarando-lhe que, se desejava aprender a língua chinesa, tinha que se decidir a escrever no sentido contrário ao que o fazia!

Nas suas conclusões sobre a sessão de 17 de Março, observa o Doutor Richardson:

Resumindo esta experiência, devemos, antes de tudo, fazer ressaltar que nela, como já nas duas análogas anteriormente citadas, Walter teve parte secundária, no que respeita ao desenvolvimento dos fatos, parte que, todavia, resultou muito importante, uma vez que foi ele quem tudo predispôs e quem regulou o aparelho - direi assim - de que teriam de servir-se seus colaboradores chineses. E, desde que se atente nos resultados obtidos, obrigado se é a concluir que as condições por ele previamente dispostas eram perfeitas, dada a espantosa rapidez com que Margery grafou o pensamento dos chineses que se comunicaram... Inútil acrescentar que nem Margery, nem Walter, nem qualquer dos componentes do círculo dos experimentadores possuía a mais mínima noção, normalmente adquirida, da língua e da literatura chinesas. Em face destas circunstâncias, a que fica reduzida a hipótese de uma "personalidade segunda", como agente presumível da mediunidade de Margery?.. , (Pág. 501.)

Mas, se a hipótese de uma "personalidade segunda" fica arrasada e aniquilada, no caso de uma "médium" que escreve com fulminante rapidez em língua e caracteres chineses, que se há de dizer diante deste outro episódio em que a chamada "personalidade segunda" pede se lhe forneça uma sentença qualquer, para transmiti-la em seguida aos seus colaboradores chineses, que a reproduzem traduzida em chinês, por via do "médium" de Niagara Falls, a 500 milhas de distância, quase simultaneamente?

Refere o Doutor 1Zichardson:

Walter, por iniciativa sua, pediu ao Senhor Bird que desse uma sentença breve e clara, sentença que ele se encarregaria de transmitir aos seus colaboradores chineses, os quais, a seu turno, a reproduziriam pelo médium Hardwick, em Niagara Falls, traduzida em chinês. O Senhor Bird deu o seguinte provérbio: "Uma pedra que rola não se cobre de musgo". Walter o aceitou, fazendo a propósito alguns comentários humorísticos... Ao mesmo tempo, em Niagara Falls, o Doutor Hardwick, em transe... produziu catorze caracteres chineses, dispostos em duas colunas... que o professor Lees traduziu assim: "Um preceptor que viaja não guarda dinheiro". Ora, não há quem não

Acervo Virtual Espírita

veja, nessa versão livre do provérbio do Senhor Bird, racional transporte, para a atmosfera intelectual chinesa, de um conceito metafórico dificilmente acessível às mentalidades chinesas numa versão literal. Direi mesmo que a tradução livre, interpretação fiel do significado da sentença proverbial, oferece uma amostra muito sugestiva do temperamento chinês, amostra mais convincente do que se tratasse de uma versão literal do próprio provérbio. (Loc. cit., págs. 502-503.)

Indubitavelmente, aquela tradução livre, donde ressalta mais claro e preciso o conceito moral, um tanto ou quanto obscuro, do provérbio oferecido pelo Senhor Bird, demonstra mais que nunca a absoluta autonomia das Inteligências que presidiam às manifestações em apreço. Concorra, pois, fortemente para robustecer, no sentido espiritualista, o valor teórico das outras eloqüentes circunstancia de fato, aqui consideradas, relativas à transmissão, quase instantânea, a uma distância de 500 milhas, do provérbio confiado a "Walter", no grupo de Boston, e sua tradução em língua chinesa, com caracteres também chineses. E' uma circunstância esta última que não há como se atribuir aos poderes de uma efêmera personalidade subconsciente, visto que a "médium" e todos os presentes ignoravam a língua chinesa, com seus dificílimos e intrincados caracteres ideográficos.

Resumindo os fatos, o Doutor Richardson acentua nestes termos o maravilhoso incidente:

Iniciamos as nossas experiências no firme pressuposto de que o transe de Margery fosse de origem auto-sugestiva, que a sua clarividência fosse conseqüente à auto-sugestão e que certos efeitos pós-hipnóticos se deveria atribuir a uma personalidade secundária da mesma Margery, personalidade que denominávamos "Walter-Margery". Porém, agora, como seria possível persistir em tal hipótese, uma vez que Walter continua a manifestar-se, mesmo quando Margery esta a uma distancia de oito milhas ? Como, ai nessas condições ele é capaz de exercer "controle" não só sobre Margery distante, mas também sobre dois médiuns ainda mais distanciados? Como persistir em tal hipótese, quando algarismos, diagramas, pensamentos, expressos em inglês e enunciados em Boston, surgem, poucos minutos depois, traduzidos em boa língua chinesa, a centenas de milhas dali?

Em face das circunstâncias expostas, penso que todos hão de convir nisto: em que a melhor maneira de se harmonizarem os fatos consiste em aceitar a hipótese espirítica, isto é, reconhecer que Walter é realmente quem ele diz ser: irmão de Margery, sobrevivendo à morte do corpo...

A propósito de outro caso análogo, que não relato para ser breve, observa o mesmo professor:

Acervo Virtual Espírita

Entretanto, em Niagara Falls, alguém se mostrou capaz de referir todos os pormenores (do que na sessão que contemporaneamente se realizara em Boston, Lime Street), em perfeito e ótimo chinês clássico. Se isto não se deu por obra de Walter, com a coadjuvação de entidades espirituais chinesas, quem poderia ser então a personalidade comunicante ? Formulamos esta interrogação, não porque tenhamos predileção qualquer pela hipótese espírita, mas no desejo honesto de saber qual alternativa se poderia conceber, para explicar os fatos aqui relatados e os que os precedem.(Loc. cit., pág. 505.)

Parece altamente digna de atenção esta observação final do Doutor Richardson. Ele, em suma, se mostra empenhado em tornar manifesto que nenhuma intenção tem, nem qualquer inclinação, para advogar a causa da interpretação espiritualista dos fatos; que foram estes que, lógica e inexoravelmente, o conduziram a reconhecer a necessidade de admitir para eles a interpretação espiritualista. Assim sendo, dirige-se aos seus colegas do meio científico, a fim de que lhe sugiram alguma hipótese naturalística, que explique cumulativamente os fatos. Por outras palavras: em homenagem à pesquisa da Verdade, pela Verdade, quer ele e pede que o contradigam, se for possível. Pode, porém, ficar certo de que ninguém sairá a contradizê-lo, por isso que a empresa é impraticável: os fenômenos de xenoglossia que ele expõe assumem o valor de uma "prova crucial", irrefutável e definitiva, a demonstrar a presença real, nas sessões, de entidades espirituais independentes da "médium", e dos presentes. Um século talvez ainda passe, antes que os psicólogos e os fisiologistas o reconheçam; mas, isso não impede que aquela verdade já se ache cientificamente e inabalàvelmente demonstrada pelos fenômenos metapsíquicos, em geral, e, em particular, pelos de xenoglossia.

Advirto que no grupo, que temos apreciado, de manifestações em língua chinesa, resta citar um episódio que, sob certos aspectos, é o mais importante de todos, episódio que coloquei na categoria que se segue, por não se haver produzido mediante a "psicografia", mas pela "voz direta".

CATEGORIA III

Casos de "xenoglossia" por meio da "voz direta"

No que concerne à presente categoria, faz-se necessária uma observação de ordem geral muito interessante: a de que, nas experiências de "voz direta", o de "xenoglossia" é fenômeno mais ou menos freqüente, tão freqüente que quase não há bons "médiuns" dessa natureza, que não tenham oferecido e não continuem a oferecer notáveis exemplos do aludido fenômeno. Daí o dever inferir-se que as comunicações mediúnicas por meio da "voz direta" se

Acervo Virtual Espírita

prestam de modo muito especial à exteriorização das conversações poliglotas, o que, presumivelmente, se deve atribuir à circunstância de permitir, essa forma de mediunidade, que a entidade comunicante se mantenha bastante independente do psiquismo do "médium", para ficar em condições de exprimir-se numa língua que este último ignora. Ora, isto, as mais das vezes, não seria possível com a "psicografia", porquanto esta se produz mediante a transmissão telepática do pensamento da entidade comunicante ao "médium", que o traduz subconscientemente na sua língua, salvos os casos em que aquela entidade consegue influenciar mais ou menos diretamente, no "médium", os centros cerebrais da linguagem falada ou escrita (possessão mediúnica).

Do ponto de vista científico, os fenômenos de xenoglossia que se produzem por meio da "voz direta" apresentam dois leves inconvenientes, em confronto com os que se obtêm pela "psicografia" um consiste em que as conversações em língua que o médium ignora muito raramente não são compreendidas também por todos os presentes, visto que as personalidades que falam pelo "médium" se dirigem a parentes ou conhecidos que se exprimem na língua mediunicamente empregada; consiste o outro em que, como as conversações se travam na obscuridade, muito raro é que os experimentadores as registrem no momento, donde resultam não haver, nesses casos, documentos que se consultem, para demonstrar a genuinidade dos fatos. Segue-se que os relatos de tais episódios tomam amiúde a forma anedótica, em vez da científica, e também que, quando mesmo testemunhos irrecusáveis não permitam seja posta em dúvida a realidade dos fatos, sempre faltam dados que lhes valide convenientemente a importância.

Colocando a questão nestes termos, serei muito parcimonioso no citar episódios em que os diálogos não foram registrados no momento mesmo em que se travaram. Por enquanto, raríssimos são os casos em que se observou essa indispensável regra experimental. Fácil, porém, será, de futuro, remediar-se a semelhante falta.

Não menos certo é, no entanto, que esta há tornado cientificamente inutilizáveis os surpreendentes episódios de xenoglossia obtidos com o concurso de antigos médiuns notabilíssimos, quais a Senhora Everitt e a Senhora Wriedt; esta última, viva ainda, apesar de avançada em anos não perdeu as faculdades mediúnicas que possuía, mas o período áureo de sua mediunidade pertence ao passado.

Caso XXVI - Pelo que respeita à mediunidade da Senhora Wriedt, publicaram-se, em número considerável, relatórios que compulsei inutilmente, com o objetivo de extrair deles episódios de xenoglossia suficientemente minuciosos para caberem numa classificação científica. Nem os livros do vice-almirante Usborne Moore, nem as narrativas de James Coates, nem as de

Acervo Virtual Espírita

Miss Edith Harper se podem aproveitar para tal efeito. Esta última realizou uma série de 44 sessões com a Senhora Wriedt, acerca das quais informa que "cuidadosos relatos de todas se redigiram, sobre as notas dos estenógrafos que a elas sempre assistiram", o que é importante e satisfaz plenamente. Porém, de tais relatos ela se limitou a publicar um resumo geral, que assim se refere aos fenômenos de xenoglossia:

Da análise das nossas experiências, ressalta que elas apresentam duas características teoricamente importantes: uma é que, com muita freqüência, se ouviam duas, trás e, até, quatro "vozes diretas", que simultaneamente conversavam com outros tantos experimentadores; a segunda é que se obtiveram mensagens em línguas e dialetos ignorados inteiramente da médium, entre os quais o francês, o alemão, o italiano, o espanhol e o norueguês. Quando este idioma foi falado, estava presente uma senhora norueguesa (muito conhecida nos meios políticos e literários), à qual se manifestou uma "voz direta", robusta- e viril, que, exprimindo-se naquela língua, se declarou seu irmão e declinou o próprio nome. Entre os dois, apaixonada conversação se entabulou na língua de ambos, com inexprimível júbilo da parte da senhora de quem se trata. Disse ela que seu irmão defunto lhe fornecera admiráveis provas de identidade pessoal e a informara sobre a ditosa existência que levava no mundo espiritual. Doutra vez, uma "voz direta" se dirigiu a uma senhora, manejando o espanhol com extraordinária volubilidade. Ninguém sabia que essa senhora conhece o espanhol; foi, pois, com grande surpresa que a ouvimos responder em espanhol, com muita clareza, ao Espírito que a interrogava e que lhe manifestou viva satisfação por haver podido falar na sua língua nativa... (Light, 1911, página 439.)

Como se vê, os episódios citados apresentam uma aparência de bons e genuínos exemplos de xenoglossia, sobretudo considerando-se que a "médium" pela qual foram obtidos é universalmente conhecida e estimada e está acima de qualquer suspeita. Mas, não obstante, aos casos que se publicaram, devidos à sua mediunidade, falta cunho científico, o que se traduz por uma perda não pequena para a pesquisa dos fenômenos de xenoglossia.

Das narrativas do vice-almirante Usborne Moore destaco uma experiência que merece assinalada, por se prestar eloqüentemente à demonstração de uma verdade conhecida de há muito: que os experimentadores concorrem, de maneira mais eficiente do que se possa supor, para o bom êxito das experiências. Informa ele:

A Senhora Wriedt nada obtém, quando tenta a sós a prova e, há alguns anos, foi-lhe pedido, a titulo de experiência, que tentasse uma sessão com sete surdo-mudos vindos do Asilo de Flint (Michigan), ao que aquiesceu. Tenha-se muito presente que naquela sala de sessão ninguém era capaz de pronunciar

Acervo Virtual Espírita

uma só palavra que fosse, exceto a médium. Pois bem: não se obtiveram manifestações daquela natureza, a não serem uns movimentos da trombeta, que tocou em dois surdo-mudos, causando-lhes não pequeno susto. Naturalmente, ninguém esperava que aqueles experimentadores de exceção houvessem de ouvir "vozes", mas o que teoricamente importa é que, mal grado à presença de sete pessoas, nem sequer a médium chegou a ouvir um simples murmúrio. Note-se que, se ela faz sessão tendo, em sua companhia somente uma criancinha, apenas capaz de balbuciar palavras, as manifestações de "voz direta" infalivelmente se dão. (Light, 1911, página 183.)

Não se poderia desejar prova melhor do que esta, para demonstrar quão grande é a contribuição fluídica com que os presentes entram para a produção dos fenômenos mediúnicos, contribuição a tal ponto indispensável que, se aqueles não possuem íntegro e sem taras o sistema cérebro-espinhal e os órgãos que o servem, não se podem obter fenômenos de "voz direta".

Já a célebre personalidade mediúnica "Imperátor" explicara a Stainton Moses que o "médium" é, acima de tudo, um centro de condensação, onde se reúnem os fluidos subtraídos aos assistentes e que, portanto, o bom êxito das manifestações depende, em grande parte, das pessoas que formam o grupo dos experimentadores; de modo que basta a presença de um só indivíduo fluidicamente ou psiquicamente negativo, para neutralizar a produção dos fenômenos, ou, o que é pior, para provocar manifestações espúrias, por efeito da modificação que, em condições tais,, sofre a camada onírico-subconsciente do "médium", convertendo a sessão mediúnica numa experimentação sonâmbulo-hipnótica. Foi por isso que "Imperátor" proibiu ao Moses que convidasse pessoas estranhas ao grupo que ele constituíra. Ora, desse ponto de vista, a experiência com os "sete surdo-mudos" resulta preciosa, pois demonstra, melhor do que qualquer outra, que aquela personalidade mediúnica sabia o que dizia. E o que mais surpreende na aludida experiência é o fato de ela demonstrar que os presentes fornecem substâncias fluídicas especializadas para as manifestações que se produzem. No nosso caso, as "vozes diretas" não se exteriorizaram, porque os sete experimentadores careciam dos fluidos vitais que se localizam na região da laringe e talvez também porque neles se achavam atrofiados os centros cerebrais da linguagem falada.

Importa tenha muito em conta o que vem de ser expendido quem queira evitar fracassos e mistificações subconscientes e, ao mesmo tempo, conseguir dos "médiuns" o rendimento máximo.

Caso XXVII - Também os dois episódios que se seguem foram obtidos com a mediunidade da Senhora Wriedt. Relatou-os o conde Chedo Mijatovïch, ministro plenipotenciário da Sérvia junto ao Governo inglês, que foi igualmente quem narrou um dos casos a que precedentemente me referi.

Acervo Virtual Espírita

Dedicou-se ele, com admirável perseverança, a investigar as manifestações de "voz direta" e chegou a reunir importante material, a benefício das pesquisas psíquicas.

Este caso tomo-o ao livro do vice-almirante Usborne Moore: "The Voices" ("As Vozes"), página 3. O conde Chedo Mijatovich precedeu da seguinte explicação a sua narrativa:

Por profissão, sou um diplomata sérvio, que já representou seu país junto ao Governo da Romênia, depois junto ao da Sublime Porta, donde passou a Corte da rainha Vitória da Inglaterra e do rei Eduardo VII. Sou, além disso, membro de várias sociedades científicas inglesas e continentais. Julgo conveniente começar por estas notas pessoais, a fim de que se saiba que sou homem afeito desde muitos anos a pesar os fatos e as palavras, com plena consciência da responsabilidade que uns e outras envolvem.

Isto dito, informa o conde Mijatovich que, ciente de achar-se a médium Senhora Wriedt em Wimbledon, localidade não distante da sua residência, com ela combinou uma sessão par o dia 16 de Maio de 1912. Nessa data, dirigiu-se a Wimbledon, acompanhado de um amigo croata, natural de Agram, o Doutor Hinkovitch. Manifestou-se-lhe, quase de súbito, o seu grande amigo William Stead, em forma fluídica visível (fenômeno frequente com a mediunidade da Senhora Wriedt), travando-se entre os dois uma interessante conversação, que não vem a pêlo reproduzir. Prosseguindo, diz o conde:

Improvisamente e com grande espanto do meu amigo croata, uma voz se ouviu, clara e forte, que se lhe dirigiu a ele em língua croata. Era a de um velho amigo, doutor em Medicina, que morrera, não havia muito, de um colapso cardíaco. Conversaram durante algum tempo na língua nacional de ambos. Eu ouvia a conversação, compreendendo tudo o que diziam os dois. Escusa acrescentar que aquela era a primeira vez que a Senhora Wriedt escutava o som e as inflexões do idioma da Croácia.

Tanto eu como o meu amigo ficamos profundamente impressionados com o que, respectivamente, obtivéramos. Falei nisso o outro amigo, como da mais maravilhosa experiência que conseguira em toda a minha vida. Falei também a respeito com a professora Margarida Selenka que, como toda, gente o sabe, é uma célebre cientista tedesca e.. , por satisfazer-lhe, combinei com a Senhora Wriedt outra sessão para o dia 24 de Maio.

Logo ao principiar esta, novamente apareceu a forma fluídica de William Stead, que se me conservou visível por espaço de uns dez segundos. Reapareceu segunda vez mais nítida, porém ainda não tão distintamente, quanto na sessão de 16 de Maio. Conversou longamente com a professora Selenka e muito rapidamente comigo...

Acervo Virtual Espírita

Cessada a manifestação, eis que se faz ouvir s voz de minha mãe, com quem mantive longa e comovente conversação na língua Sérvia.

Em seguida, a professora Selenka teve, a seu turno, comovedor entretenimento, em alemão, com seu defunto marido, o professor Lorentz Selenka, da Universidade de Mônaco. Manifestou-se depois a própria mãe da professora, morta, pouco antes, em Hamburgo...

Sinto-me no dever de manifestar publicamente a minha gratidão a Senhora Wriedt, por intermédio de quem me foi concedido o inefável conforto de ouvir a voz de minha mãe e as suas amorosas expressões, formuladas a nossa língua materna...

Estes, no relato de Mijatovich, os tópicos concernentes ao nosso tema. No outro episódio que ele refere e que citei precedentemente (caso VII), encontram-se reproduzidas as frases que em língua sérvia proferiu a entidade que se comunicou. Não fez o mesmo aqui, talvez porque a intimidade das expressões maternas não o comportava. De todo modo, porém, assim no seu caso, como no do seu amigo croata, uma vez que se trata de conversações na língua particular dos interlocutores, racionalmente se deve inferir que, se os experimentadores afirmam ter ouvido a personalidade mediúnica a falar corretamente os idiomas sérvio e croata, lícito não é pôr-se em dúvida a competência deles para se pronunciarem na matéria.

Casos XXVIII, XXIX, XXX - Limito-me a tirar apenas três episódios de xenoglossia da série obtida por Denis Bradley com o médium Valiantine, visto que os dois volumes onde se contém a série toda lograram ampla difusão mundial e são conhecidos de todos os que estudam metapsíquica.

Este primeiro episódio ocorreu na segunda sessão de Bradley, em casa de De Vickoff, com relação à qual importa adiantar, tendo um dos experimentadores precisados ausentar-se, De Vickoff lembrou-se de substituí-lo pela sua própria cozinheira e pelo "despenseiro", a ver o que de novo sucederia.

Aquela era espanhola; estava nos Estados Unidos de poucos meses e ignorava a língua inglesa.

Dada esta explicação, passo a relatar a manifestação a que a cozinheira Anita Ripoll proporcionou ensejo. Bradley a descreve nestes termos:

Espantoso o que se seguiu! Anita Ripoll, quando a trombeta acústica lhe tocou, soltou um grito. De súbito, uma voz, saindo da trombeta, exclamou em tom apaixonado: "Anita! Anita!" - Ao que ela respondeu: "Sim! Sim!" - Acrescentou a voz, em espanhol: "Sou eu! Estou aqui eu!" - Exultante, a cozinheira exclamou por sua vez: "E' ele! E' José!" - Era o Espírito de seu marido. Seguiu-se uma conversação apaixonada, volúvel, de expressão intensamente meridional, entre a mulher e o marido defunto. Não me foi

Acervo Virtual Espírita

possível acompanhar por nada saber do espanhol. Todos os presentes, porém, percebiam os sentimentos que os dois reciprocamente manifestavam. As palavras se sucediam em verdadeira torrente, às frases ai sobrepunham com a costumada exuberância latina. Nem o marido, nem a mulher pareciam maravilhados com o caráter supranormal daquela entrevista. Eram duas almas simples, que na Terra se tinham votado recíproco amor e que, provavelmente, nunca haviam cogitado a sério da sobrevivência. Aceitavam, pois, a situação em que ai viam, como se tratasse de coisa normal. Reconheceram-se de pronto e não perdiam tempo em procurar e fornecer provas de identidade pessoal. Eram jovens ambos, pois Anita Ripoll, robusta e vigorosa, não representava contar mais de trinta anos. Falaram do convívio de que gozaram na Terra; de seus interesses domésticos; ele, das impressões que recebera após a morte; ela, de seus próprios sentimentos e da existência que levava, depois que ele se fora.

Acompanhando atento a conversa dos dois, De Vickoff, a certa altura, não pode resistir ao impulso de tomar parte nela, falando o espanhol com José.

Imediatamente, este e Anita mudaram de linguagem, passando a conversar no dialeto do lugar onde haviam nascido, misto de basco e de baixo espanhol, conforme viemos a saber mais tarde. Também viemos a saber que, em vida, os dois cônjuges sempre falaram o espanhol, pois ambos ignoravam a língua inglesa, tendo entrado para o serviço de De Vickoff mal desembarcaram na América.

Na sessão, quando se dirigia a De Vickoff, José falava em bom espanhol; mas, quando se dirigia a Anita, empregava o intimo jargão nativo. Agradeceu a De Vickoff o ter conservado Anita ao seu serviço depois que ele morrera e lhe pediu que a ajudasse, usando de sua influência, para conseguir que ela pudesse mandar vir da Espanha os dois filhinhos do casal. A propósito, aludiu à conversação que tivera um ano antes com De Vickoff sobre o mesmo assunto, conversação de que foram objeto as novas restrições que a lei de imigração estabelecera, tornando-lhes bastante difícil mandarem vir da Espanha os filhos.

De Vickoff perguntou a José como fizera para comunicar-se, ao que deu ele esta resposta singelíssima “Encaminhei-me para aqui com os outros.”

A conversação se prolonga por dez ou doze minutos, durante os quais, provavelmente, aquelas duas almas esgotaram tudo o que tinham para dizer uma ã outra. (Towards the Stars, págs. 32-33.)

Não será supérfluo notar que, do ponto de vista probativo, o episódio citado parece invulnerável, pois ninguém poderia avançar a suspeita de que o médium conhecesse o obscuríssimo dialeto falado numa aldeia espanhola e tão a fundo que fosse capaz de falá-lo como um natural da dita aldeia, sem mesmo

Acervo Virtual Espírita

levar-se em conta que a presença da cozinheira na sessão resultou de uma decisão subitamente tomada na ocasião, o que torna inadmissível pudesse o médium preparar-se previamente para a grande mistificação, informando-se de modo minucioso sobre a vida passada da mesma cozinheira. Segue-se que o episódio em apreço constitui um caso magnífico de xenoglossia, em que, concorrendo admiravelmente para provar a presença espiritual, ali, do defunto marido de Anita Ripoll, há o incidente de a entidade comunicante mudar bruscamente de linguagem, numa espontaneidade verdadeiramente vívida, para subtrair-se a ouvidos indiscretos, mal se apercebe de que um dos presentes lhe está compreendendo as íntimas efusões com a mulher ainda viva. Em outros termos: esse incidente, posta o fato eloquentíssima de que o dialeto falado era o da aldeia onde ambos nasceram, resulta complementar do fenômeno de xenoglossia, que por si só já provava á intervenção de uma entidade espiritual extrínseca ao médium e aos presentes, porquanto constitui prova específica de identidade pessoal.

Por ocasião deste segundo episódio, assistia á sessão o poeta japonês Gonnoskè Komai e a língua falada foi à japonesa. A sessão se realizou na casa de Bradley, em Londres, a 18 de Março de 1925. Refere Bradley:

O episódio mais dramático da sessão ocorreu quando uma "voz" se dirigiu em japonês ao Senhor Gonnoskè Komai. Duas vezes a trombeta acústica se precipitou no chão, antes que o Espírito comunicante chegasse a adquirir força suficiente para materializar a própria voz. Erguendo-se pela terceira vez, a corneta luminosa se transportou para defronte do Senhor Komai, em quem tocou por duas ou três vezes, depois do que saíram dela estas palavras: "Gonnoskè! Gonnoskè!" - O ser chamado pelo próprio nome impressionou vivamente o Senhor Komai, pela razão de que dentro em pouco falaremos.

A voz foi ganhando vigor gradativamente e, por fim, declinou o próprio nome: "Otani". Estabelecida a identidade do comunicante, desenvolveu-se., em língua japonesa, breve conversação, na qual o defunto falou principalmente de seus filhos.

Em seguida, o Senhor Komai realçou uma circunstância muito importante, a do Espírito que se comunicava o haver saudado, chamando-lhe pelo nome "Gonnoskè! Gonnoskè!" Ora, segundo os costumes japoneses, só o irmão mais velho, o pai ou a mãe têm o direito de saudar uma pessoa, pronunciando-lhe o prenome, ou, seja, pronunciando-lhe o nome que dizemos "de batismo". Pois bem: é altamente sugestivo reconhecer-se que o Espírito que se manifestou a Gonnoskè tinha o direito de falar-lhe dessa maneira, porquanto se tratava de seu irmão mais velho, morto havia pouco.

Acervo Virtual Espírita

Tendo-se retirado esse Espírito, manifestou-se "Bert Everett" (Espírito-guia) que, dirigindo-se ao Senhor Komai, disse: "Juntamente com teu irmão, também está presente tua mãe."

A propósito dessa informação, cumpre assinalar que o Senhor Komai é moço ainda; que, por conseguinte, ninguém poderia supor que já lhe houvessem morrido a mãe e o irmão mais velho. Inútil acrescentar que os presentes tudo ignoravam a seu respeito, como desconheciam a língua japonesa.

Penso que este episódio, no qual se conversou em japonês e se produziram notabilíssimas provas de identidade pessoal, deve considerar-se uma das mais belas e incontestáveis demonstrações, já obtidas, da sobrevivência. (The Wisdom of the God, págs. 305-306.)

Com relação a este último comentário do relator, convém ponderar que, nos últimos anos, se hão conseguido tão extraordinárias, complexas e decisivas provas de identidade pessoal dos defuntos, que excessivo, mesmo inexato, parece o considerar-se o episódio exposto como "das mais belas e incontestáveis demonstrações, já obtidas, da sobrevivência". Contentemo-nos com o apreciá-lo como uma bela e incontestável prova de identificação espirítica, obtida por meio dos fenômenos de "xenoglossia".

Agora o terceiro episódio, notabilíssimo, no qual houve conversação em dialeto galês que, como se sabe, é uma língua toda especial, incompreensível aos próprios ingleses, achando-se integralmente reproduzido o diálogo que então se travou, o que maior importância científica lhe confere.

A sessão se fez na casa de Bradley, em Londres, a 27 de Fevereiro de 1924. Dela participou o conhecido romancista e artista dramático Caradoc Eyans, natural do País de Gales. Em dado momento, uma "voz", que o próprio Caradoc descreve como irrompendo do solo, entre seus pés, e vindo postar-se à sua frente, lhe dirigiu a palavra. Este o diálogo havido:

Perg. - Tens alguma coisa a dizer-me?

Resp. - Tenho.

Perg. - Quem és ?

Resp. - Teu pai.

Perg. - Tu, meu pai? Não pode ser. Como fizeste para saber que eu estava aqui? Quem te disse ?

Resp.- Disse-me Edward Wright.

Perg. - Então, escuta. Se és meu pai, siaradwch a fy yn cich iaith(Fala-me no meu dialeto)

Resp - Beth i chwi am i fy ddweeyd (Dize-me de que queres que eu te fale.)

Perg. - Eich enw, wrth gwrs. (Para começar, dize-me o teu nome.)

Acervo Virtual Espírita

Resp. - William Evans.

Perg. - Yn le marwo chwi (Onde morreste?)

Resp. - Caerfyrddin. (Em Carmarthen.)

Perg. - Sir? (Condado?)

Resp. - Tre. (Cidade.)

Perg. - Ble maers ty? (Qual a situação da casa?)

Resp. - Uch ben yr avon. Mae steps-lawer iawn-rhwng y ty ar rheol. Pa beth yr ydy ch yn gofyn? Y chwi yn mynd i weled a ty bob tro yrrydych yn y dre. (A montante do rio. Para se chegar da estrada a casa, tinha-se que subir muitos degraus. Porque esta pergunta? Todas as vezes que te achas na cidade, visita a nossa casa.)

Perg. - Nhad... (Meu pai...)

Neste ponto, falta a força e a trombeta cai rumorosamente no chão.

Foi um espetáculo assombroso, o dessa conversação entre pai e filho, no singularíssimo idioma do País de Gales. (Towards the Stars, pág. 210.)

E' de lamentar-se que um intempestivo esgotamento de "força" haja truncado o interessantíssimo diálogo. Contudo, ele se prolongou bastante para fornecer a prova incontestável de que entidade comunicante conhecia perfeitamente o dialeto gaulês, assim como o país e a casa em que vivera. Quando o diálogo se interrompeu bruscamente, já o céptico Caradoc Evans se convencera, não menos bruscamente, da presença real do pai, porquanto, no breve colóquio em que se empenhara, ótimas provas foram dadas de identidade pessoal. Com efeito, do nosso ponto de vista, a "prova das provas", a que sobrepuja toda a outra e se apresenta invulnerável aos sofismas dos opugnadores, consiste sempre no grande fato de uma personalidade mediúnica conversar claramente numa língua que o médium desconhece, língua que no presente caso era um dialeto dificílimo, esquisitíssimo, incompreensível para os próprios ingleses. Ocioso será, acrescentar que o "médium" Valiantine, que nasceu e sempre viveu nos Estados Unidos, não conhecia uma sílaba do gaulês.

Digamos que prova experimental mais eloqüente do que esta se poderia exigir, como demonstração de que os defuntos intervêm nas experiências mediúnicas. Afirmo, sem receio de errar, que ninguém nunca chegará a arquitetar uma hipótese naturalística que explique os fenômenos de xenoglossia propriamente dita. Lembro, a propósito, haver "médiuns" que têm conversado ou escrito numa dúzia de línguas ignoradas e que se atribuir tal prodígio a poderes ocultos de que eles disponham equivale a emprestar à subconsciência humana a onisciência divina. Quem ousaria propugnar, ao sério, um absurdo de tamanho porte? Seja, porém, como for, não bastaria propugná-lo, fora mister demonstrá-lo.

Acervo Virtual Espírita

Há certos opositores que não cessam de proclamar que os que propugnam a hipótese espirítica fundam as suas inferências em presumidas circunstâncias de fato que, entretanto, não passam de "meros atos de fé". A esses opositores, quisera eu perguntar se as deduções tiradas de episódios quais os de que acabo de tratar, em que as personalidades dos defuntos conversam, no dialeto que falaram na Terra e que o "médium" ignora, acerca de fatos íntimos das - suas existências terrenas, devem considerar-se gratuitas, arbitrárias, equiparáveis a um "ato de fé", ou se não são, antes, deduções lisas, simples, evidentes, além de rigorosamente lógicas e cientificamente inatacáveis. E isso sem levar em conta os casos em que aquelas personalidades falam no tom de voz, com as inflexões e as acentuações que as caracterizavam em vida.

Parece-me, em suma, que na questão que se debate deveriam inverter-se os valores representativos das partes que contendem, colocando-se os acusadores no banco dos acusados è vice-versa, dado que, na realidade, os opositores é que praticam "atos de fé", sustentando hipóteses-gratuitas, puramente verbais, contraditadas pelos fatos, embalando-se na ilusão de que, para demonstrarem suas teses, lhes basta cunhar sonoros neologismos. Alucinados pelos preconceitos de escola, acusam os outros de se valerem de argumentos sofísticos, quando eles é que não fazem outra coisa.

Caso XXXI - Encerro a presente categoria com um episódio teoricamente muito importante, o a que precedentemente aludi, falando das complexas manifestações em língua chinesa obtida com o auxilio da mediunidade da Senhora Margery Crandon, em "correspondência cruzada" com os "médiuns" Doutor Fiardwick e Valiantine.

Neste episódio, anterior aos outros ocorridos com os três "médiuns" citados, interveio exclusivamente o Valiantine. Trata-se de uma "voz direta", que disse ser Confúcio e longamente falou em chinês arcaico com o orientalista professor Whymant, dando, ao demais, a forma correta, de uma poesia que se encontra na coletânea dos "Shi-King", editada em vida do mesmo Confúcio, e que os copistas deturparam a ponto de a tornarem incompreensível.

No mesmo episódio, há, intercalado,. um incidente de xenoglossia em língua italiana e dialeto siciliano, de menores proporções, mas que apresenta notável valor teórico, como no momento oportuno assinalaremos.

Tiro das revistas inglesas "Psychic Science" (Julho de 1927, pág. 129) e "Light" (1928, páginas 14-15) as particularidades do episódio.

Narra o doutor, professor Naville Whymant, da Universidade de Oxford, insigne poliglota, conhecedor de uma trintena de línguas e autoridade no que concerne às línguas orientais, o qual, achando-se recentemente em Nova York,

Acervo Virtual Espírita

foi convidado para assistir a uma sessão experimental com o "médium" Valiantine. Observa ele:

A pessoa que me veio convidar explicou que as "vozes diretas" falavam em línguas que nenhum dos assistentes conhecia, pelo que a minha presença era desejada unicamente para a interpretação das línguas, não para que me pronunciasse sobre o mérito do que ocorria. Fui informado de que todos es experimentadores eram espíritas convictos e que, na série das sessões em curso, haviam obtido admiráveis provas de identidade pessoal dos defuntos que se comunicavam. Esta, por exemplo: "Uma voz falara em português, declinando o próprio nome e as particularidades necessárias à sua identificação, indicando, finalmente o endereço da própria família, ainda viva em Portugal. Os experimentadores se apressaram a escrever com o endereço dado e, na resposta que receberam, viram admiravelmente confirmado tudo o que a entidade comunicante dissera."

Foi-me grato o inesperado convite. Se bem jamais tenha sido adversário declarado das pesquisas psíquicas, nunca, entretanto, tivera tempo de com elas ocupar-me. Assim sendo, a sessão, para que me convidavam, pareceu-me divertimento agradável, próprio a me facultar algum repouso à mente. E, para falar claro, contava que, depois de ouvir algumas daquelas "vozes diretas", chegaria a descobrir de que modo se produzia à bem preparada e hábil mistificação.

Compareci à reunião à hora aprazada. Manifestaram-se diversas "vozes", uma após outra, a conversar em inglês com vários membros do grupo. Algumas densas conversações se referiam a incidentes tão íntimos, que eu me sentia embaraçado e confuso, pois se me afigurava estar fazendo o papel de um intruso que ali fora para surpreender os segredos do próximo. Por felicidade, estávamos imersos em trevas e ninguém podia perceber o meu vexame.

De repente, uma voz forte ai ouviu, que deu o nome de "Cristo d'Angelo", pronunciando este nome com acento italiano. Depois, a mesma voz entrou a discorrer em puro idioma italiano, língua que não falo, mas que conheço muito bem. Dirigiu-se a mim, nestes termos: "Diga à Sra. X. (presente à sessão) que não manteve a sua palavra de aprender suficientemente o italiano para conversar comigo na minha língua. Ela continua a responder-me em espanhol, o que me embaraça". A senhora a quem fora dirigido o reparo confessou sinceramente que Cristo d'Angelo tinha razão. Este continuou por algum tempo a conversar comigo, exprimindo-se em obscuro dialeto italiano. Em seguida, fez reconhecer que se tratava do dialeto siciliano.

Seguiram-se outras vozes, falando o inglês. Depois, de improviso, emergiram das trevas sons estranhos, destacados, chiantes, que, de mim bem

Acervo Virtual Espírita

conhecidos, me transportaram de súbito à China o pensamento. Eram notas de uma flauta chinesa, mal tocada. E freqüente no Celeste Império topar a gente com tocadores de flauta, o que, sem dúvida, em nenhuma outra parte do mundo acontece. Ecoou, em seguida, uma voz de baixo profundo, que pronunciou de modo distintíssimo a palavra: "K'ung-fu-T'zu".

Na pronunciação dessa palavra, notei inflexões de voz dignas da mais alta consideração. "K'ung-fu-T'zu" o é nome oriental correspondente a Confúcio, e, mais que um nome, é um título. Significa: "O mestre supremo dos filósofos K'ung." A família doa "K'ung" ainda existe na China e os descendentes do grande filósofo recebem, há mais de 2000 anos, uma pensão especial do governo chinês. Ora, nada tem de notável, em si mesmo, o fato de uma "voz direta" dizer-se Confúcio, uma vez que o nome é o mais famoso da história chinesa; faço, porém, notar que bem poucas pessoas no mundo seriam capazes de pronunciá-lo com a correção com que o fez Valiantine, ou alguém por ele. Por exemplo, a sílaba final "T'zu" ou T'ze é extremamente difícil de pronunciar-se. O som que dela mais se aproxima é "Ts"; mas, é impossível figurar-lhe com letras inglesas o som verdadeiro.

Logo me convenci de que aquele que me falava era profundo orientalista, pois que reproduzia corretamente não só a pronúncia, como também as mais delicadas inflexões vocais.

Perguntei: "Quem és?" A mesma voz, com certa impaciência, repetiu: "K'ung-fu-T'zu". Nem de longe me passara pela mente que fosse Confúcio. Supunha, ao contrário, achar-me em presença de alguém que desejasse discutir comigo sobre a vida e a filosofia do grande pensador chinês. Resolvido a penetrar fundo o mistério, perguntei de novo, servindo-me do costumado cerimonial chinês: "Saberás dizer-me qual era o teu prenome?" Foi-me respondido: "K'iu". Exato, esse prenome é familiar aos orientalistas, pelo que a resposta, embora correta e interessante, não era concludente. Insisti, pois: "Saberás dizer-me qual era o teu cognome, quando tinhas catorze anos?" A resposta, imediata e correta, foi proferida com entonação e inflexão genuinamente chinesas. E de notar-se que o cognome em questão bem poucos orientalistas o conhecem.

Neste ponto, observei ao meu interlocutor que algumas das poesias que ele próprio ditara e publicara se apresentavam obscuras aos leitores hodiernos. Pediu a "voz" que eu especificasse uma das tais poesias, declarando-se pronto a lhe dissipar as obscuridades. Citei a terceira das "Shih-King", por ser a mais obscura de todas. Recitei dessa poesia o primeiro verso, o único de que me recordava. Imediatamente, a "voz", com perfeita inflexão chinesa, recitou a poesia toda, tal como é conhecida presentemente, e, após uma pausa de quinze segundos, novamente a recitou em sua forma correta, que lhe dá outro sentido.

Acervo Virtual Espírita

Em seguida, perguntou "a voz": "Agora que a corrigi, compreendes-lhe o significado?"

Querendo reproduzir o texto poético de que se conheciam, apenas, as variantes, o Professor Whymant pediu e obteve que a entidade que se comunicava lho repetisse lentamente. A revista "Psychic Science" publicou a tradução inglesa da aludida poesia, tanto com a forma nova ditada por aquela entidade, como com a forma obscura sob que era até então conhecida.

Continuou assim o professor Whymant:

Pedi ainda à "voz" que me explicasse o significado de certas imagens obscuras daquela poesia. Esta, por exemplo: "De medo, mudou de cor o meu cavalo." Explicou a "voz" que o cavalo, ao dar com o fantasma do amante assassinado, antes mesmo que a senhora o houvesse visto, ficou aterrado, a ponto de cobrir-se de suor, tornando-se assim improvisadamente escuro o seu pêlo, que era baio." **(*)**

(*) O Professor Whymant publicou recentemente um opúsculo sob o título: Psychic Adventure in New York, em que relata, com cientifica sobriedade de exposição, a parte substancial do caso que apreciamos, opúsculo esse de que só muito tarde me chegou às mãos um exemplar, quando já não me era possível utilizá-lo de modo conveniente. Limito-me, portanto, a acentuar que, com referência ao importantíssimo episódio da correta versão poética ministrada pela entidade que se comunicava, o professor informa que no dia seguinte se dirigiu à Biblioteca Cívica de Nova York, para as necessárias indagações, e acrescenta:

"Comparando com o texto original as notas por mim tomadas, descobri nestas um erro, devido ou a ter eu entendido mal e escrito erroneamente uma letra chinesa, ou ao ter-se a própria "voz" enganado, quando recitou a poesia. Pois bem: na segunda sessão e antes que eu houvesse podido interpelá-la, a "voz" (usando o habitual fraseado chinês de auto desapreço), informou : "A noite passada, ao conversar, este desazado rústico caiu em erro. Com extrema freqüência, ai de mim! isso lhe acontece. Ele errou, numa correção a ser feita no texto poético. E esta a forma verdadeira da passagem a cujo respeito o ilustre erudito com quem falo pedira, ó meu parecer." Dito isso, deu a versão genuína, corrigido o sinal alfabético chinês onde se verificara o engano. Devo confessar que este incidente produziu em mim extraordinária impressão." (Loc. citada, pág. 48.)

Todo o que acaba de ser relatado diz respeito à primeira sessão a que assistiu o professor Whymant, que ainda noutras tomou parte, dando conta do que, nelas ai passou numa conferência que fez, em Dezembro de 1927, na sede

Acervo Virtual Espírita

do “National Laboratory of Psychical Research” e que a “Light” resumiu deste modo:

“Numa sessão posterior, o professor Whymant reatou suas conversações com a “voz” e, em dado momento, a entidade que se comunicava aludiu a “um trabalho que o doutor Whymant escrevera a serviço do povo mongol”. Ora, o fato era real; a “voz” se reportava a uma pequena gramática da língua mongólica, que aquele professor publicara, mas que passara absolutamente despercebida. Comentou ele, a propósito: “Ninguém me conhecia como autor de uma gramática mongólica”

Noutra sessão a que o Doutor Whymant não pudera estar presente, por adoentado, “K'ung-fu-T'zu” ai manifestou, tentando falar em inglês. Exprimiu-se num inglês seco, imperfeito, pedante, mas os assistentes chegaram a compreender que ele deplorava a ausência do professor. Na sessão seguinte, presente o Doutor Whymant, “K'ung-fu-T'zu” se manifestou de súbito e, omitindo as costumadas frases do cerimonial chinês, lhe observou: “A erva má da doença cresceu junto à tua porta”. O valor sugestivo dessa frase está no fato de constituir uma metáfora que freqüentemente se lê nos clássicos chineses mais antigos, porém, que já caiu em desuso entre os chineses modernos.

Aquela “voz”, que dizia ser Confúcio, exprimia-se num dialeto que havia longo tempo se extinguira no império chinês.O professor Whymant não se reconhecia em condições de afirmar taxativamente que esse dialeto fosse a língua foneticamente falada ao tempo de Confúcio, há 2.400 anos, visto não existir uma só pessoa na China que saiba de modo exato qual era a inflexão da linguagem falada em tão remotos tempos. Apenas sabemos como, mil anos depois de Confúcio, se pronunciavam 3.000 palavras, o que quer dizer que lhes conhecemos o valor fonético. Seja, porém, como for, após vinte cinco anos de pesquisas, conseguiu-se relacionar doze sons vocais, a cujo respeito se pode afirmar que sabemos positivamente de que modo os terão pronunciado os Chineses da época de Confúcio. Ora, é muito de notar-se que a “voz direta” usava precisamente estes sons vocais arcaicos...

Durante a conferência, foi proporcionado ao auditório ouvir um disco de gramofone, pertencente ao “National Laboratory”, em o qual Lorde Charles Hope conseguira gravar uma mensagem de Confúcio. Curiosa e singular impressão causava a voz do disco: parecia uma nota de flauta, cuja tonalidade se elevava e abaixava alternativamente. O professor Whymant a ouviu com grande atenção e informou que esse acontecimento fonográfico se dera numa sessão a que ele não assistira. Declarou que só por alto poderia interpretar aquela mensagem mediúnica, pois, infelizmente, a dicção não ficara bem impressa na chapa... Julgava, assim, prudente não se abalançar á lhe interpretar o significado geral, fiado apenas na fonética, para não ser acusado

Acervo Virtual Espírita

de se haver metido a adivinho. Acrescentou que, a interpretar-se a dita mensagem da, maneira por que ele pensava que se deveria fazer, o resultado seria de considerar-se espantoso.

Por fim, ponderou que o seu tema merecia investigado a fundo. Abstinha-se de emitir opinião, persuadido que estava de não se poder aventurar nenhuma, enquanto não estivesse tudo diligentemente analisado, apreciado e comprovado. Entretanto, cedendo ao desejo de pessoas amigas, decidira-se a divulgar suas próprias experiências, na lisonjeira esperança de que alguém mais competente do que ele encontrasse meio de examiná-las. Concluiu assim:

Os fatos expostos encerram uma grande questão a resolver-se, questão que urgentemente cumpre seja tomada em séria consideração.

Este o caso, verdadeiramente extraordinário, de "voz direta com xenoglossia" em língua chinesa, obtido pela mediunidade de Valiantine, caso que viria a reproduzir-se mais tarde, sob outra forma, graças à mediunidade da Senhora Margery Crandon, combinada com as de Valiantine e do Doutor Hardwick.

E' de tal natureza o caso com que nos vimos ocupando, que não há modo de não ser considerado resolutivo, no tocante à demonstração experimental da intervenção de entidades espirituais nas experiências mediúnicas, se bem não deixe de suscitar uma questão, ainda não suficientemente esclarecida, do ponto de vista da identificação pessoal de algumas dessas entidades espirituais, que afirmam ter sido em vida grandes personagens históricas. Dentro em pouco discutiremos essa questão complexa e embaraçosa; antes, porém, de fazê-lo, importa observemos que no caso em exame ela reveste, mais do que de ordinário, aspecto favorável a uma intervenção direta, ou indireta, da personagem que se manifestou, o que se reconhece, considerando que a aludida personagem chegou a apresentar, a seu próprio respeito, todas as provas de identidades possíveis de ser oferecidas por uma personalidade eminente, que viveu há 2400 anos.

Vê-se, com efeito, que se exprimiu com a fonética dificílima de uma autêntica personagem chinesa, num dialeto extinto há séculos, empregando os doze sons arcaicos que, ao demais, deveriam ser usados por uma personagem que vivesse na época de Confúcio. Vê-se que declinou prontamente os dois nomes pessoais que o distinguiam em vida, sendo que um deles, quase totalmente desconhecido dos próprios orientalistas, era simples cognome que lhe davam quando contava catorze anos. Vê-se que recitou integralmente uma poesia sua, restituindo-lhe a dicção original, que já em nenhuma parte existiam em conseqüência das deturpações perpetradas pelos copistas. Vê-se que não teve dificuldade em dar explicação inesperada e curiosa, porém racional, de uma metáfora empregada na poesia em questão, com referência a

Acervo Virtual Espírita

um cavalo que, de medo, mudara de cor. Vê-se que se congratulando com o professor Whymant, por se haver restabelecido de uma enfermidade, de outra metáfora se serviu, usual entre os clássicos de seu tempo, mas caída em desuso há muitos séculos. Ora, não se pode negar que, entre as provas enumeradas, algumas se contam altamente sugestivas e impressionantes. Há-se então de reconhecer, pelo menos, que nos anais do mediunismo outro caso não existe de uma grande e antiqüíssima personagem ter conseguido ministrar, sobre si mesma, tantas e tão importantes provas cumulativas e demonstrativas da sua presença real no lugar em que se produziu o fenômeno. Que pensar de tudo isso?

O prof. C. R. Mead, que assistia à conferência do professor Whymant, tomou depois deste a palavra, para dizer:

Estou apto a reconhecer neste episódio um caso autêntico de manifestação espirítica. Mais será mesmo necessário se admita a intervenção de Confúcio, em pessoa? Qualquer que ele tenha eido, o Espírito comunicante provou que é um profundo orientalista, ou um autêntico literato chinês.

Em prol da opinião do professor Mead, lembrarei que a personalidade mediúnica de "Imperátor" explicou sa rev. Stainton Moses que, quando se manifestam personalidades espirituais com os nomes de grandes filósofos, ou de personalidades eminentes que viveram em épocas remotas, deve ter-se, quase sempre, como certo que se trata de algum de seus discípulos, o qual, por não ser conhecido presentemente e não poder ministrar pormenores que permitam a sua identificação pessoal, a fim de não deixar de concorrer, conforme deseja, para dar aos vivos as provas positivas da existência de um mundo espiritual, ou de prodigalizar ensinos espirituais, se manifesta em nome e com o assentimento de seu grande mestre, uma vez que com este se acha espiritualmente em relação direta, pela lei de afinidade.

Também ponderarei que a explicação da personalidade mediúnica "Imperátor" concorda com a que deu a personalidade mediúnica "Walter" ao Doutor Richardson. Havendo-o este interpelado sobre a questão da presença real de Confúcio nas sessões a que ele assistia, "Walter" respondeu assim:

Quando "K'ung-fu-T'zu" se vos manifesta não é forçoso que ele esteja presente em pessoa. Entretanto, nas circunstancias em que se manifestou ao professor Whymant, por intermédio de Valiantine, o Mestre estava presente em pessoa. (Psychic Research, 1928, pág. 502.)

Daí se infere que, em regra, quando, nas sessões mediúnicas, se manifestam eminentes personagens históricas, não há pretender-se estejam elas presentes em pessoa. Infere-se igualmente que essa regra, aplicável também a Confúcio nas experiências com a médium Margery, já se não deve

Acervo Virtual Espírita

considerar aplicável às conversações de Confúcio com o professor Whymant, às quais aquele teria estado presente em pessoa.

Como quer que seja, apontarei outra explicação dada sobre a questão de que tratamos e que poderia considerar-se complementar da que ficou exposta acima. Deu-a uma entidade espiritual, que se comunicou por Mrs. Duffey. Disse que, uma vez morta, logo que lhe foi concedido, cuidou de assistir às sessões mediúnicas do grupo que em vida freqüentara. Da longa e instrutiva narração que fez dessa sua experiência espiritual, extraio o trecho seguinte:

... Ao médium eram transmitidos ensinamentos e conselhos de suma sabedoria, que não pareciam indignos das mais excelsas esferas espirituais. Quando, porém, foi dado o nome de quem se manifestava, nome ilustre nos anais da literatura, tendo aquele que o trouxera passado à vida espiritual antes da última geração humana, senti-me uma vez mais tomada de profunda desilusão, porquanto bem via que aquele Espírito não estava presente. Sabia, ao contrário, que já ele ascendera a uma esfera donde os Espíritos raramente voltam a manifestar-se aos humanos. Mas, então, se até os melhores médiuns eram vitimas de Espíritos mistificadores, que confiança se poderia depositar nas comunicações mediúnicas ? "Margarida" (seu Espírito-guia), que me vigiava, ao perceber o meu pensamento, apontou com a mão para alguma coisa, ao mesmo tempo em que me dizia: "Olha!" Dirigi o olhar para o ponto indicado e observei, ou, melhor percebi (pois que não temos o que ai se chama à visão) uma sucessão de filamentos luminosos que, passando de um Espírito a outro, de uma a outra esfera, tinham servido de fio transmissor, ao mundo dos vivos, do pensamento que brotara em altas esferas espirituais. O! quão maravilhosos se me afiguravam então aqueles filamentos luminosos, que tinham o poder de vincular os humanos às elevadas esferas da espiritualidade, formando, com estas e aqueles, um só Todo, uma família só do universo espiritual! (MRS. BUFFEY - Heaven Revised, pág. 86.)

Julguei oportuno citar estas explicações, dadas por personalidades mediúnicas, acerca da questão em foco, sobretudo porque são explicações que ajudam a compreender; depois, porque, no caso, pouco importa que os comunicantes, de par com as explicações ministradas, hajam ou não oferecido provas exaustivas de identidade pessoal. O que importa é que seus esclarecimentos se demonstrem espiritualmente racionais e aceitáveis. Ora, não se pode negar, nos dias atuais, quando assistimos às maravilhas da "telegrafia sem fio" e da "radiofonia", que tais elucidações, afins com as desses fenômenos, também são cientificamente legítimas e aceitáveis.

Isto posta e desde que se queira resolver a questão do ponto de vista espiritualista, é manifesto que o episódio referido prova a intervenção, nas experiências mediúnicas, de entidades espirituais independentes do médium e

Acervo Virtual Espírita

das pessoas que assistam às manifestações, porquanto não se consegue elucidar o fato por meio de nenhuma das hipóteses naturalísticas até agora alvitradas para explicar os fenômenos de xenoglossia.

Resultará sumamente instrutivo demonstrá-lo, de forma amplamente genérica, recorrendo ao método de enumerar as várias hipóteses sucessivamente propostas pelos opugnadores, à medida que os fenômenos de xenoglossia se complicavam, tornando-as insustentáveis, uma após outra.

Quando, por exemplo, a médium do professor Flournoy ditou frases e proferiu palavras em língua "sânscrita", frases e palavras de sentido concordante com a personalidade que se manifestava, aquele professor, tendo descoberto que muitos anos antes ela visitara outro professor em cujo gabinete havia uma gramática "sânscrita", concluiu daí que a aludida médium folheara distraidamente essa gramática, da qual depois se esquecera conscientemente, ficando-lhe, entretanto, registradas indelevelmente na subconsciência as frases lidas. Aconteceu então que, um belo dia, a sua subconsciência deu para entornar sobre os experimentadores aquelas frases, numa circunstância propícia, quando ela personificava uma princesa indiana (criptomnésia). Semelhante explicação dos fatos foi tida universalmente por boa e não mais se discutiu o interessante episódio. Fácil, no entanto, fora mostrar que as frases sânscritas ditadas e proferidas pela médium apresentavam sentido correlato às circunstâncias, o que significa que se tratava de uma linguagem empregada para exprimir o próprio pensamento e não simples frases baldas de sentido, pescadas ao acaso numa gramática. Esta observação teria bastado para demolir á hipótese em questão, mas ninguém a formulou, de sorte que os opugnadores, em boa fé, acreditaram haver triunfado da dificuldade que de súbito surgira, a lhes transtornar as sofísticas interpretações.

Hodiernamente, porém, um pouco por toda parte, fenômenos de "voz direta" se deram, em que as personalidades mediúnicas se exprimiam positivamente em línguas e dialetos que os médiuns de todo ignoravam, embora as conhecessem os experimentadores com quem as vozes conversavam. Em presença de tais manifestações, a impotência da "criptomnésia" se tornou a todos evidente e irreparável o seu desbarato. Mas, no campo adversário, logo correram ao arsenal à procura de outra hipótese de maior amplitude, e uma apareceu segundo a qual o médium surrupiava habilmente a língua, em que falava, da subconsciência do consultante. Aos propugnadores dessa hipótese, respondeu o escritor destas linhas, demonstrando-lhe a absurdidade. Valeu-se para isso de dois argumentos, com efeito, decisivos: um, que a estrutura orgânica de uma língua é pura abstração e que, portanto, não pode ser vista, nem percebida em cérebro alheio; o outro,

Acervo Virtual Espírita

que algumas experiências especiais, de natureza hipnótico sonambúlica, demonstram, baseadas em fatos, que a prática desmente a teoria.

Opositores houve que compreenderam a força de tais argumentos e, então, sutilizando mais do que nunca, tentaram contornar a dificuldade, mediante a propositura de outra hipótese de latitude ainda maior, segundo a qual se deveria presumir que, em tais conjunturas, o experimentador conversa com a própria personalidade subconsciente exteriorizada. Também dessa vez, o mesmo escritor mostrou inadmissível o peregrino achado, porquanto, para que alguém exteriorize e vitalize o próprio "duplo", necessário é que seja médium de alta potencialidade, como inevitável é que quem se "desdobra" passe ao estado de sono mediúnico. Ora, não eram "médiuns" os numerosos consultantes que haviam conversado com personalidades mediúnicas, em línguas que o médium ignorava, logo não podiam desdobrar-se. Por outro lado, não caíam em sono, logo não estavam desdobrados. Também estes argumentos são irrefutáveis, mas não creio tenham bastado para debelar o misoneísmo de alguns opositores.

Por felicidade, a cortar cerce as discussões inúteis, manifestaram-se "vozes diretas" a falar em línguas que os médiuns e os presentes ignoravam. Eram, finalmente, os próprios fatos que se encarregavam de demonstrar, inapelavelmente, aos opositores, que a subconsciência do médium se conservava estranha aos fenômenos de "xenoglossia" , que ainda mais estranha a esses fenômenos permanecia a subconsciência dos assistentes e que a engraçada hipótese do consultante desdobrar-se e conversar com a própria subconsciência exteriorizada não passava de fábula para crianças.

Dessa vez, em suma, chegara-se a provar, de modo decisivo, baseado em fatos a prova, que as hipóteses engendradas com tão grande fertilidade inventiva pelos "Animistas a todo transe" eram nada mais que graciosas, notavelmente fantásticas, destituídas de qualquer fundamento na prática. Ora, como assim sempre o pensaram e demonstraram os propugnadores da hipótese espirítica, grato me é esperar que esse atestado soberano, por eles dados de bom senso prático, sirva, ao menos, para ensinar alguma coisa aos opositores. Isto, por exemplo: que o método, que mais lhes agrada, de forçarem constantemente a capacidade explicativa das hipóteses legítimas, até a extremos absurdos e impossíveis, é anticientífico, errôneo, ultra-sofístico, pois que o desmentem as modalidades com que os fatos se produzem; que, por conseguinte, dariam eles prova de verdadeira sabedoria, renunciando, de futuro, o semelhante método, em honra à seriedade das pesquisas metapsíquicas e ao senso comum. Por ora, entretanto, se alguém formula objeções justas contra a ampliação enorme que os opositores imprimem às hipóteses da "criptomnésia", da "paramnesia", da "criptestesia", da

Acervo Virtual Espírita

"telepatia", das "personificações subconscientes", eles invariavelmente respondem com o habitual argumento errôneo de que, "não sendo possível marcarem-se limites às faculdades supranormais subconscientes, legítimo é se lhes force a capacidade explicativa, mesmo a extremos inverossímeis, antes que se recorrer a hipóteses que pressuponham intervenções extrínsecas". Pois bem: já se viu que em casos análogos ao aqui considerado, do qual, precedentemente, foram citados outros eficacíssimos exemplos, os fatos se incumbem de circunscrever nos devidos limites à capacidade explicativa das faculdades e das potencialidades subconscientes. A esse propósito, deve agora se observar que o mesmo fato se verifica com qualquer outro ramo da metapsíquica, desde que se tenha a constância de analisar e comparar um número conveniente de episódios. Fica, pois, entendido que o suposto argumento justificativo, que os opositores apresentam, é sofístico e insustentável, que as faculdades supranormais da subconsciência podem muitíssimo bem se delimitar, quanto à capacidade explicativa que possuem, e que absolutamente não se pode deixar de admitir as intervenções extrínsecas, na interpretação sintética das manifestações metapsíquicas.

Volvendo ao episódio que vinha sendo apreciado, notarei, antes de tudo, que ele deve classificar-se entre os casos de "xenoglossia" em que todos os presentes ignoram a língua em que fala a entidade que se comunica, pois que, na sessão em que se usou de um disco de gramofono para registrar uma mensagem de Confúcio, não se achava presente o professor Whymant. Está, portanto, entendido que, também para o caso em apreço, fica praticamente excluída toda possibilidade de o "médium" haver tirado a língua chinesa da subconsciência do consultante, ou de haver este conversado em língua chinesa com a própria personalidade subconsciente exteriorizada.

Nessas condições, cumpre se assinale a grande importância teórica, no sentido espiritualista, de outra circunstância: a da entidade mediúnica, que se dizia Confúcio, recitar integralmente uma poesia que Confúcio publicara em vida e dar-lhe a verdadeira dicção, de maneira a lhe restituir o sentido que perdera. Já tive ocasião de lembrar, a propósito, a cômica historieta de um crítico espírito fobo norte-americana, que pensou resolver o embaraçoso problema, sentenciando que a personalidade subconsciente de Valiantine se transportara à China, subtraíra à subconsciência de algum literato chinês a dicção exata da poesia e voltara fulminantemente à pátria, a servi-la quente, quentezinha aos experimentadores. Ora bem: mesmo quando se queira admitir, por um momento, essa hipótese tola, a título de extrema concessão à fervida fantasia dos opositores, ainda em tal caso semelhante hipótese seria inaplicável ao episódio de que tratamos, porquanto não existem na China, como em nenhuma parte do mundo, literatos chineses ou orientalistas que

Acervo Virtual Espírita

conheçam a dicção original daquela poesia, do mesmo modo que nenhum existe que haja proposto uma dicção suficientemente inteligível da aludida poesia. O único que tentou esclarecer-lhe o significado, sem contudo se afastar das palavras do texto, foi o professor James Legge e a tradução inglesa da dita poesia - publicada na revista "Psychic Science" - é precisamente a desse mesmo professor, tradução essa que, porém, se mostra ainda obscura e nada tem de comum com a dicção verdadeiramente espontânea, racional, original, oferecida pela entidade que se dizia Confúcio. Repito, pois, que nem mesmo a fantástica hipótese do critico norte-americano bastaria, para explicar o importantíssimo fenômeno.

Decorre daí que tal incidente, considerado em combinação com o outro do Espírito comunicante haver falado a língua chinesa na ausência de qualquer pessoa conhecedora desse idioma, leva à conclusão de que, para explicar-se à gênese de tão perturbadoras manifestações, forçoso será admitir-se a real intervenção de uma entidade espiritual de defunto, que, em vida, haja conhecido a língua chinesa e a poesia de Confúcio. Em suma, tudo concorre a demonstrar que tinha razão o professor Mead, ao ponderar que, se a entidade que se manifestou não era Confúcio, teria então que ser a de um profundo orientalista europeu, ou a de um literato do Celeste Império. Todavia, essa opinião precisava ser completada pela observação de que, em tais circunstâncias, o literato ou o orientalista devem ter vivido numa época em que a poesia de que se trata era conhecida na sua dicção original. A querer-se excluir essa ocorrência, dever-se-ia então dizer que, se a personalidade mediúnica de que se cogita logrou cumprir a sua alta missão de proporcionar aos vivos uma ótima prova de sobrevivência, foi porque se achava em estado de "relação psíquica" com a elevada entidade espiritual de Confúcio.

E basta, com relação ao episódio de "xenoglossia" chinesa. Resta comentar ligeiramente o outro episódio análogo, em que uma entidade, cujo grato conhecimento fizemos nas sessões experimentais de Milésimo: o "Espírito-guia" Cristo d'Angelo, se exprimiu em língua italiana e dialeto siciliano.

Como fizemos notar noutra ocasião, ainda antes que o marquês Centurione fosse a Londres, para assistir a algumas sessões experimentais com o Valiantine, já Cristo d'Angelo se manifestara naquelas sessões, exprimindo-se em língua italiana, língua que todos os presentes ignoravam. Como, porém, ninguém ali o entendesse, teve que se resignar a ministrar provas da existência independente da sua individualidade espiritual, cantando estrofes de canções populares da Sicília, até à chegada do marquês Centurione, que lhe tornou possível exprimir com liberdade seus pensamentos.

Acervo Virtual Espírita

Agora, a propósito destas últimas experiências em Nova York, se vem a saber que o mesmo Cristo d'Angelo, continuando a ignorar a língua inglesa, de modo a não conseguir sequer compreendê-la, pôs suas esperanças numa senhora espanhola, de quem lograra fazer-se compreendido e a quem compreendia, em virtude da grande afinidade que há entre as línguas italiana e espanhola. Nada obstante, acabou, como se há visto, por exortá-la a praticar a língua italiana, para poderem os dois conversar mais facilmente. Não há quem não veja que essas particularidades têm imenso valor teórico. Pondere-se, com efeito, em que Cristo d'Angelo, o humilde pastor siciliano, além de não conseguir falar outra língua senão a própria, também não chega a compreender a inglesa, embora, seja esta a língua materna do seu médium, e reconhecer-se-á a existência aí de uma eloquentíssima prova negativa, que basta por si só para determinar a mais rumorosa bancarrota da hipótese das "personificações subconscientes". Quem, de fato, poderia imaginar uma "personalidade subconsciente", brotada da mentalidade de um "médium" norte-americano, que não logra compreender o pensamento do próprio "médium", porque este se exprime na sua língua materna? E, inversamente, quem poderia imaginar que um "médium" não chegue a compreender o pensamento da própria personalidade subconsciente exteriorizada, porque esta se exprime numa língua estrangeira, que ele não conhece? Convenhamos : não se poderia, conceber prova mais decisiva do que esta, para demonstrar que a hipótese das "personificações subconscientes" é inaplicável a grande número de personalidades mediúnicas, ou, por outras palavras, não se poderia conceber prova melhor do que esta para de demonstrar que a personalidade mediúnica de Cristo d'Angelo é absolutamente independente da personalidade psíquica do "médium" Valiantine.

Posto isto e a título de conclusões gerais, acentuaremos que, com os comentários feitos ao episódio de Confúcio, quisemos tornar evidenciado o fato de que todas as hipóteses que até agora hão formulado os opositores, com o objetivo de atribuir-se à subconsciência do "médium" e dos assistentes à inteligência e os conhecimentos de que dão mostras às personalidades mediúnicas, são definitivamente desmentidas e desbaratadas pela circunstância de falarem, as personalidades mediúnicas aqui consideradas, línguas que o "médium" e os presentes ignoravam, acrescendo que, no aludido episódio, ocorreu o incidente complementar e altamente sugestivo de uma personalidade mediúnica, que se dizia uma personagem chinesa, fornecer a dicção correta de uma poesia chinesa, publicada em vida da mesma personagem, mas ignorada de qualquer pessoa atualmente viva.

Com os comentários opostos ao episódio de Cristo d'Angelo, quisemos especialmente pôr em relevo o fato de que a hipótese das "personalidades

Acervo Virtual Espírita

subconscientes", legítima nos limites que lhe competem (determinados pelos fenômenos das "objetivações dos tipos", por sugestão hipnótica), não pode certamente aplicar-se à personalidade mediúnica aqui considerada, que não só se exprime numa língua e num dialeto que o "médium" e os presentes ignoram, mas, sobretudo, não consegue falar, nem compreender a língua materna do "médium". Penso que, diante de tais provas irrefragáveis, os próprios opositores hão de convir em que, desta vez, foram rechaçados para os antípodas de todas as hipóteses explicativas naturalísticas, segundo as quais - repito - as personalidades mediúnicas teriam que ser, em massa, tidas como simples "personificações subconscientes", dependentes da subconsciência do "médium" e dos presentes, quanto à inteligência, quanto ao saber e, ainda, quanto às particularidades pessoais que revelem.

Assim sendo, uma interrogação surge espontânea: Que mais se poderia exigir, de um ponto de vista rigorosamente científico, para reconhecer-se que as personalidades mediúnicas que temos considerado são, pelo que respeita à intelectualidade, independentes do "médium" e das pessoas presentes ? - Não o sei e, por conseguinte, espero que os opositores me digam.

CATEGORIA IV

Casos de xenoglossia por meio da "escrita direta"

Com relação ao conjunto dos casos aqui considerados, o fenômeno da "escrita direta" não é precisamente esse que todos conhecem e que consiste na obtenção de escritos ou mensagens grafados a distância, em folhas de papel rubricadas com as firmas dos experimentadores e colocadas, com um lápis, no meio do grupo formado por estes últimos. Também não é o que consiste na obtenção de escritos ou mensagens no interior de duas lousas emolduradas, sobrepostas e pregadas umas a outra. No nosso caso, trata-se, ao contrário, de mãos materializadas, que escrevem diretamente suas mensagens, ou de fantasmas, também materializados, que fazem o mesmo.

Naturalmente, raros são os casos dessa natureza e, ao demais, os poucos que se conhecem são familiares a quem quer que se ocupe de metapsíquica. Contudo, não posso deixar de citá-los, em breves resumos.

Caso XXXII - Referirei um só episódio do gênero, tomando-o às clássicas e sabias experiências do banqueiro norte-americano F. Livermore, com a médium Kate Fox, experiências em que a defunta esposa do experimentador se materializou e escreveu repetidas vezes, entre outras coisas, longas mensagens ao marido, na língua francesa. Advirto que, no episódio a

Acervo Virtual Espírita

que me reporto, o relator esqueceu de repetir a sua habitual informação de que se trata de uma mensagem dada em francês.

Livermore experimentava no seu próprio gabinete, quase sempre a sós com a médium, cujas mãos ambas mantinha constantemente seguras pelas suas, produzindo-se os fenômenos à claridade suficiente de globos luminosos, de origem mediúnica.

A narrativa do episódio transcrevo-a do copioso resumo que dos relatos originais de Livermore fez Epes Sargent, no livro: "Planchette, The dispair of Science", pág. 62. Refere Livermore:

Agosto, 18, de 1861. (8 horas da noite) - Presentes à médium e eu. Atmosfera cálida e pesada. Como sempre, examinei cuidadosamente o aposento, fechei a porta com duas voltas da fechadura, pus a chave no bolso è me dispus a inteirar-me de tudo.

Após cerca de meia hora de tranqüila expectativa, vimos surgir do solo volumosa luz esferoidal, envolta em véus, a qual, depois de se elevar ao nível das nossas frontes, foi pousar sobre a mesa...

Atravessou-me a mente a idéia de que aquela reunião fora concertada com fins especiais e que, portanto, eu não devia esperar manifestações da parte de minha mulher. Mal me acudira ao cérebro esse pensamento vi a luz elevar-se, tornar-se brilhante, ao mesmo tempo em que diante de mim aparecia uma cabeça coberta por uma coifa branca, ornada, em volta, de fitas e rendas. Era uma cabeça destituída de semblante, pelo que perguntei qual o significado daquela manifestação. Por meio de pancadas, foi-me respondido: "Como quando estava enferma". Então, compreendi! A coisa que eu via era reprodução exata de outra, que minha mulher usou durante a enfermidade que a extinguiu!...

Levara comigo algumas folhas de papel maiores do que as usuais, diferentes em tudo das que entregara anteriormente, e às quais apusera sinais particulares. Coloquei-as sobre a mesa, donde alguns minutos depois foram tiradas, para reaparecerem próximas do chão, a três ou quatro polegadas do tapete. Não me era dado ver de modo preciso o que ocorria, porque a luz apenas iluminava brilhantemente a superfície da folha de papel sobreposta às outras, irradiando para os lados até três ou quatro polegadas de distância; ou, mais exatamente, porque só a folha de papel formava centro de luz espirítica, medindo um pé de diâmetro todo o espaço iluminado de súbito, sobre aquela folha de papel pousou uma mão imperfeitamente conformada, segurando entre os dedos a minha pequenina lapiseira de prata, e entrou a mover-se horizontalmente por cima do papel, da esquerda para a direita, à guisa de quem escreve. Quando chegava ao extremo de uma linha, volvia atrás e principiava outra. Fomos exortados a não observar com muita insistência o

Acervo Virtual Espírita

fenômeno, a fazê-lo por poucos instantes de cada vez, a fim de não perturbarmos com o nosso olhar a força em ação. Como o fenômeno durou quase uma, hora, essa advertência não obstou às nossas observações. Apenas, durante curto tempo, a mão que escrevia se mostrou normalmente conformada, reduzindo-se depois a um amalgama de substância escura, de proporções menores do que as de uma mão comum. Continuava, todavia, a dirigir o lápis e, quando chegou à borda inferior da folha de papel, virou-a e prosseguiu, escrevendo do outro lado, a partir do alto. Terminada a manifestação, as folhas que eu fornecera, por mim assinalada, me foram entregues, cobertas, dos dois lados, de finíssima caligrafia... Parece claro que, nas circunstâncias descritas, não havia possibilidade de engano, desde que se atente em que às minhas estavam presas as duas mãos da médium; em que a porta fora fechada à chave, achando-se esta no meu bolso, e que eu tomara previamente todas as possíveis medidas de precaução.

Como se vê, o banqueiro Livermore sabia premunir-se contra as possibilidades de equívoco. Mas, de todas as medidas que tomou com esse escopo, uma há que vale por si só para excluir qualquer sorte de fraude, a de ter constantemente ambas as mãos da médium seguras pelas suas. Evidente se faz que, em tais condições, a fraude é impossível, sobretudo se considerar que ele experimentava em sua casa e que os fenômenos se produziam a uma luz suficiente, as mais das vezes de origem mediúnica, algumas, porém, de origem terrena, dada por uma vela de cera, ou por uma lanterna de vidros opacos.

Farei notar que as medidas de controle acima enumeradas tiveram a confirmá-las o testemunho de quatro outros experimentadores ocasionais, entre eles o Doutor Gray e o céptico Senhor Grote.

Do ponto de vista em que nos colocamos, poder-se-ia objetar que a língua francesa é muitíssimo e universalmente conhecida, para constituir boa prova de "xenoglossia". Julgo, porém, infundada essa objeção, porque, ignorando totalmente a médium, como ignorava, a língua francesa (do que ninguém pode duvidar, tendo em conta suas origens humildes numa aldeia norte-americana), o fenômeno poderá impressionar menos do que outro em língua chinesa, árabe ou turca, mas, praticamente, tem o mesmo valor. Além disso, importa não esquecer que, desta vez, não era a médium quem escrevia numa língua que ignorava, porém, uma mão materializada, distante dela um metro, visível à claridade de uma luz, além disso mal conformada e que, por fim, se reduziu a um pequeno amálgama de substância fluídica, importante transformação fenomênica esta, por não poder ser imitada fraudulentamente. Essas modalidades de exteriorização da mensagem, numa língua que a médium ignorava, o valor teórico do fenômeno em si mesmo, indicando de modo claro a sua gênese espirítica.

Acervo Virtual Espírita

Disse eu que os fenômenos, por vezes, se produziam a uma de uma vela de cera, ou sob o feixe luminoso de uma lanterna de vidros opacos. A este propósito, não me posso esquivar a reproduzir aqui as considerações que, doutra feita, as memoráveis sessões de que se trata me sugeriram, quando era de Benjamin Franklin o fantasma que se materializou. Essas considerações se encontram no meu livro "Em Defesa do Espiritismo", pág. 151. Manifestei-me então assim:

Cumpre assinalar o fato altamente sugestivo de o Espírito de Franklin, após haver conseguido fazer-se visível à luz de uma vela de cera - o que quer dizer: a uma luz terrena, tão prejudicial às formas materializadas - ainda transmitir a seguinte mensagem: "Caros filhos, depois denta outra prova, poderá mundo ainda duvidar? E' para convencê-lo que trabalhamos tanto." - Em seguida após ter permitido que o feixe luminoso de uma lanterna opaca lhe caísse em cheio sobre a figura, desintegrando-a e dissolvendo-a rapidamente, ditou esta em outra mensagem : "Também isto, meu filho, é a benefício da Humanidade. Com esse objetivo é que a isto me presta e trabalho."

Que melancólicas reflexões estas nobres palavras suscitam! Por elas, com efeito, se verifica que o fantasma de Benjamin Franklin, materializado, já no, ano de 1861 julgava que as provas, por ele próprio ministradas, para demonstrar a sobrevivência do espírito humano, deviam ser racionalmente bastantes a afastar dos vivos toda dúvida acerca do além-túmulo, e ai vê, ao mesmo tempo, que ele e os Espíritos que o secundavam se submetiam ao duro labor de se manifestarem e materializarem, unicamente para dar ao mundo aquela capital prova. Não há negar que toda a série das experiências em apreço, efetuadas durante cinco anos, deveriam racionalmente bastar a fornecer a prova da sobrevivência do espírito humano.. Mas, ao contrário, transcorridos que são 65 anos da época de tão memoráveis experiências, não só o mundo ainda não está, convencido, como, no círculo mesmo dos que pesquisam as manifestações metapsíquicas, mais do que nunca, se continua a discutir a esse respeito, não obstante o imponente acervo que se formou de outros fatos tão maravilhosos, quanto os que a personalidade espiritual de Benjamin Franklin produziu. Tem-se, portanto, de reconhecer que ele se fiou demais nas faculdades racionais do homem, não levando em consideração que essas faculdades não raro se entenebrecem, com a caligem dos preconceitos, assim como, de modo especial, com o misoneísmo inerente aos homens de ciência, misoneísmo que os dispõe sempre a acolher qualquer hipótese gratuita e absurda, que se lhes harmonize com os preconceitos, e a repelir cegamente uma verdade manifesta e indubitável, desde que vá de encontro àqueles mesmos preconceitos. Benjamin Franklin também não levou em conta que a

Acervo Virtual Espírita

chamada “credulidade dos incrédulos” é muitíssimo mais cega e tenaz do que a “credulidade das almas simples”, de tal maneira que, para a combater e vencer, não bastam os fatos, não bastam os processos científicos da análise comparada, aplicados o grande número de fatos, não basta a admirável convergência de todas as provas, no sentido da interpretação espiritualista dos ditos fatos. - Que é mais, então, que reclamam? Isto: a obra do tempo, que só ele pode ser e é capaz de lhes dominar a resistência. Demonstra-o por mil formas a história dramática de todos os precursores. Dentro de um século, a humanidade civilizada reconhecerá, sem mais a discutir, a grande Verdade, que tantas amarguras ainda custa aos que a propugnam.

Caso XXXIII - No episódio que se segue, a mão materializada escreveu uma mensagem em grego antigo, língua que o médium, que era Slade, ignorava.

Tomo-o a uma monografia de Gabriel Delanne, publicada na “Revue Scientifique et Morale du Spiritisme” (1910, pág. 2). O experimentador e narrador foi o conhecido diplomata norte-americano Robert Dale Owen, autor de duas obras clássicas sobre os fenômenos mediúnicos. Escreveu ele:

Segunda-feira, 9 de Fevereiro de 1874, às 7 1/2 da noite, fui ter com o médium Slade, Fourth Avenue, 413, em Nova York, e o encontrei só.

Realizamos uma sessão de que eu lembrarei por toda a vida. Efetuamo-la numa saleta, com as portas fechadas à chave, sendo eu o único assistente. Um bico de gás suspenso sobre a mesa tornava nitidamente visíveis todos os objetos que havia no aposento. A mesa, junto à qual nos sentamos, media cinco pés de comprimento e dois e meio de largura. Slade ocupou uma das cabeceiras, ficando eu de um dos lados. As mãos do médium se conservaram sobre a mesa, durante a sessão toda.

(Prossegue o relator, informando que, a conselho de Slade, ele pôs sobre os próprios joelhos uma lousa por cima da qual colocou uma folha de papel, depois de tê-la examinado atentamente, aproximando-a da chama do gás. Em seguida diz):

Passados alguns minutos, percebi ligeiro toque num dos joelhos, o que me fez aguçar ainda mais a atenção, visto que, positivamente, se tratava do toque de uma mão. E eis que surge uma mão, trazendo entre os dedos o lápis que eu depusera sobre a mesa. Avançou lentamente por sobre os meus joelhos e elevou-se para cima da lousa. Era mão de mulher, mas parecia feita de mármore estatuário, tendo os dedos delicadamente afilados e modelados. Apresentava-se destacada, terminando, à altura do pulso, por uma nuvenzinha fluídica. Começou a escrever da metade da folha e continuou sob as minhas vistas, por dois ou três minutos. Quando chegou ao fim da página, parou e deslizou suavemente para debaixo da mesa, levando consigo o lápis.

Acervo Virtual Espírita

Cinco minutos transcorreram sem que fenômeno algum se produzisse. Depois, apareceu outra mão notavelmente maior do que a primeira, mas semelhante a esta pela brancura marmórea e elegância da forma. Aproximou-se da folha de papel e começou a escrever na parte superior, levando a fazê-lo tanto tempo quanto a precedente. Em seguida, por sua vez, desapareceu debaixo da mesa. Tive ensejo de contemplá-la muito melhor do que à primeira, por isso que escreveu fora da sombra do móvel, o que quer dizer - á plena luz do gás...

Quando me foi possível examinar aqueles dois escritos, cujo traçado eu observara à medida que se ia desenvolvendo, verifiquei que a primeira mensagem estava assinada pela defunta mulher da Slade e fora escrita em inglês. A segunda, grafada na parte superior da folha de papel, tinha o título seguinte, em inglês: Lei de amor (S. Mateus, 43:45) , mas fora escrita em grego antigo.

Os meus conhecimentos da língua grega, já muito rudimentares quando deixei o colégio, se haviam restringido ainda mais, após meio século de completo abandono, de maneira que só com grande esforço mnemônico logrei compreender uma que outra palavra isolada. Dirigi-me a dois dos melhores grecistas da Universidade de Harvard e fui informado de que se tratava, realmente, salvo alguns acentos e algumas virgulas, de um grego corretíssimo, em que eram citados três versículos do Evangelho de S. Mateus, versículos cuja tradução reproduzo:

- “43”.Ouvistes que foi dito: Ama o teu próximo e odeia o teu inimigo.

- “44”. Mas, eu vos digo: Amai os vossos inimigos, bendizei dos que vos maldizem, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos fazem mal e vos perseguem;

- “45”. A fim de que sejais filhinhos de vosso Pai, que está nos Céus e que faz se levante o sol sobre os bons e sobre os maus e que chova sobre os justos e sobre os injustos. Esta é a verdadeira “Lei do Amor”.

Conclui Dale Owen o seu relato por estas palavras:

Não faço comentários. Apenas lembrarei aos leitores que a sessão se realizou em plena luz; que, do principio ao fim da mesma sessão, a folha de papel esteve em meu poder e que ainda a conservo; que, por demonstrar a autenticidade dos fatos, posso aduzir o testemunho de dois sentidos: o do tato e o da vista, sendo o deste último verdadeiramente decisivo.

Ante a personalidade eminente do relator e as condições de luz em que os fenômenos se desdobraram, não vem, com efeito, ao caso perder tempo em discutir a autenticidade dos fatos. A quem quer que tenha experiência pessoal dos fenômenos de materialização não passará despercebida a observação de Dale Owen: “Era uma mão feminina, mas parecia , de mármore estatuário.”

Acervo Virtual Espírita

Em verdade, é precisamente assim. Essa particularidade testifica a genuinidade do fenômeno, dado que as mãos materializadas, isoladamente, se apresentam de marmórea brancura e, se não se movessem, se não tocassem, se não palpassem, se não apertassem e não escrevessem, dir-se-ia serem mãos de estátuas. Quem isto escreve já teve oportunidade de fazer idêntica observação, também a propósito de fantasmas materializados e vistos à plena luz de uma chame de gás, com véu Auer, numa sessão inolvidável com Eusápia Paladino, sessão a que assistiu o professor Henrique Morsélli. Os fantasmas se materializavam na obscuridade do gabinete, para, em seguida, mostrarem-se em plena luz, movendo-se e atuando. Seus semblantes pareciam animados e vivos, porém, do mesmo modo que as mãos, eram de uma brancura de estátua. Faço notar que, simultaneamente, se viam os fantasmas e a médium, atada, pelo professor Morsélli, de mãos, pés e cabeça, a uma boa maca de campanha:

Volvendo ao fenômeno de xenoglossia que estamos considerando, observarei que desta vez se trata de uma transcrição do texto grego do Evangelho de S. Mateus, o que traz à mente análogo fenômeno anteriormente relatado e ocorrido com o professor Richet. Nesse caso, tratava-se de frases gregas, tiradas de dicionários e livros em grego; mas, que se adaptavam à situação do momento. Neste outro, o mesmo se dá, pois que a personalidade que se comunicava indicou, em inglês, qual o tema a que se ia reportar, "A Lei do Amor", para em seguida citar os três versículos do Evangelho, onde se acha desenvolvido o tema previamente anunciado. Deve-se daí concluir que em ambos os casos as personalidades que se comunicaram conheciam o significado das frases gregas que reproduziram, ao mesmo tempo em que, nos dois, os médiuns desconheciam o grego. A querer-se explicar o fenômeno por meio dos poderes da subconsciência - os quais, no nosso caso, seriam os da "leitura à distância em livros fechados" (telestesia) - ainda restaria saber como é possível que a subconsciência de dois médiuns, ignorantes da língua grega, haja podido escolher a distância, em livros gregos, frases adaptadas ao que tinham em vista, critério este de escolha que subentende o conhecimento, por parte deles, dos respectivos significados. Como se hão de conciliar tais conclusões com o fato de os dois médiuns ignorarem a língua grega? - E' manifesto que semelhante conciliação se torna impossível, desde que se pretendam explicar os fatos pelos poderes da subconsciência, ao passo que será perfeita, desde que se admita a intervenção de entidades espirituais extrínsecas aos médiuns. Poderia parecer arbitrária esta última interpretação, se não existissem outras modalidades do fenômeno de xenoglossia. Como, porém, existem em grande número fenômenos desse gênero, exclusivamente interpretáveis por meio da hipótese espirítica, segue-se que nada tem de

Acervo Virtual Espírita

arbitrária a sua aplicação aos casos aqui considerados; que, ao contrário, ela constitui uma interpretação sintética do conjunto dos fatos.

Caso XXXIV - A propósito do caso de que passo a tratar, devo, mais do que nunca, recordar o que disse na introdução desta monografia, relativamente ao embaraço em que me achei para ordenar a presente classificação, embaraço esse derivante da circunstância de que bom número de casos clássicos de xenoglossia são familiares a quem é versado em metapsíquica. Entretanto, não me era possível deixar de considerá-los nesta primeira classificação dos fenômenos de tal natureza.

Assim sendo, os muitos leitores que já conheçam o caso do fantasma materializado de "Nepentes", ocorrido com a mediunidade de Elisabeth D' Esperance, não terão mais que saltar as poucas páginas em que ele é aqui reproduzido.

Já o tendo citado, por minha conta, duas vezes, noutros trabalhos meus, só me resta transcrever, neste passo, o relato que dele fiz no livro "Em Defesa do Espiritismo", aditando-lhe novos comentários.

A página 153 do livro citado, exprimi-me nestes termos:

Prosseguindo em nossa exposição dos casos notáveis de fantasmas materializados, ponderarei que o terceiro episódio clássico do gênero é o da celestial "Nepentes", fantasma que se apresentou durante uma série especial de experiências com a mediunidade de Mrs. D' Esperance. Foi então que se produziu um famoso incidente, teoricamente importantíssimo, o do fantasma, que afirmava ter vivido na época heróica da Grécia antiga, escrever, de próprio punho, uma mensagem em grego antigo, no canhenho de um dos experimentadores. A circunstancia de todos os presentes ignorarem a língua grega antiga aumenta, de muito, o valor teórico desse incidente.

Todos conhecem as origens dessas sessões célebres. Um grupo de experimentadores noruegueses, entre os quais havia professores de Universidades, médicos, literatos, magistrados e pastores luteranos, com o fito de determinarem até que ponto as condições de preparo físico dos experimentadores influem favoravelmente sobre a produção dos fenômenos, deliberaram abster-se por seis meses de toda bebida alcoólica, do fumo, de drogas, para, ao cabo do terceiro mês, realizarem uma série de doze sessões, às quais não seriam admitidas pessoas estranhas, comprometendo-se os que haviam de a elas assistir a comparecer ininterruptamente. No grupo, que se compunha de uma trintena de pessoas, os dois sexos se achavam representados em partes iguais.

Encerrada a série das sessões, alguns dos experimentadores relataram em opúsculos e livros o que nelas ocorrera. Tudo quanto aqui exponho tiro-o do "Diário" da Baronesa Peyron (Light, 1907, pág. 439) e das longas citações

Acervo Virtual Espírita

que, numa conferência, Mrs. D' Esperance fez do livro: Harper Luften:, publicado por um magistrado que participara do grupo. No relato norueguês, o autor cita, com prévia autorização, os nomes de quase todos os que assistiram às experiências. Contudo, Mrs. D' Esperance não se julgou autorizada a fazer o mesmo numa conferência (Light, 1903, páginas 559-571). Pelo "Diário" da Baronesa Peyron ai verifica que o iniciador das sessões foi o Doutor Von Berten, conhecido cultor das pesquisas psíquicas, e, da conferencia de Mrs. D' Esperance, se vê que para dirigi-las foi proposto Herr Sjostedt e que as sessões se realizaram na casa do professor Herr D.

A forma materializada de "Nepentes" foi das primeiras a manifestar-se e continuou a fazê-lo em quase todas as sessões. Era uma forma de mulher belíssima; mostrava-se, à claridade de uma luz, simultaneamente aos experimentadores e a médium, que se conservava desperta e fora do gabinete, entre aqueles; materializava-se em meio do circulo e se submetia a todos os desejos dos presentes, ora prestando-se a ser fotografada, ora a escrever no canhenho de algum dos assistentes, ora a fornecer o modelo da própria mão, imergindo-a em parafina líquida.

Este último episódio se acha assim descrito no livro Harper Luften::

"Imensa e ansiosa era a expectativa. Conseguirá? Não conseguirá? Em tal estado nos achávamos, que a médium o percebeu e recomendou: "Não me falem; tenho que estar quieta; procurem todos se manter calmos e tranqüilos." Por alguns minutos mais, na obscuridade das cortinas, continuou o leve rumor da mão que mergulhava no líquido e dele emergia, enquanto nós outros víamos claramente a forma branca do fantasma, curvada sobre o recipiente. Por fim, "Nepentes" se ergueu, encaminhou-se para onde estávamos... e olhou em derredor, até descobrir Herr E. que se achava sentado, semi-oculto, por trás de outro espectador. Dirigiu-se a ele, suspensa no ar, e lhe entregou um objeto. "Entregou-me um pedaço de cera" - exclamou Herr E. Logo, porém, retificou: "Não; é o molde de sua mão, cobrindo-a até ao pulso. A mão se dissolve dentro do molde". - Ainda não acabara de falar e já a forma volvia calmamente para o gabinete. - Afinal, obtivera-se o tão desejado fenômeno. - Finda a sessão, procedeu-se ao exame do molde. Pelo exterior, era informe, grumoso e constituído de muitas camadas sobrepostas de parafina; mas, pela estreita abertura do pulso, percebia-se, no interior, a figura de todos os dedos de uma pequenina mão. - No dia seguinte, levamo-la a um modelador profissional (um certo Almiri), para que dali tirasse o modelo. Ele e os seus operários se puseram a olhar atônitos para o molde, pelo reconhecerem que uma mão humana, depois de o haver produzido, não poderia retirar-se dele. Acabaram por chamar-lhe obra de bruxaria. Quando o modelo ficou pronto, tivemos diante dos olhos uma mão pequenina, mas completa até ao pulso, na

Acervo Virtual Espírita

qual se destacavam perfeitamente as unhas e se desenhavam às linhas mais finas das juntas, das articulações e da palma. Os dedos afilados e admiravelmente conformados foram o que mais espantou o artista e o convenceu da origem supranormal do molde, sobretudo porque se apresentavam recurvos, de maneira a tornar impossível que uma mão humana dali se retirasse."

Neste outro tópico, vem descrito o modo por que "Nepentes" se desmaterializava dentro do círculo dos experimentadores:

"...Ela se colocava entre nós e ia inclinando lentamente a cabeça, onde reluzia o habitual diadema. Em poucos minutos, sem que se percebesse o mais leve ruído, a sobre-humana, a espiritual "Nepentes", tão bela, tão real, tão viva, se convertia numa nuvenzinha nunca maior do que uma cabeça humana, onde continuava a brilhar o diadema. Em seguida, aquela luminosidade se enfraquecia, o diadema se dissolvia e desaparecia. Estava tudo acabado."

Pareceu-me necessária à transcrição desses trechos, para ministrar aos leitores dados bastantes a convencê-los da seriedade e da incontestável genuinidade das experiências em questão. Volto-me agora para o episódio que nos interessa e que ai acha descrito nestes termos, no livro citado:

"Nepentes" se apresentou mais bela do que nunca. Com toda a admiração e todo o respeito que consagro às amáveis e gentis senhoras das minhas relações, não posso deixar de repetir que meu olhos jamais viram um ser comparável a tão sublime criatura - mulher, fada, deusa, fosse o que fosse - e, afirmando isto, faço-me intérprete da admiração de todos. Dando com Herr E., curvado sobre o seu calepino, a tomar notas, ela se deteve a contemplá-lo. Herr E. lhe pediu então que escrevesse para ele uma frase e lhe ofereceu o calepino e o lápis, que ela aceitou. Ele se levantou e postado por detrás dela ficou observando. Estavam ambos ao lado da médium, porém um pouco para trás desta. Nós outros contemplávamos, em ansiosa expectativa, aquele grupo de três pessoas. - "Ela está escrevendo" - anunciou Herr E. - Víamos as suas cabeças curvadas sobre os dedos que escreviam e cujos movimentos distintamente se notavam, Pouco depois, o calepino e o lápis foram restituídos a Herr E. que se sentou triunfante. Examinando as páginas escritas, vimos cobertas de caracteres gregos, traçados com muita clareza, mas ininteligíveis para todos os presentes. No dia imediato, fizemos fossem traduzidos do grego antigo para o grego moderno e deste para a nossa língua. Eis o que continham: "Sou "Nepentes", amiga tua. Quando te achares oprimido por excessiva dor, invoca-me a mim, "Nepentes", e eu prontamente acorrerei a lenir as penas." - Feliz mortal'. dizíamos todos intimamente, congratulando-nos com ele.

Acervo Virtual Espírita

Faço ponto aqui nas transcrições. Antes de discutir este notável episódio de xenoglossia, sinto-me no dever de dedicar alguns parágrafos à defesa de Mrs.DEsperance.

O professor Richet, tão sereno, tão equânime, tão justo e bem informado quando emite opinião, favorável ou desfavorável, sobre a honestidade dos médiuns, mostra-se, ao invés, dolorosamente injusto para com a D' Esperance. Já à pág. 512 do seu "Tratado de Metapsíquica" (primeira edição) cai no erro de incluí-la no rol dos médiuns profissionais, quando, ao contrário, ela sempre se prestou gratuitamente às experiências, por amor da causa, e sempre ganhou a sua vida ocupando o cargo de "correspondente" da importante firma comercial Fidler & Cia, de Gothemburgo (Suécia). Esse involuntário engano, contudo, nenhuma importância apresenta. Quando, porém, lhe sucede ter de referir-se à mediunidade da D' Esperance, o professor Richet jamais deixa de manifestar a sua desconfiança. Assim é que, à pág. 278 daquele "Tratado", aludindo ao caso que estamos apreciando, observa: "O caso "Nepentes" é interessante; mas. importa guardar extrema reserva, quando se trata de experiências com a Senhora D' Esperance."

Tenho, repito, por sumamente deploráveis, injustificadas e... até mesmo absurdas essas formas de insinuações graves, diante das modalidades sob que se produziam os fenômenos com a D' Esperance. Toda gente, com efeito, sabe que, ainda no início da sua mediunidade, como houvesse sofrido as suspeitas e maledicências a que se acham expostos os médiuns, pela fatalidade das circunstâncias, ela resolveu tentar fazer as suas experiências a uma luz suficiente e, se não fosse possível, renunciar para sempre ao exercício da mediunidade. Aconteceu, porém, que a tentativa obteve êxito: gradativamente, os fenômenos se foram produzindo a uma claridade cada vez maior, até que ela chegou a exercer a sua mediunidade sentando-se na fila dos experimentadores, dando as costas ao gabinete mediúnico, num compartimento iluminado bastante a tornar possível distinguirem-se todos os objetos nele existentes, a reconhecerem-se umas às outras as pessoas, a observarem todas o que se passava, a tomarem suas notas, a verem as horas, condições estas de experimentação que se verificam observadas no episódio cuja narrativa ficou acima reproduzido.

Na realidade, dos trechos citados dessa narrativa ressalta que o aposento era iluminado bastante para que todo ai vissem uns aos outros, observassem todos os movimentos de "Nepentes", tomassem notas; que a médium se sentava no círculo dos experimentadores, dando as costas ao gabinete; que se conservava desperta e que, em certo momento, exortou os assistentes a que não lhe dirigissem a palavra, por lhe ser necessário manter-se passiva, a fim de não obstar à produção dos fenômenos. Ressalta igualmente que o fantasma de

Acervo Virtual Espírita

"Nepentes" lhe ficava próximo, visível a todos, aplicado a mergulhar e remergulhar a mão na parafina fervente, para satisfazer a um desejo dos experimentadores. De onde saíra materializado aquele fantasma, simultaneamente visível com a médium? Importa lembrar que as sessões se realizavam em casa do professou Herr D. e não em casa da médium. Mas, isto não é tudo, porquanto "Nepentes" se materializava e desmaterializava dentro do círculo dos experimentadores e que os que testemunhavam o admirável acontecimento eram em número de trinta! Como, pois, se há de admitir logicamente uma suspeita de fraude em circunstâncias tais? A pretenderem que se tratava de uma criatura viva, que se introduzira, não se sabe como, em casa de outrem, para depois passar, despercebida, ao aposento onde se realizavam as sessões e aí fazer de "comparsa" fantasmática, lícito é perguntar-se como essa "comparsa" teria podido materializar-se dentro do círculo formado pelos experimentadores, o que significa: desagregar-se, desvanecer-se, até se tornar uma nuvenzinha de ectoplasma, para, em seguida, desaparecer sob os olhares de trinta testemunhas? E o episódio da mão do fantasma, que, metida na luva de parafina, se desmaterializa entre as mãos de um dos experimentadores, deixando em seu poder a luva-molde? Quem poderia imitá-lo, por meio de fraude, nas condições em que se produziu? E como se poderia imitar, fraudulentamente, a particularidade de o fantasma andar pelo aposento, suspenso nos ares! Parece-me que basta.

E incontestável que o caso complexo e maravilhoso do fantasma materializado de "Nepentes", em o qual nenhuma das diversas modalidades que lhe caracterizam a efetivação se poderia imitar, por quaisquer meios fraudulentos, deve considerar-se como obtido em condições de experimentação verdadeiramente ideais, do ponto de vista científico.

Agora que estou bem seguro com relação ao fato em apreço, isto é, bem certo de que ninguém poderá surgir para me demonstrar que estou em erro; agora, que a genuinidade das materializações de "Nepentes" se acha inabalavelmente demonstrada pelos fatos, sinto-me habilitado a declarar que assume valor científico de primeira ordem o admirável episódio de xenoglossia, em que o fantasma de que se trata, depois de haver dito que viveu na Terra pela época heróica da Grécia antiga, confirma este asserto, escrevendo em grego antigo, no calepino de um dos experimentadores, ou, seja, na língua que fora a sua, língua que todos os presentes ignoravam. Ele demonstra, de modo incontestável e definitivo, que a intervenção das entidades espirituais dos falecidos, nas experiências mediúnicas, é fato experimentalmente comprovado.

Essa grande Verdade - já eu o disse - ainda levará muito tempo para se impor ao mundo. Isso, entretanto, não impede que para aqueles que sabem ela

Acervo Virtual Espírita

já seja uma verdade conquistada para a Ciência, pelos fatos. Se houver quem assim precisamente não pense, convido-o a declarar de público com que hipótese naturalística julga se chegue a interpretar o caso de "Nepentes".

Caso XXXV - Também é muito conhecido este último caso da presente classificação e já foi por mim citado no meu livro: "Em Defesa do Espiritismo".

E de recente data, pois ocorreu numa das grandiosas sessões de materialização que se realizaram e continuam a realizar-se em Varsóvia, na "Sociedade de Pesquisas Psíquicas", dessa cidade que o conhecidíssimo médium Franck Kluski, que, atente-se bem nisto, é um banqueiro que se presta a servir de instrumento mediúnico, exclusivamente por amor da Ciência. Cumpre igualmente se note que também é delicado poeta e apaixonado pelo estudo das ciências naturais. Na sua família, a mediunidade é hereditária e Kluski se sente impelido a experimentar, por uma imperiosa necessidade de penetrar o grande mistério de que ele participa, como protagonista inconsciente.

O professor Pawloski teve ocasião de assistir a algumas sessões em casa de Kluski e publicou sobre elas um relatório, no número de Setembro de 1925 do "Journal of the American Society for Psychical Research". Sob diversos pontos de vista, esse relatório se revela extraordinariamente interessante; devo, porém, limitar-me a transcrever apenas alguns de seus trechos, os que se referem. aa tema aqui em apreço. Suas impressões, respeito aos fantasmas que se manifestam materializados, o Professor Pawloski as resume com estas palavras

A particularidade que nas manifestações de fantasmas humanos mais impressiona - melhor direi: a particularidade cientificamente mais importante - consiste no fato de eles se comportarem perfeitamente, somo se fossem pessoas vivas. Dir-se-iam indivíduos convidados para uma recepção social. Davam volta à sala, distribuindo sorrisos de agradecimentos aos experimentadores que lhes eram familiares e olhando com curiosidade para aqueles a quem não conheciam... Do modo gentil como procediam com todos, da presteza com que respondiam às nossas perguntas, de tudo o que faziam transpirava a ansiedade que os dominava por dar aos vivos a convicção de estarem ali entidades espirituais de defuntos, por lhes tirar da idéia que eles fossem efêmeras personalidades sonambúlicas, ou "visões alucinatórias"...

...Os fantasmas que se materializam são pessoas defuntas que pertenceram a todas as nacionalidades e que as mais das vezes falam as suas línguas terrenas. Todavia, se os presentes os interrogam numa língua diferente dessas (quase sempre em polonês) , eles os compreendem perfeitamente bem. Parece que possuem a faculdade de ler os pensamentos na mentalidade dos

Acervo Virtual Espírita

experimentadores, porquanto não é preciso que estes exprimam seus desejos ou formulem suas perguntas, para que obtenham a satisfação daqueles e resposta a estas. Basta pensar alguém no que deseja que o fantasma materializado faça, para que este execute o que foi pensado, ou não execute, respondendo, no segundo caso, com uma recusa. Sempre que se negam a atender aos pedidos dos experimentadores, explicam que não podem produzir o fenômeno solicitado, prometendo, porém, tentar a prova noutra circunstância. Nem todos os fantasmas materializados se apresentam em condições de falar; comunicam-se, quando não o podem fazer pela palavra, por meio de batimentos, processo, aliás, lento e tedioso. Quando falam, suas vozes ressoam com bastante clareza e com timbre normal. Dir-se-ia, porém, que soam como um murmúrio... forte.

Observando-se-lhes, ao falarem, a expressão vivaz das fisionomias, fica-se convencido da individualidade deles. Certa vez, em que se materializou a personalidade de um Turco (familiar aos outros experimentadores), pude ler-lhe claramente no semblante os sentimentos que o animavam, desde que notou no meu a expressão da jubilosa surpresa em mim produzida pela sua aparição. Veio ter comigo e, inclinando-se, me saudou em turco, por estas palavras: "Chokiash Lebistan!" - Vendo que eu não entendera, repetiu com ênfase a mesma frase, sorrindo amavelmente. Nos poloneses nutrimos grande simpatia pela nação turca, de sorte que, nada havendo percebido das suas palavras, respondi exclamando: "Viva a Turquia!" - Logo reconheci que ele compreendera, pois que me sorriu de novo, os olhos lhe brilharam de viva alegria e aplaudiu batendo palmas fizeram, em seguida, uma grande reverência e retirou-se. A minha cortesia lhe proporcionara um momento de patriótica satisfação. Sem demora, tomei nota, foneticamente, da frase que ele pronunciara e no dia seguinte procurei uma pessoa conhecedora da língua turca, a fim de que ma traduzisse, e vim a saber que a frase significava "Viva a Polônia!"

A mais rara e, provavelmente, a mais elevada forma cuja materialização se produziu por intermédio de Kluski, forma que vi duas vezes, foi à figura solene e completamente luminosa de um ancião. Era de dizer-se - um foco de luz. Informou-me ser visitante assíduo do grupo. A luz que de seu corpo se irradia é bastante intensa para lançar claridade sobre todos os experimentadores, bem como sobre os mais distantes objetos do aposento. Os pontos, nele, de maior luminosidade são a região do coração e as palmas das mãos.

Nas sessões com Kluski, a mesa mediúnica, por detrás da qual jaz o médium, é colocada num ângulo da sala. Aquele fantasma apareceu no meio desta, a certa distância de nós. Trazia à cabeça um chapéu cônico e vestia

Acervo Virtual Espírita

longa toga, com amplas e numerosas dobras. Avançou a passo majestoso em direção a nós, formando a sua toga uma como cauda, que se estendia pelo chão. Desenhou no ar com a mão um grande triângulo e entrou a falar com voz solene e profunda. Deteve-se por uns dez segundos atrás de mim, estendeu a mão cintilante de luz e continuou a falar. Retirou-se depois para um canto afastado e aí se dissipou. Sua presença produziu na sala tal abundância de ozônio, que ao fim da sessão o ambiente se conservava saturado dele. Tinha a aparência de um homem muito velho, de comprida barba acinzentada. Era gutural e incompreensível para todos nós a língua em que se exprimia, se bem os presentes conhecessem, uns pelos outros, uma dúzia de idiomas. Até agora, ainda ai não conseguiu identificar esse fantasma, nem a língua de que se serve. Contudo, no circulo dos experimentadores; é conhecido pela designação de "sacerdote assírio", que se casa admiravelmente com o aspecto e o vestuário sob que se apresenta.

Das portentosas experiências, a que me reporto, são estas as partes que de certo modo concernem ao tema que vimos considerando. Por isso mesmo, não será inútil comecemos fazendo notar que há nelas particularidades de exteriorização, impossíveis de conseguir-se por meios fraudulentos. Assim, por exemplo, a dos fantasmas lerem na mente dos experimentadores os pensamentos e responderem antes que estes formulassem verbalmente suas perguntas não poderia, sem dúvida, ser imitada por um "comparsa" de carne e osso, que se introduzisse no ambiente para fazer de fantasma. E, desde que esse fato se verificava constantemente, sem distinção de fantasmas, ele por si só bastaria para provar a gênese supranormal dos fenômenos.

Além disso, considerando a materialização do "sacerdote assírio", que percorria, andando, o círculo dos experimentadores, a falar em tom solene, e estendia a mão cintilante de luz por sobre as suas cabeças, retirando-se depois para um canto da sala, onde misteriosamente desaparecia, observarei haver aí um tal conjunto de particularidades assombrosas, que certamente ninguém lograria produzir com qualquer gênero de fraude.

Pelo que respeita ao tema com que me ocupo, assinalo, antes de tudo, que, se, de um lado, os episódios de xenoglossia ocorridos condizem com o título da presente categoria, visto que produzidos por fantasmas materializados, de outro lado, discordes são desse título, porque não foram obtidos mediante a "escrita direta", mas por meio da palavra. Isto diz, unicamente por uma questão técnica na classificação, pois o fato em si mesmo nenhuma importância tem.

Quanto ao valor intrínseco dos fenômenos de xenoglossia registrados, cumpre se atente, antes do mais, na frase do relator: "Os fantasmas que se materializam são pessoas defuntas que pertenceram a todas as nacionalidades

Acervo Virtual Espírita

e que as mais das vezes falam as suas línguas terrenas." Daí se pode inferir que foram numerosos os casos de xenoglossia, nessa série de experiências.

Nada obstante, como episódios circunstanciados, de que se possa dispor numa classificação, um apenas, por enquanto, se destaca: o do fantasma de nacionalidade turca, que se exprimiu na língua turca, ignorada de todos os presentes, e que, quando percebeu que o interlocutor não o entendera, repetiu com mais ênfase a mesma frase, sorrindo amavelmente, como para fazer que, pela expressão eloqüente do seu semblante, o outro adivinhasse o significado da frase proferida. E esta uma particularidade complementar, a que não falta valor sugestivo, pois demonstra a presença real, no lugar da sessão, de uma personalidade vidente, consciente, inteligente, que se exprimia na própria língua, para melhor provar aos vivos a sua independência espiritual. Isto se harmoniza com o que acentuou o relator, dizendo que, do modo como se comportavam e agiam aqueles fantasmas materializados, "transpirava a ansiedade que os dominava per dar aos vivos a convicção de estarem ali entidades espirituais de defuntos, por lhes tirar da idéia que eles fossem efêmeras personalidades sonambúlicas, ou visões alucinatórias".

Essas considerações reforçam o valor teórico do fenômeno de xenoglossia, embora fossem poucas as palavras que o fantasma pronunciou. Mas, de um fantasma materializado não se podem esperar conversações extensas, porquanto a força e os fluidos de que dispõem as personalidades espirituais, que se materializam, elas as consomem inteiramente na organização fantasmática.

Pelo que toca ao outro fantasma, o do "sacerdote assírio", ponderarei que, se algum dia os experimentadores se lembrarem de convidar para assistir às sessões um arqueólogo decifrador de escritas cuneiformes, babilônicas e assírias, e desse modo lograrem demonstrar que o fantasma do "sacerdote assírio" se exprime. com efeito em linguagem assíria ou babilônica, terão conseguido outra magnífica prova da gênese espirítica dos fenômenos de xenoglossia.

CONCLUSÃO

Chegado ao termo desta longa classificação, cumpre-me, antes de ir adiante, passar em revista todas as hipóteses que se hão formulado contra a interpretação espiritualística dos fatos, indicando os pontos deste meu trabalho onde cada uma de tais hipóteses foi discutida e refutada. Inútil, além disso, não será que me estenda, ulteriormente, a discutir algumas das hipóteses que, pela sua mais que evidente inverossimilhança e absurdidade, não julguei oportuno confutar a fundo. Disponho-me a fazê-lo aqui, nas conclusões, para

Acervo Virtual Espírita

evitar a possibilidade de que algum opositor me surja pela frente, lançando-me a pecha de... reticencioso.

Em primeiro lugar, vem à hipótese da "criptomnésia", segundo a qual, da subconsciência emergem conhecimentos adquiridos e depois olvidados e, também, conhecimentos adquiridos inconscientemente. Esta hipótese, de alcance explicativo bastante limitado, se mostra muito aquém da tarefa de explicar os fenômenos de xenoglossia. Nada obstante, o Doutor Walter Prince dela insistentemente se vale nas suas tentativas de explicar naturalìsticamente os magníficos episódios de xenoglossia, obtidos por Florizel Von Reuter. Utilizou-a ele nas duas formas que comporta: visual e oral. Discuti-as ambas e as refutei, comentando os casos I, XVI e XXI. Lembrarei, a propósito, que as modalidades sob que se apresenta a "criptomnésia" nada têm de comum com as modalidades que a xenoglossia "reveste, porquanto a característica desta última é a coerência, dado que as manifestações em língua ignorada consistem sempre em conversações racionais, ou em observações atinentes à situação do momento, ao passo que a característica da criptomnésia é a infalível incoerência de frases fragmentárias, que emergem do subconsciente, baldas de relação qualquer com a situação ou a conversação do momento".

Em segundo lugar, apresenta-se a hipótese da "clarividência telepática", ou "telemnesia", segundo a qual o médium habilmente extrairia da subconsciência dos presentes e dos ausentes os conhecimentos lingüísticos, de que dá prova. Originariamente, esta hipótese foi concebida dentro de limites bem mais modestos, apenas para explicar, de maneira naturalística, os casos em que o médium fornecia ignorados pormenores de ordem privada, relativos a um defunto que se dizia presente. Mas, já de si muito audaz e passavelmente gratuita, ela se refez destituída de senso comum, quando a querem estender aos casos de xenoglossia, porquanto a estrutura orgânica de uma língua se há de aprender laboriosamente nas gramáticas e só quem a estudou pode empregá-la, visto que as regras gramaticais têm que ser aplicadas caso a caso, no ato de falar-se ou escrever-se, não podendo aplicá-las quem não as haja estudado. Equivale isto a dizer que a estrutura orgânica de uma língua é pura abstração, donde se segue que não existe em parte alguma, que, portanto, ninguém a pode tirar do cérebro de outrem.

Em terceiro lugar, está a hipótese da "telestesia", sob a forma de "leitura à distância em livros fechados", hipótese que discuti comentando os casos VIII e IX e que, no círculo da sua jurisdição, não é gratuita, porque se acha experimentalmente demonstrada. De tal sorte, poderia ser usada legitimamente para explicar os casos de pseudoxenoglossia, em que o médium profere frases destacadas de uma língua que ignora, frases que nenhuma relação guardam com a situação do momento, mas idênticas às que se encontram em livros e

Acervo Virtual Espírita

dicionários. Tal explicação, contudo, se revela dúbia nos casos em que as frases mediunicamente obtidas, se bem tenham sido tiradas inconscientemente de livros ou documento, foram empregadas de acordo com a situação real do ambiente, ou em respostas adequadas a observações formuladas no momento. Estas circunstâncias demonstram que a personalidade mediúnica que se comunicava conhecia o significado das frases buscadas, por processos supranormais, em livros e documentos, o que de forma notável complica o fenômeno de pseudoxenoglossia, e induzem a prestar-se fé às personalidades mediúnicas que declaram proceder assim com o objetivo de oferecerem mais uma prova da sua presença espiritual no lugar onde se dá a manifestação. Todavia, não insistirei sobre este ponto, porque, nas circunstâncias em que se deram às exteriorizações a que me reporto, não houve xenoglossia propriamente dita, mas pseudoxenoglossia, que nada de comum apresenta com aquela.

Em quarto lugar, há uma hipótese aplicável unicamente aos fenômenos de xenoglossia obtidos por meio da "voz direta". Segundo esta hipótese, dever-se-ia presumir que, quando ocorrem casos de xenoglossia que essa forma de mediunidade, o que se dá é que o experimentador conversa com a própria personalidade subconsciente exteriorizada. Semelhante hipótese, verdadeiramente de pasmar, eu a discuti e refutei, nos comentários ao caso XXXI, fazendo notar, entre outras coisas, que dois episódios ali está, em que as personalidades comunicantes falaram línguas que todos os presentes ignoravam, circunstância que por si só basta para aniquilá-la, tão exuberantemente fantástica ela é. E, isso, mesmo sem se ter em conta o seu desacordo com as modalidades fundamentais sob que se produzem os fenômenos de "desdobramento". Provém esse desacordo, primeiramente, de que, para exteriorizarem o próprio "duplo" animado, preciso se tornava que os assistentes fossem médiuns de alto potencial, e, em seguida, de que inevitável é que aquele que se desdobra caia em sono mediúnico. Ora, os numerosos consultantes que conversaram com personalidades mediúnicas em língua que o médium ignorava não eram médiuns, logo não podiam desdobrar-se; não caíram em sono, logo não se haviam desdobrado.

Em quinto lugar, apresenta-se a hipótese da "memória ancestral", que discuti repetidas vezes, ao comentar os primeiros casos citados, e que, depois, deixei de tomar em consideração, por me ter parecido inútil insistir em discuti-la, já havendo demonstrado, exaustivamente, o absurdo de tão peregrina hipótese, incapaz de explicar os múltiplos casos em que a xenoglossia se verificava em línguas ou dialetos extintos desde muitos séculos ou de milênios; como de explicar a circunstância de os médiuns falarem numa dúzia de línguas diversas.

Acervo Virtual Espírita

Em sexto lugar, surge a do "reservatório cósmico das memórias individuais", por mim discutida nos comentários ao caso XV, hipótese esta que apareceu como portentoso apêndice da sua irmã denominada "criptomnésia", mas que se não pode aplicar aos casos aqui estudados, nos quais não se trata de lembrança de ocorrências passadas, mas de uma atividade inteligente, desenvolvida na atualidade e em correspondência com situações do momento.

Vem, afinal, a sétima, aventada há. muitos anos por Hartmann, segundo a qual os médiuns se poriam em relação com o Absoluto, isto é, com Deus. Em face dessa incomensurável audácia teórica, uma só coisa me competia: confessar-me teoricamente vencido... Desde que se tratasse de uma hipótese racional. Tenho, com efeito, que me considerar vencido, porquanto, sendo a onisciência, a onipresença e a onipotência os atributos do Ente Supremo, nada se poderia negar ao Absoluto e nada haveria impossível para quem conversa com o Absoluto.

No caso XV, tive que me referir a essa hipótese, a propósito do episódio de xenoglossia de "Patience Worth" e citei as considerações do filósofo inglês professor Schiller que, sublinhando a impossibilidade de explicar-se o caso em apreço por meio de qualquer hipótese naturalística, alude, por fim, nestes termos, à hipótese do Absoluto:

Há filósofos que, tendo enveredado pela cômoda via da hipotética extensão da personalidade humana, mal dispostos se mostram a parar, enquanto não cheguem ao Absoluto. Devemos, pois, estar prontos a aprender de qualquer crítico que a arte literária de Patience Worth nada mais é do que uma autêntica revelação do Absoluto... Não menos certo, porém, é que, com semelhante hipótese, daríamos de chofre noutra formidável dificuldade, a de que, em tal caso, Patience Worth viria a ser uma revelação, acima de tudo, humorística e excêntrica daquele Absoluto infinitamente perfeito de que falam os filósofos. Se me ponderarem que uma personalidade finita não pode deixar de ser uma seleção do "Absoluto", responderei que semelhante explicação explica demais, visto que se, nesse sentido, Patience Worth não passa de uma "seleção do Absoluto", todos nós, então, somos, do mesmo modo, seleções do Absoluto, o que equivale a dizer que, nos limites da argumentação exposta, Patience Worth seria um "espírito", como todos os outros.

Estes os argumentos que o professor Schiller articulou, em face da hipótese do Absoluto, tendo em mira a personalidade mediúnica de Patience Worth que, com o escopo de provar a sua independência espiritual relativamente ao médium, ditou romances completos, verdadeiras obras-primas, do ponto de vista literário, na áspera e rudimentar língua inglesa do século dezesseis. Vê-se daí que, com a hipótese do Absoluto, se haveria de

Acervo Virtual Espírita

supor que a portentosa escritora, usando de uma língua que o médium ignorava, teria sido uma personalidade espiritual que o Absoluto gerou para aquela circunstância.

Esta forma, sob a qual poderia apresentar-se a hipótese em questão, não é, entretanto, a com que a concebeu Hartmann. Ele imaginou que os médiuns se pusessem em comunicação direta com a "Consciência Cósmica", atributo do Ente Supremo, e dela extraíssem os pormenores ou os conhecimentos lingüísticos de que necessitassem para enganar o próximo, sendo tudo feito, naturalmente, com a magnânima aquiescência do mesmo Ente Supremo.

Daí decorre que, se a versão que lhe deu o professor Schiller já é de excessiva inverossimilhança, embora se não leve em conta que falharia ao seu objetivo, porquanto induziria a admitir-se que Patience Worth era um "espírito", idêntico aos "espíritos" que dão informações aos míseros mortais, a outra versão, a da concepção de Hartmann, não se revela apenas absurda, mas blasfema.

E basta disto, pois me parece que já consumi excessivo espaça com uma hipótese que culmina no absurdo filosófico, porquanto sustenta que um minúsculo ser finito, de inteligência rudimentar, chamado "homem", pode conversar familiarmente com o Ser Infinito, Impessoal e Eterno, criador do Universo, e que o pode fazer exclusivamente com o fim de mistificar o próxima!

Apresso-me a acrescentar, em homenagem ao equilíbrio mental dos opositores, que nenhum deles saiu a prolongar essa incomensurável heresia filosófica.

Tais as hipóteses que têm sido formuladas para, de qualquer modo, explicarem-se os fenômenos de xenoglossia.

O professor Richet, cujas idéias estudo sempre com grande deferência e proveito, depois de haver sinceramente reconhecido que algumas categorias de manifestações metapsíquicas, inclusive a que faz objeto deste trabalho, não podem explicar-se por nenhuma hipótese naturalística, se refugia... nos pósteros, com esta observação:

Ainda nem uma só hipótese temos, verdadeiramente séria, a tomar em consideração. Creio, em definitiva, numa hipótese desconhecida, que de futuro aparecerá! Não posso formulá-la, porque não a conheço." (Tratado de Metapsíquica, pág. 790.)

Com todo o respeito devido ao insigne homem de ciência, de cuja amizade me honro, digo parecer-me que essa observação se reduz, no fundo, a uma engenhosa "frase de efeito", carente de consistência real, visto que, presentemente, com as hipóteses acima apreciadas, já se há percorrido toda a gradação legítima e ilegítima, possível e impossível, das presunções

Acervo Virtual Espírita

hipotéticas que a mais desenfreada fantasia pudera excogitar. Pois não vieram à baila até a "Consciência Cósmica" e o "Absoluto" ?! Ir além não é possível, nem agora, nem nunca. Entretanto, o fato é que, com toda essa audaciosíssima seqüela de hipóteses, não se chegou à explicação naturalística dos fenômenos de xenoglossia, nem mesmo buscando-se refúgio no Absoluto. Não há quem não veja que esse resultado negativo fala com extraordinária eloqüência a favor da única hipótese capaz de explicar o conjunto dos fatos.

Isto posto, observarei que a verdade. a tal respeito, consiste em que, no tocante à categoria dos fenômenos de xenoglossia, as possibilidades teóricas, existentes para a solução do grande problema da gênese dos mesmos fenômenos, podem resumir-se no seguinte dilema: ou está provado que a subconsciência humana possui o dom da onisciência divina e, conseguintemente, pode conversar ou escrever em todas as línguas, sem as conhecer; ou, ao contrário, está demonstrado que, quando o médium conversa ou escreve numa língua que lhe não seja conhecida, não é ele quem isso faz, mas a entidade do defunto que se declara presente.

E assim que a grande questão se põe e não há maneira outra de pô-la. Segue-se daí que, como podemos ter a certeza de que os pósteros não chegarão nunca a demonstrar que a subconsciência humana possui o dom da onisciência divina, lícito nos é antecipar aos vivos de hoje, sem temor de que os pósteros algum dia nos desmintam a auspiciosa notícia de que a grande questão já se acha resolvida favoravelmente à interpretação espiritualística dos fatos.

Por outras palavras: ressalta evidente que, se os pósteros não chegarão nunca a demonstrar o que racionalmente, psicologicamente, filosoficamente é impossível de demonstrar-se, então se há de admitir que a primeira proposição do dilema formulado resulta absurda e insustentável, devendo, nesse caso, reconhecer-se que a solução integral da grande questão se contém na segunda proposição do mesmo dilema, visto que não existe uma terceira proposição. Sobre este último ponto, estou absolutamente seguro do que afirmo e desafio quem quer que seja a demonstrar que me acho em erro.

Razão, pois, me assistia quando, na introdução do presente trabalho, afirmei que as manifestações de "xenoglossia" se contam entre as mais importantes da fenomenologia metapsíquica, por isso que eliminam de um só golpe todas as hipóteses de que dispõe quem queira tentar-lhe a explicação, sem se afastar dos poderes inerentes à subconsciência humana. Da minha afirmação deriva, como conseqüência, que a interpretação dos fatos, no sentido espiritualista, se impõe agora de modo racionalmente inevitável. Quer isto dizer que, por obra dos fenômenos de xenoglossia, se tem que considerar

Acervo Virtual Espírita

provada a intervenção de entidades espirituais extrínsecas ao médium e aos presentes, nas experiências mediúnicas.

Assim é, mas, ao mesmo tempo, apresso-me a declarar que sou o primeiro a reconhecer, em consciência, que largo tempo ainda passará, antes que essa grande Verdade, subversora da civilização de uma época e iniciadora de nova época na História do mundo, consiga evolver, amadurecer, aclimar-se e impor-se à Humanidade, o que é um bem. Quando Galileu anunciou ao mundo a extraordinária descoberta, subversora da ciência astronômica do seu tempo, segundo a qual a Terra era uma esfera que rodava em torno de si mesma e girava em torno do Sol, um século foi preciso de lutas, antes que a estupenda verdade se generalizasse e obtivesse universal acolhimento. Outro tanto sucederá, porém com lentidão notavelmente maior e lutas muito mais rudes, respeito a esta outra Verdade, que se apresenta muitíssimo mais importante filosoficamente, cientificamente, moralmente e socialmente, do que todas as verdades que no passado, no presente e no futuro se hajam imposto ou venham a impor-se à meditação dos homens.

Conclui-se daí que os poucos privilegiados que hoje conhecem o Verdadeiro e lograram assimilá-lo (pois que não basta conhecê-lo, sendo necessária uma mentalidade madura para o assimilar), esses poucos privilegiados de hoje podem considerar-se os “eleitos” do Destino.

FIM.

Acervo Virtual Espírita

Gentilmente Cedido Por Autores Espíritas Clássicos